



Universidade Lusófona - Centro Universitário de Lisboa

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Mestrado em Diplomacia e Relações Internacionais

O Discurso Político de André Ventura:

**Indicadores de Populismo de Direita Radical nos Debates Televisivos das
Eleições Legislativas de 2022 e 2024**

Versão Final

João Bernardo Morgado Paixão, a22309164



Universidade Lusófona - Centro Universitário de Lisboa

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração
Mestrado em Diplomacia e Relações Internacionais

O Discurso Político de André Ventura:

**Indicadores de Populismo de Direita Radical nos Debates Televisivos das
Eleições Legislativas de 2022 e 2024**

Versão Final

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Ciência Política – Cidadania e Governação, conferido pela Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa, no dia 28 de outubro de 2025, perante o júri, com o Despacho de Nomeação n.º 486/2025, de 13 de outubro, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor Fernando Campos

Arguente: Prof. Doutor José Pedro Nunes da Silveira Zuquete (ICS – Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa) Orientador: Prof. Doutor Riccardo Marchi

João Bernardo Morgado Paixão, a22309164

Resumo

Esta dissertação analisa o discurso político de André Ventura nos debates televisivos das legislativas de 2022 e 2024, com o objetivo de identificar os principais indicadores de populismo de direita radical. Com base nos estudos de Mudde, Laclau e Canovan, examinam-se estratégias discursivas utilizadas por Ventura para construir uma dicotomia entre “povo puro” e “elite corrupta”, recorrendo à polarização, simplificação de problemas complexos e apelo às emoções. A investigação assenta numa análise qualitativa e indutiva do discurso político do líder do Chega, procurando demonstrar de que forma a sua retórica se enquadra no quadro mais amplo do populismo contemporâneo. Identificam-se temas recorrentes nos debates, como imigração, segurança, corrupção e o antagonismo em relação aos partidos tradicionais. Avalia-se ainda a forma como Ventura adapta a comunicação para mobilizar o descontentamento popular e reforçar a sua posição como líder antissistema. A análise revela um discurso altamente emocional e confrontacional, caracterizado por ataques diretos aos adversários e constante reafirmação de uma identidade nacionalista e securitária. Os resultados sugerem que a estratégia comunicativa, ao enfatizar a dicotomia “nós vs. eles”, contribui para a polarização política em Portugal. Conclui-se que o discurso levanta questões sobre a viabilidade das propostas e os seus efeitos na democracia.

Palavras-chave: Populismo, André Ventura, debates televisivos, comunicação política, Chega.

Abstract

This dissertation analyses André Ventura's political discourse during the televised debates of the 2022 and 2024 legislative elections, aiming to identify the main indicators of radical right-wing populism. Drawing on the theoretical contributions of Mudde, Laclau, and Canovan, it examines the discursive strategies employed by Ventura to construct a dichotomy between the "pure people" and the "corrupt elite," using polarization, simplification of complex issues, and emotional appeal. The research is based on a qualitative and inductive analysis of the political discourse of the Chega party leader, seeking to demonstrate how his rhetoric fits within the broader framework of contemporary populism. Recurring themes identified in the debates include immigration, security, corruption, and antagonism towards traditional parties. The study also evaluates how Ventura adapts his communication to mobilize public discontent and strengthen his position as an anti-system leader. The analysis reveals a highly emotional and confrontational discourse, marked by direct attacks on opponents and a constant reaffirmation of a nationalist and securitarian identity. The findings suggest that his communicative strategy, by emphasizing the "us vs. them" dichotomy, contributes to political polarization in Portugal. It is concluded that Ventura's discourse raises questions about the feasibility of his proposals and their implications for democratic stability.

Keywords: Populism, André Ventura, television debates, political communication, Chega.

Índice

Introdução	6
Metodologia	8
Pergunta de Partida e Objetivos	10
1. Revisão da Literatura	11
1.1 Conceito de Discurso Político.....	12
1.2 Características do Discurso Político.....	14
2. O Populismo	15
2.1 Populismo – Um conceito Controverso	20
2.2 Populismo como Estratégia Política	21
2.3 Os Partidos Populistas.....	22
2.4 Populismo de Direita Radical em Portugal	22
2.5 Características do Discurso Populista	23
2.6 Estilo Político	25
2.7 Estilo de Discurso.....	26
2.8 Importância do Discurso Político	26
3. O Populismo em Portugal	27
4. O Populismo como uma estratégia comunicativa	30
4.1 Estratégias Retóricas e Populistas.....	31
4.1.1 <i>Simplificação e Polarização</i>	32
4.1.2 <i>Apelo às Emoções</i>	33
4.1.3 <i>Uso de Inimigos Públicos</i>	36
4.1.4 <i>Vitimização e Legitimação</i>	37
4.1.5 <i>Agressividade e Confronto</i>	39
4.1.6 <i>Desafiar o Status Quo</i>	40
5. O Partido Chega	41
6. Singularidade do Populismo de André Ventura no Contexto Europeu	43
7. Perfil e Estratégias de Comunicação de André Ventura	44
7.1 O ator político André Ventura	45
7.2 A Construção do Discurso Populista: Estratégias e Impacto	53
7.2.1 <i>A Retórica Antielitista e a Dicção da Exclusão</i>	54
7.2.2 <i>Exclusão e Apelo ao Medo</i>	55
7.2.3 <i>Personalização do Poder e Uso Estratégico dos Media</i>	56
7.2.4 <i>Conclusão do capítulo</i>	56
8. Perspetiva de Ventura e do Chega sobre migrações	56
9. Análise dos Debates Televisivos das Eleições Legislativas	65

9.1	<i>Imigração</i>	66
9.2	<i>Corrupção</i>	69
9.3	<i>Elites Políticas</i>	72
9.4	<i>Segurança Nacional</i>	75
9.5	<i>Justiça</i>	77
9.6	<i>Consolidação da Análise dos Debates Televisivos 2024</i>	83
10.	Principais Indicadores de Populismo presentes no discurso de Ventura	83
10.1	<i>Dicotomia "nós vs. eles"</i>	87
10.2	<i>Simplificação de Problemas Complexos</i>	88
10.3	<i>Apelo às Emoções e Nacionalismo</i>	89
10.4	<i>Criação de Inimigos Públicos</i>	90
11.	A Evolução e Contradições do Discurso Populista de André Ventura	94
12.	Discussão dos Resultados	95
12.1	<i>A Ascensão de André Ventura e a Polarização Política em Portugal</i>	98
12.2	<i>Impacto do Populismo de Ventura no Eleitorado</i>	98
12.3	<i>Consequências para o cenário político português</i>	99

Índice Remissivo

Tabela 1 - Manifestações de Populismo no Discurso de Ventura, 97
Tabela 2 - Indicadores Empíricos Populistas do Discurso de Ventura, 91
Tabela 3 - Indicadores Populistas, 91

Introdução

No decorrer dos últimos anos, a política portuguesa testemunhou a emergência de uma impactante e polémica figura, André Ventura e o partido Chega. Enquanto líder partidário, Ventura tem desafiado as convenções políticas e tem-se destacado devido à retórica direta e controversa, que visa desafiar o sistema político. A sua célere ascensão tem despertado interesse, tanto nos cidadãos, como nos cientistas da área.

Os debates televisivos são cruciais durante as eleições, permitindo aos candidatos expor propostas, confrontar ideias e conquistar eleitores. Nas eleições de 2022 e 2024, ganharam especial destaque pela participação ativa de Ventura.

Esta produção escrita visa investigar a comunicação utilizada por André Ventura por meio da análise dos seus debates televisivos com os demais candidatos. Pretende-se compreender as estratégias discursivas de Ventura e os temas centrais das suas retóricas. A escolha desta temática não foi despropositada, mas justificada pela notoriedade e relevância no cenário político nacional, assim como pela capacidade de mobilizar e polarizar a opinião pública. Aquando da investigação das estratégias de comunicação nos debates televisivos, pretende-se desvendar aspetos relevantes da estratégia política e as principais consequências para o sistema democrático em Portugal.

A pesquisa centra-se na temática da comunicação política e procura compreender como a comunicação influencia a política e vice-versa. Ao explorar a comunicação de Ventura, ambiciona-se contribuir para uma ampla compreensão da dinâmica política contemporânea, assim como contribuir para o desenvolvimento de análises sobre o papel e influência dos *media* na formação da opinião.

A escolha da temática deve-se ainda ao facto da corrente política denominada populismo estar em voga nos dias de hoje, pela visibilidade e relevância alcançada. Nunca na história se registou tão célere ascensão de um substancial número de movimentos, alegadamente populistas, em países tão distintos. Desde Trump nos EUA, Bolsonaro no Brasil, Milei na Argentina, Meloni na Itália e Bukele, em El Salvador. Torna-se relevante determinar o impacto destes movimentos.

Por outro lado, pretende-se detetar os indicadores de populismo no discurso político de Ventura nos debates eleitorais, destacando os mais relevantes, enquanto se pretende apurar se se registou alterações na hierarquia de relevância, comparando diretamente 2022 e 2024.

Neste contexto, revela-se essencial compreender os fundamentos teóricos do populismo, antes de analisar as suas concretas manifestações, assim como a sua influência nos debates políticos recentes.

Metodologia

A metodologia refere-se às intenções dos planos de trabalhos, procedimentos e ao desenvolvimento de cada capítulo da dissertação. Deste modo, justifica-se, nesta investigação, o recurso à pesquisa bibliográfica, à consulta, análise e citação de diversos autores, com o intuito de construir o enquadramento conceptual e teórico do objeto de estudo: “os métodos de recolha e os métodos de análise dos dados são normalmente complementares e devem, portanto, ser escolhidos em conjunto, em função dos objetivos [...]” (Quivy e Campenhoudt, 2005, p. 227). Após essa fase, é necessário prosseguir para a pesquisa de fontes diretamente relacionadas com o tema da investigação.

Seguidamente ao enquadramento teórico da investigação, o método que permite perceber e posicionar o fenómeno ao qual o estudo se delimitou é o método indutivo, pois a partir de análises singulares é possível alcançar conclusões plurais. O método indutivo baseia-se no raciocínio que, após considerar um número suficiente de casos particulares, conclui-se uma verdade geral. De acordo com Santos et al, (2019), o “método indutivo defende que na investigação se deve começar por uma observação para que, no final de um processo, se possa elaborar uma teoria, pois o raciocínio indutivo faz-se do particular para o geral” (Santos et al, 2019).

A corrente investigação, tal como referido, propõe analisar os debates televisivos e o discurso político no decorrer das eleições de 2022 e 2024, de modo a verificar se o discurso comporta contornos populistas e se determinados indicadores de populismo comportaram diferentes níveis de relevância, em relação às eleições de 2022 e 2024. Por outro lado, pretende-se ainda acrescentar informação relevante académica e científica acerca dos indicadores de populismo de direita radical, no panorama político nacional.

Na constituição das ciências sociais, é importante ter em conta o método indutivo, visto que surgiu como forma dos estudiosos da sociedade abandonassem a postura especulativa e tendessem a priorizar a observação como um procedimento indispensável para desenvolver conhecimento científico (Prodanov et Freitas, 2013).

No caso da investigação qualitativa, pretende-se que uma variedade de questões responda particularmente bem à complexidade do mundo real, de modo a atingir resultados fidedignos para a pergunta de partida da investigação.

Optou-se ainda por centrar a análise exclusivamente os debates televisivos das eleições legislativas de 2022 e 2024, dado o seu elevado alcance mediático e potencial de condensação do discurso político em formato confrontacional. Esta seleção visou abranger todos os debates transmitidos em horário nobre nos canais de sinal aberto, totalizando um vasto leque de conteúdo. A transcrição e codificação foram feitas manualmente, de acordo com categorias pré-definidas, conscientes das limitações interpretativas inerentes à análise qualitativa sem software de apoio.

Pergunta de Partida e Objetivos

A melhor maneira de dar início a um trabalho de investigação em ciências sociais passa por enumerar o projeto sob a forma de uma questão de partida, assim sendo, a questão inicial "De que forma o discurso político de André Ventura, nos debates televisivos das eleições de 2022 e 2024, reflete estratégias de populismo e mobilização eleitoral?", tende a servir como fio condutor da investigação. Esta questão pretende apresentar qualidade de exequibilidade, clareza e de pertinência à corrente investigação (Quivy & Campenhoudt, 2005, citado em Amador, 2010, p.4).

Com a finalidade de ver a questão inicial respondida, o objetivo geral da investigação consiste em desenvolver o conhecimento necessário que permita compreender de que forma André Ventura articula um discurso populista nas suas intervenções. Tendo em conta os objetivos específicos, a investigação visa: 1. Identificar os principais temas abordados nos discursos no decorrer das campanhas eleitorais em estudo; 2. Identificar as características enumeradas por Cas Mudde, como integrantes da abordagem ideacional ao populismo; 3. Identificar ideologias associadas ao populismo de André Ventura; 4. Apurar se houve alterações nas relevâncias dos indicadores populistas do discurso de Ventura entre as campanhas de 2022 e de 2024.

Pretende-se analisar como André Ventura usa a retórica e a persuasão para mobilizar eleitores, recorrendo a metáforas, simplificações, apelos emocionais, polarização e construção de inimigos, típicos do discurso populista.

Muitas vezes, o discurso de Ventura é caracterizado como populista. Esta investigação procura apurar se as intervenções nos debates televisivos refletem os princípios do populismo, como o apelo direto ao povo, rejeição das elites, dicotomia do povo em relação à elite ou, até mesmo, toda a polarização política alegadamente provocada por Ventura.

Ambiciona-se situar o crescimento do partido no contexto da política nacional. O estudo pode ajudar a perceber como o Chega e Ventura canalizam insatisfações políticas e sociais em Portugal, particularmente em temas como a segurança, corrupção e imigração. Tendo em conta tudo isto, o primeiro capítulo aborda as bases teóricas do populismo, delineando as principais características e impacto no discurso político.

1. Revisão da Literatura

Neste ponto inicial da exposição teórica é elaborada uma discussão referente aos conceitos mais relevantes abordados no decorrer da investigação. De igual modo, é realizada uma análise com o objetivo de apurar se existe consenso entre os conceitos até agora definidos.

Deste modo, o caso português apresenta uma série de particularidades que o distinguem de determinados contextos europeus onde o populismo se encontra consolidado, justificando a relevância e pertinência deste estudo. Enquanto países europeus como França, Hungria ou Itália testemunharam o aparecimento de robustos movimentos populistas há várias décadas, Portugal permaneceu, até recentemente, como exceção no panorama europeu. Esta característica distintiva foi frequentemente atribuída a fatores como o forte enraizamento dos valores democráticos pós-Revolução de abril, assim como a ausência de condições estruturais, tais como elevados níveis de imigração ou polarização socioeconómica extrema, que vulgarmente catalisa discursos populistas.

Todavia, a emergência de André Ventura e do partido Chega sinalizam uma alteração paradigmática no cenário político nacional, refletindo uma tardia, mas estratégica adaptação das dinâmicas populistas ao contexto nacional. Assim, o estudo deste caso oferece uma oportunidade ímpar para compreender não apenas o impacto do populismo num sistema político previamente considerado resiliente, mas também as suas implicações no redirecionamento do debate político e na reconfiguração das estruturas partidárias em Portugal.

A análise do discurso político de André Ventura, especialmente nos debates televisivos realizados no período eleitoral, oferece uma perspetiva aprofundada sobre como o populismo impacta no sistema político português. Este estudo permite compreender de que forma Ventura utiliza estratégias discursivas, como a polarização, a simplificação de questões complexas, apelo às emoções, utilização de inimigos públicos, vitimização e legitimação, agressividade e confronto e o apelo direto ao povo, para mobilizar o eleitorado e desafiar as convenções estabelecidas. Ao explorar a retórica populista de Ventura, é possível avaliar não apenas o alcance das suas narrativas na formação de opinião pública, mas também os efeitos no reposicionamento das forças partidárias tradicionais e na crescente polarização política.

O enquadramento teórico desta investigação baseia-se em três abordagens centrais sobre o populismo, desenvolvidas por Cas Mudde, Ernesto Laclau e Margaret Canovan, que

concedem perspectivas complementares e enriquecem a análise do fenómeno. Cas Mudde define o populismo como uma "ideologia fina", caracterizada pela dicotomia entre o "povo puro" e a "elite corrupta", fornecendo uma estrutura analítica para identificar elementos populistas no discurso de Ventura (Conti, p.222, 2023). Por outro lado, Ernesto Laclau conceitualiza o populismo como uma "lógica política" centrada no antagonismo "nós *versus* eles", destacando o papel unificador da retórica populista em assuntos heterogêneos, uma abordagem essencial para entender a construção discursiva de Ventura (Nascimento, 2019). Margaret Canovan, por sua vez, enfatiza a ambivalência e adaptabilidade do conceito de "povo" no populismo, o que é particularmente relevante no contexto português, onde o populismo adota formas nacionalistas e conservadoras (Silva, 2021).

Essas perspectivas são particularmente úteis para compreender o modo como Ventura mobiliza elementos ideológicos, constrói narrativas polarizadoras e adapta o discurso populista ao contexto político e cultural português. Juntas, estas abordagens permitem uma análise multifacetada do populismo de Ventura, unindo dimensões ideológicas, discursivas e contextuais, e fornecendo uma base teórica robusta para a investigação.

Perante isto, esta investigação contribui para um entendimento mais amplo das dinâmicas de poder emergentes em Portugal, ao mesmo tempo que insere o caso português num debate global sobre o populismo como fenómeno político e comunicativo.

1.1 Conceito de Discurso Político

Desse modo, de acordo com Marques et al. (2022), o conceito discurso político pode regularmente ser definido como a comunicação escrita ou verbal utilizada por candidatos, partidos ou outras entidades políticas com a intenção de influenciar a opinião pública, promover agendas políticas e mobilizar eleitores. Segundo os autores, este tipo de discurso engloba uma vasta gama de práticas comunicativas, incluindo discursos em debates televisivos, discursos em comícios, declarações públicas, entrevistas e publicações em redes sociais (Marques. et al, 2022).

Consoante Moreira. et al (2017), o discurso político é entendido como uma forma de comunicação verbal ou escrita utilizada pelos diversos atores políticos (políticos, partidos, instituições governamentais ou ativistas), de modo a expressar ideias, influenciar a opinião pública, promover políticas e mobilizar apoio. Este tipo de discurso abrange uma ampla

variedade de formas e contextos, incluindo discursos em comícios, debates parlamentares, declarações à imprensa, campanhas eleitorais, e até mesmo publicações nas redes sociais (Moreira. et al, 2017).

Entende-se por discurso político os textos expositivos ou argumentativos, largamente persuasivos, em nome do bem comum, alicerçados por pontos de vista do emissor e por informações compartilhadas que traduzam valores políticos, sociais, religiosos ou de outro âmbito. Regularmente, faz-se apresentar como uma fala coletiva que procura sobrepor-se em nome de determinados interesses da comunidade. Este tipo de discurso encontra-se ainda inserido numa dinâmica social que constantemente faz com que seja alterado e ajustado a novas circunstâncias. Nos períodos marcados pelos atos eleitorais, a sua maleabilidade permite uma resposta que oscila entre a satisfação individual e os substanciais objetivos sociais da resolução das necessidades dos outros (Aquino. et al, 2020).

Em oposição à narrativa, o discurso político é considerado uma variável consensual na doutrina das relações internacionais. Desde o seu primórdio, quando os realistas clássicos devotaram particular atenção ao estudo do interesse público, estes faziam-no de modo a sustentarem as suas formulações junto da comunidade, o que reforça o carácter prático do discurso (Caldeira, 2023).

Embora o alcance e o consenso sejam importantes para a análise, o discurso político ainda é muitas vezes ignorado na área. Este determinante ocorre porque a comunicação tem sido menosprezada, especialmente com o surgimento das abordagens neorrealista e neoliberal. Essas abordagens têm uma lógica intersubjetiva, ou seja, estão sempre a moldarem-se a adaptarem às mudanças nos interesses dos envolvidos. Esses interesses são expressos por meio dos discursos políticos, que, ao legitimá-los, deixam uma "marca" (Colen, 2021).

A análise deste tipo de discurso baseia-se na compreensão de como a linguagem é utilizada no sentido de moldar e influenciar a opinião pública. Diik (1997), sugere que o discurso político pode ser considerado como um mecanismo através do qual os líderes transmitem as suas ideologias e consolidam o seu poder. Por outro lado, Fairclough (2003), enfatiza a natureza dialética do discurso, exatamente por este acreditar que a linguagem não apenas reflete as realidades sociais das comunidades, mas também faz parte dessas comunidades (Nogueira, 2001).

Por outro lado, Chilton (2004) e Fairclough (2001), definem o discurso político como uma manifestação linguística utilizada pelos diversos atores políticos para expressar, persuadir e influenciar o comportamento e as crenças de públicos específicos. O conceito envolve a construção de narrativas e ideologias que visam legitimar posições de poder, mobilizar apoio e moldar a opinião pública em torno de temas de interesse coletivo" (Chilton, 2004 & Fairclough, 2001).

1.2 Características do Discurso Político

O discurso político é uma forma particular de comunicação que desempenha um papel central no funcionamento e na organização das sociedades democráticas. Este tipo de discurso abrange um conjunto de práticas linguísticas e retóricas cujo objetivo passa por influenciar, convencer e mobilizar a opinião pública, sendo regularmente utilizado por líderes políticos, partidos e instituições para construir narrativas que moldam o entendimento do público sobre temas sociais, económicos e culturais. As características do discurso político incluem a sua capacidade de persuasão, o uso de retórica, a construção de identidade política e a produção de ideologias.

Uma das principais características do discurso político é o seu caráter persuasivo. Segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958), a persuasão é a essência do discurso político, pois ele visa influenciar o público para aderir a determinadas posições ou ideias. Esse tipo de discurso é projetado para gerar impacto emocional e racional, utilizando argumentos que apelam tanto à lógica quanto às emoções, como forma de construir consenso ou mobilizar apoio. A construção de argumentos é muitas vezes simplificada e adaptada ao público-alvo, uma característica essencial para assegurar a eficiência do discurso em diferentes contextos (Chilton, 2004).

Outra característica relevante do discurso político é o uso de retórica. De acordo com Caldeira (2023), a retórica é a arte de usar a linguagem para convencer, e no discurso político, a sua função é evidente. Frequentemente, os políticos utilizam figuras de linguagem, metáforas e hipérboles para fortalecer suas mensagens. Essas estratégias permitem que as ideias sejam transmitidas de maneira mais eficaz, ao tornarem as mensagens mais acessíveis e facilmente memoráveis para o público. Como exemplifica Charteris-Black (2011), o uso de metáforas pode transformar questões complexas em conceitos mais compreensíveis, o que facilita a construção de uma identidade política forte e a mobilização de eleitores (Charteris-Black, 2011).

Adicionalmente, o discurso político também tem uma função importante na construção de identidade política. Fairclough (2001) argumenta que o discurso não apenas reflete a realidade, mas também a constrói. No âmbito político, isso significa que o discurso é usado para definir e reforçar identidades coletivas, sejam elas nacionais, étnicas ou partidárias. Através do discurso, os políticos delimitam quem pertence ao "nós" (a comunidade a ser defendida) e quem pertence ao "eles" (os opositores a ser criticados). Essa dicotomia é uma ferramenta poderosa para mobilizar apoio, pois estabelece fronteiras simbólicas entre grupos sociais (Fairclough, 2001).

Por fim, o discurso político é uma forma eficaz de produção de ideologias. Ideologia, no contexto do discurso, refere-se a sistemas de crenças que orientam a forma como a realidade é percebida e interpretada (Dijk, 1998). Os políticos usam o discurso para naturalizar certas visões de mundo e justificar políticas, tornando certas posições mais aceitáveis, evitáveis ou inevitáveis. Isso pode ser observado, por exemplo, no uso de expressões como “interesse nacional”, que são empregadas para promover ações políticas específicas como sendo de benefício coletivo, quando, na realidade, podem servir interesses particulares.

Em suma, o discurso político é uma ferramenta complexa e multifacetada, que desempenha um papel crucial na organização das sociedades contemporâneas. As suas características centrais, como a persuasão, o uso de retórica, a construção de identidades políticas e a produção de ideologias, tornam-no uma forma de poder simbólico capaz de moldar as percepções públicas e influenciar decisões políticas.

2. O Populismo

No decorrer do ano de 2017, o termo populismo foi eleito como a palavra do ano pelo dicionário de Cambridge. Certamente, este acontecimento não se tratou de um mero acaso e esse ano corresponde ao ano em que Donald Trump tomou posse enquanto o 45º Presidente dos Estados Unidos da América. Nesse mesmo ano, o populismo foi elencado como um dos principais conceitos geradores de discórdia e alarido por parte da comunidade, no século XXI (Silva, 2019).

Todavia, e contrariamente ao que se possa imaginar, o termo populismo não teve origem na última década ou até mesmo no último milénio. Corria o ano de 1969 quando, após a realização de uma conferência assente no populismo, foi possível afirmar que “Um espectro

está a ameaçar o mundo: o populismo”. Nesta altura, aos autores não restavam dúvidas acerca da relevância do tema, independentemente da tónica que lhe fosse atribuída (Ionescu & Gellner, 1969, citado por Silva, 2019).

“Todas as tentativas de alcançar uma definição geral de populismo foram problemáticas, com alguns analistas a oferecerem definições com as principais características do conceito e outros a estabelecerem relações ténues entre os diferentes candidatos” (Silva, 2019, p. 15).

Laclau é considerado uma grande referencia desta temática e este considera o termo populismo deveras relevante e difícil de determinar, sendo assim uma parca definição do conceito aceite pelos demais (Silva & Baron, 2021).

De acordo com Laclau os termos populismo e política pressupõem a proposição de uma alternativa, no seio de uma comunidade, em relação ao seu futuro. Por norma, o populismo questiona a ordem institucional vigente, colocando um ‘oprimido’ em oposição a um ‘outro’ que é responsável por esta opressão.

“mas o mesmo ocorre na política. Só existe política através do ato de considerar [...] um sistema e apresentar uma alternativa ao mesmo (ou, pelo contrário, defender esse sistema contra potenciais alternativas existentes)” (Laclau, p.47, 2005).

Segundo Laclau (2005), a realidade social é ambígua e a política constitui-se através de dicotomias, nas quais “ocorre uma simplificação do espaço político (todas as singularidades sociais tendem a agregar-se em torno de um ou do outro polo da dicotomia), e os termos que designam ambos os polos são necessariamente imprecisos (de outra forma não conseguiriam incluir todas as particularidades que é suposto agruparem) (Laclau, p. 18, 2005).

A dificuldade em definir o populismo é amplamente reconhecida, com autores como Taggart (2000) a destacar a sua 'impalpabilidade essencial'. No entanto, diferentes abordagens têm contribuído para clarificar aspetos deste fenómeno. Cas Mudde, por exemplo, descreve o populismo como uma 'ideologia fina', limitada na sua estrutura teórica, mas altamente adaptável, centrada na oposição maniqueísta entre o 'povo puro' e a 'elite corrupta' (Mudde, 2004).

Em contraste, Ernesto Laclau apresenta o populismo como uma 'lógica política', na qual o antagonismo 'nós contra eles' funciona como um mecanismo unificador de reivindicações heterogéneas, destacando o papel central do discurso na construção de identidades políticas

(Laclau, 2005). Margaret Canovan, por sua vez, enfatiza a ambivalência do conceito de 'povo', que permite ao populismo adaptar-se a contextos variados, seja como movimento de protesto ou estratégia de poder (Canovan, 1999). Estas abordagens, embora distintas, oferecem perspectivas complementares que enriquecem a análise do populismo como fenómeno político e comunicativo.

No decorrer das últimas décadas, especialmente a partir do início dos anos 90 do século XX, registou-se, por todo o mundo, um reforço do que se chama movimentos populistas. De princípio, o populismo alcançou especial destaque na América do Sul. Na Venezuela, Hugo Chávez, ocupou o poder desde 1999 até ao ano de 2013, ano este em que se registou o seu falecimento. Por outro lado, Rafael Correa comandou os destinos do Equador durante dez anos (2007-2017). Mais recentemente, Jair Bolsonaro foi eleito presidente do Brasil.

O continente Europeu não é exceção e assistiu-se a um substancial reforço de partidos de extrema direita (Frente Nacional, em França; Partido pela Liberdade, na Holanda; entre outros). Todavia, os partidos de extrema-esquerda também viram a sua força eleitoral reforçada, nomeadamente o Syriza, que governou a Grécia durante quatro anos, ou o PODEMOS, em Espanha (Gomes, 2024).

Por outro lado, a natureza camaleónica do populismo é encarada como conceito central para entender a adaptabilidade e flexibilidade desse fenómeno político, refletindo a capacidade deste se adaptar a diferentes contextos, ideologias e discursos. Dessa forma, o conceito é definido distintamente por diferentes autores, mas complementares abordagens, o que ajuda a elucidar as características do fenómeno. Este termo remete diretamente para a capacidade do populismo se adaptar aos demais contextos culturais, políticos e ideológicos, assumindo formas diversas, tendo em conta o ambiente em que se insere (Mudde, 2004).

Para Laclau, essa flexibilidade encontra-se na capacidade do populismo se articular em torno de diferentes exigências sociais. Para Mudde, a capacidade do populismo se combinar com outras ideologias evidencia a sua versatilidade, permitindo-lhe adaptar-se às circunstâncias ideológicas específicas de cada país ou momento histórico. Já Canovan destaca a ambivalência do conceito de "povo" no discurso populista, o que facilita a sua transformação para atender a diferentes necessidades políticas e sociais.

Essa flexibilidade torna o populismo um fenómeno difícil de definir rigidamente, sendo capaz de manifestar-se de variadas formas em diferentes contextos. Tanto pode ser uma força de protesto quanto um elemento estabilizador no poder, dependendo das suas circunstâncias e objetivos. No caso em análise, de André Ventura e do Chega em Portugal, o populismo adota uma forma nacionalista e autoritária, com forte apelo a controversos temas de anticorrupção e anti-imigração. No entanto, essa manifestação particular do populismo poderia, num outro contexto, assumir uma forma mais centrista ou até mesmo de esquerda, caso fosse essa a receita para mobilizar o povo contra uma elite distante.

De acordo com Laclau, um dos mais influentes teóricos do populismo, este fenómeno não é observado como uma ideologia, mas sim como uma lógica política. Segundo o autor, o populismo surge quando um conjunto de exigências sociais não atendidas se articula em torno de um antagonismo entre "o povo" e "a elite". Este antagonismo é altamente flexível, permitindo que o populismo se adapte a uma ampla variedade de contextos e conjunturas políticas. A definição de "povo" e "elite" varia conforme o contexto, sendo construídas discursivamente para atender às necessidades políticas do momento. A chave para o sucesso do populismo, segundo Laclau, é a capacidade de unir requisições heterogêneas sob uma identidade popular comum, muitas vezes vaga, mas poderosa. Essa lógica populista pode ser adotada tanto pela esquerda quanto pela direita, demonstrando a sua capacidade camaleónica de moldar-se a diferentes realidades políticas (Azevedo, 2023).

Por outro lado, Mudde defende o populismo como uma ideologia fina, ou seja, uma ideologia que, ao contrário das ideologias clássicas como o liberalismo ou o socialismo, não tem um conjunto robusto de ideias próprias. Em vez disso, o populismo opera como uma tênue camada que pode ser combinada com outras ideologias mais estruturadas, como o nacionalismo, o conservadorismo ou até o socialismo. Este autor, refere-se ao populismo como uma “ideologia de baixa densidade” (*thin-centred ideology*), o que se pode traduzir no facto de este não constituir uma ideologia abrangente por si só, mas antes que combina com outras ideologias dominantes, tais como o nacionalismo, o conservadorismo ou mesmo o socialismo, de modo a adquirir conteúdo político substantivo (Mudde, 2004).

Mudde argumenta que o populismo se caracteriza por três elementos centrais: a divisão maniqueísta entre o "povo puro" e a "elite corrupta", a primazia da "vontade geral" do povo, e a rejeição das elites como representantes legítimos. Esta ideologia torna o populismo altamente adaptável, permitindo-lhe apropriar-se de temas de outras correntes políticas e

transformá-los em ferramentas de mobilização popular. Desta forma, o populismo pode adquirir diferentes colorações ideológicas, sendo de direita, como no caso de André Ventura em Portugal, ou de esquerda, como com Pablo Iglesias do Podemos, na Espanha (Teixeira, 2018).

Consoante Canovan, uma das primeiras autoras a mencionar o caráter multifacetado e contraditório do populismo, este surge em duas principais formas, nomeadamente o populismo agrário e o populismo político. O populismo agrário é marcado pelas suas raízes históricas em movimentos rurais, enquanto que o populismo político é considerado mais contemporâneo, caracterizado por líderes carismáticos que desafiam as elites e apelam diretamente ao povo. Canovan argumenta que o populismo, por sua natureza, é um fenómeno ambivalente, pois pode surgir em diferentes formas e com diferentes objetivos. Esta ambivalência explica a sua capacidade de adaptar-se a diversos contextos, sendo ora um movimento de protesto contra as elites estabelecidas, ora uma força política que busca legitimar-se no poder. O "povo", no discurso populista, é um conceito vago e elástico, o que permite ao populismo variar de acordo com as circunstâncias, sendo inclusivo ou exclusivo, progressista ou reacionário, dependendo das necessidades políticas do momento (Basílio, 2021).

O exponencial crescimento de movimentos populistas de um modo geral e em todo o mundo tem resultado num relevante aumento da produção académica sobre o tema, mas também dos próprios agentes dos *media* sobre diversas publicações acerca do populismo.

É possível constatar que o fenómeno do populismo pode assumir um vasto leque de expressões e formas bastante variadas por todo o mundo. A esta característica dá-se o nome de vertente camaleónica e é um dos motivos que provoca um elevado grau de dificuldade em alcançar uma definição precisa e clara de populismo (Taggart, 2006).

Conforme descrita por Laclau, Canovan e Mudde, a natureza camaleónica do populismo é considerada uma característica fundamental que permite ao populismo adaptar-se e moldar-se perante um vasto leque de situações e contextos políticos e sociais. O populismo é uma forma de articulação política e uma ideologia fina e ambivalente, o que lhe concede uma enorme capacidade de adaptação. É a partir desta característica que se torna um termo de difícil definição e altamente eficaz como ferramenta política em momentos de insatisfação popular ou momentos de crise. Desta forma, nos dias de hoje o populismo prossegue sendo uma relevante força política, capaz de se transformar e permanecer central nos debates políticos contemporâneos (Afonso, 2022).

Por outro lado e na sua conceção de populismo, Weyland (2001) destaca a propensão para o surgimento de lideranças personalistas, como o caso do Chega. Este argumenta que as definições de populismo tendem a atribuir excessiva relevância às condições socioeconómicas, desconsiderando por completo a relativa autonomia da esfera política. Por isso, define o populismo como um meio de competição pelo poder político, isto é, uma forma de dominação, em vez de distribuição.

Esta perspetiva alinha-se com o "oportunismo dos líderes populistas e o seu fraco compromisso com políticas, ideias e ideologias substanciais" (Weyland, 2001: 11).

2.1 Populismo – Um conceito Controverso

A temática e a discórdia em relação ao tema de populismo não são recentes e não se referem apenas à definição, mas sim ao facto de existir ou não. Consoante Flood (1997) o populismo, a nível histórico, enfrentou três ondas cuja definição se revelou difícil em termos temporais. É de mencionar o populismo agrário, populismo da nova direita e o populismo latino americano. Posteriormente a isso, foi no final do século XX que este fenómeno aumentou expressivamente. Todavia, não existe uma definição de carácter comum aceite entre os estudiosos na área da Ciência Política; existem, aliás, divergências acerca da sua categorização, rótulo e fronteiras entre diferentes manifestações (Mudde, 2004). Trata-se assim de um conceito largamente contestado e de difícil definição (Priester, 2011).

Pelo facto de ter sido definido com uma certa "ambiguidade constitucional (Taguieff, 1997, p. 11), resultou num termo, "termo notoriamente vago" (Canovan, 1999, p. 3).

Taguieff (1998), citado por Parrança (2021), enumera que a nível histórico o populismo enfrentou três distintas etapas, nomeadamente o populismo agrário, o populismo latino americano e o populismo da nova direita, apesar de ter sido no final do século XX que o fenómeno se manifestou de um modo mais relevante (Taguieff, 1998, citado por Parrança, 2021).

Todavia, não existe uma definição habitualmente aceite entre os estudiosos na área da Ciência Política, existem divergências sobre a sua categorização, rótulo e fronteiras entre as suas diferentes manifestações (Mudde, 2004).

Hawkins (2009), entende que “o problema de todas as definições de populismo é que estas não se concentram na medição ou fazem-no de forma altamente imprecisa [...]”. A vantagem de recorrer ao populismo como discurso passa pelo fato de ser possível utilizar métodos qualitativos na sua análise e, assim, é “mensurável de forma válida e confiável” (Hawkins, 2009).

A substancial dificuldade em conceitualizar o fenómeno resulta da pertinência de este não ser um rótulo reivindicado por pessoas ou organizações, mas sim atribuído a terceiros, na maioria das ocasiões com uma conotação negativa associada. Por exemplo, no contexto europeu refere-se na maioria das vezes à xenofobia e à anti-imigração; não obstante, na América Latina faz referência à má gestão económica. Este carácter camaleónico do conceito considera-se como uma das causas que ocasiona a dificuldade em chegar a uma definição clara e precisa de populismo (Taggart, 2000).

2.2 Populismo como Estratégia Política

Nos últimos tempos, o populismo evidenciou-se enquanto estratégia política largamente eficaz em conjunções de insatisfação generalizada para com o funcionamento das tradicionais instituições democráticas e para com as elites. Como exemplo paradigmático, é possível atentar no caso abordado nesta produção escrita, o caso de Ventura, líder do partido Chega. O político ajusta elementos característicos do populismo de direita radical com práticas comunicativas e discursivas que visam ampliar o seu impacto e alcance no seio da comunidade eleitora. Com adaptação ao contexto nacional, esta abordagem evidencia completamente a eficácia e adaptabilidade do populismo enquanto uma ferramenta política (Parrança, 2022).

Visto enquanto estratégia política, o populismo realça a lógica central da procura por poder político, embora deixe “a relação entre fatores políticos e socioeconómicos aberta à investigação científica, em vez de os estipular a priori” (Weyland, 2001, p.18).

Para Weyland, a propagação do tipo de liderança personalista reduziu a sobreposição das características comuns no seio das diversas definições de populismo, pelo que, o delimitou na forma de um clássico conceito na política, colocando o mesmo conceito:

“num sistema hierárquico de conceitos, o que facilita a comparação e o contraste” (Weyland, p.18, 2001).

Para o autor, a ideia de populismo como uma estratégia política é adotada erradamente porque a considera incompreensível, sobretudo ao excluir atores políticos que apenas ocasionalmente recorrem a esta técnica (Weyland, 2001).

Tendo definido o conceito de populismo, torna-se essencial compreender as suas manifestações no contexto político e no contexto partidário, onde diferentes realidades políticas moldaram a sua evolução.

2.3 Os Partidos Populistas

Os partidos populistas destacam-se pela sua forte capacidade de comunicação, sendo capazes de criar narrativas que mobilizam uma significativa parte dos cidadãos, especialmente os indiferentes, negligentes e descontentes com o sistema. Embora esses indivíduos possuam perspetivas e ideais variados, e até mesmo opostos entre si, os partidos populistas conseguem unir esses grupos, desafiando as posições tradicionais que se baseiam em ideologias divergentes. Essa capacidade é, em grande parte, impulsionada pela utilização eficaz das redes sociais e da linguagem direta e simples, que facilita a identificação e a adesão. Além disso, os partidos populistas frequentemente se posicionam contra as elites políticas, apresentando-se como representantes autênticos da vontade do povo. Esse fenómeno está particularmente visível na Europa, onde a ascensão de partidos como o *Rassemblement National* na França e o *Vox* na Espanha refletem o crescente descontentamento com a política tradicional, assim como as preocupações com a identidade nacional e a soberania. (Silva, 2024).

Dessa forma e relativamente ao Chega, este é um partido populista de direita em Portugal, facilmente caracterizado pela postura nacionalista e anti-imigração. Este partido apresenta-se como uma alternativa ao sistema político tradicional, criticando elites políticas e defendendo uma agenda de segurança, ordem e preservação da identidade cultural portuguesa. Através do seu discurso forte e polarizador, o partido tem vindo a conquistar um substancial apoio no panorama político nacional.

A aplicabilidade destes conceitos ganha especial relevância ao analisar casos concretos de populismo na Europa, onde diferentes dinâmicas políticas influenciaram o seu desenvolvimento.

2.4 Populismo de Direita Radical em Portugal

Este ponto da pesquisa aborda o fenómeno do populismo consoante os distintos significados atribuídos ao conceito pelos *media* nacionais. Pelo menos, existem quatro diferentes abordagens centrais à temática do populismo. Dentro destas abordagens, é possível mencionar a abordagem lógica/discurso (Laclau, 2005), “ideologia” (Mudde and Kaltwasser, 2017), estratégia de mobilização (Weyland, 2001; Jansen, 2011) ou como estilo de comunicação (Jagers and Walgrave, 2007).

No contexto europeu, o populismo é frequentemente associado a partidos e políticas de direita radical ou extrema-direita, muitas vezes com tendências xenófobas (Mudde, 2017). Consequência direta disso, é observar frequentemente o termo populismo como sinónimo de extrema direita, ou até mesmo de extrema direita neonazi, uma associação que ignora a diversidade global de fenómenos populistas e a paisagem política cada vez mais diversificada no paradigma europeu (Stavrakakis, 2017).

Em Portugal, o populismo de direita radical, embora uma novidade em termos de representação parlamentar, tem antecedentes históricos. Segundo Monteiro (2022), figuras como Humberto Delgado já utilizavam discursos polarizadores para desafiar as elites, refletindo elementos do populismo político. No entanto, o Chega marca uma viragem significativa no panorama nacional. Zúquete (2022), em *Populismo cá dentro e lá fora*, caracteriza Ventura como um caso emblemático de populismo periférico, adaptado ao contexto português, enquanto Marchi (2020) sublinha que o Chega representa uma nova direita radical, com um discurso simultaneamente nacionalista e liberal. Por outro lado, autores como Jalali (2019) destacam o impacto do Chega em redefinir a dinâmica do sistema partidário português, enquanto Lisi (2022) analisa como o populismo do Chega se compara a fenómenos semelhantes no sul da Europa. Este crescimento é ainda amplificado pelo uso estratégico das redes sociais, como enfatizado por Martins (2022), que permitiram ao partido contornar os filtros mediáticos e alcançar uma audiência mais vasta.

Desde o seu estabelecimento, o partido tem alcançado relevância no território político nacional, obtendo uma posição como a terceira força política nas legislativas de 2022, com a eleição de 12 deputados. Este feito evidencia a expansão do populismo de direita radical no cenário político nacional.

2.5 Caraterísticas do Discurso Populista

O discurso populista caracteriza-se por uma divisão clara entre o "povo" e as "elites", com o primeiro grupo retratado como moralmente puro e legítimo, enquanto que as elites são entendidas como opressoras e corruptas. Neste tipo de discurso, fatores como problemas complexos, são simplificados através de soluções fáceis e vagas.

É comum apelar a uma liderança forte e carismática, que se apresenta como a verdadeira voz do povo. O discurso populista é emocional, mobilizando sentimentos de medo, indignação ou esperança, em vez de argumentos racionais. Além disso, é anti pluralista, rejeitando a legitimidade de outras vozes políticas e apresentando-se como o único representante legítimo da vontade popular. Também é comum o uso de retórica nacionalista, com ênfase na soberania popular, e uma forte crítica às instituições estabelecidas, vistas como controladas por elites distantes e desonestas (Batista, 2022).

Deste modo, as características do discurso populista, identificadas na literatura, manifestam-se de forma particular no caso de André Ventura. Na tabela infra, apresenta-se uma síntese que evidencia como essas características teóricas são empregadas nos discursos políticos do líder do Chega:

Caraterísticas Teóricas do Populismo	Manifestações no Discurso de Ventura
Dicotomia 'Nós VS Eles'	Divisão entre 'portugueses de bem' e 'bandidos, com foco em minorias e elites
Apelo à Vontade Geral do Povo	Ventura posiciona-se como o único representante legítimo dos verdadeiros portugueses'
Simplificação de Questões Complexas	Oferece soluções rápidas a problemas estruturais complexos, como criminalidade e corrupção
Utilização de Inimigos Públicos	Frequente identificação de grupos minoritários e elites políticas como adversários

Apelo às Emoções	Exploração de sentimentos de medo (criminalidade), indignação (corrupção) e patriotismo
Rejeição das Elites	Críticas constantes às elites políticas e partidos tradicionais como corruptos e desconetados
Agressividade e Confronto	Estilo combativo nos debates e forte retórica confrontacional

Tabela 1 - Manifestações de Populismo no Discurso de Ventura

Fonte: Elaboração Própria

A análise das características teóricas do discurso populista, complementada pela aplicação prática ao caso de André Ventura, evidencia como o populismo se adapta e se manifesta de forma única no contexto português. As estratégias discursivas de Ventura, como a dicotomia “nós vs. eles”, o apelo às emoções e a rejeição das elites, exemplificam a operacionalização dos conceitos fundamentais do populismo de forma eficaz e direcionada.

Este enquadramento não apenas reforça a conexão entre teoria e prática, mas também sublinha como a flexibilidade inerente ao populismo permite a sua adaptação a diferentes realidades políticas e culturais. Deste modo, o caso de Ventura ilustra não só as dinâmicas internas do populismo, mas também o seu impacto potencial no sistema político português, servindo de ponte para uma análise mais aprofundada nas secções seguintes.

2.6 Estilo Político

Segundo Moffitt, existe uma certa tendência geral para desafiar o *status quo* em favor de um sistema democrático assente na “soberania popular”. Desse modo, “o momento está maduro para atores políticos astutos, que consigam comunicar eficientemente em nome do ‘povo’, obterem grandes ganhos políticos” (Moffitt, 2016, p.10).

As performances políticas são construídas e para isso importa o ator político, a audiência e os *media*. O estilo populista refere-se a certos padrões que se verificam na esfera de poder, o qual tem características como, por exemplo “o apelo do ‘povo’ versus a ‘elite’, ‘más maneiras’, e, por norma, uma crise, o colapso ou uma ameaça”. Para Moffitt (2016), o estilo populista não tem que ser fruto de uma ideologia específica, “a ideologia e

o estilo político não são mutuamente dependentes um do outro, nem são [...] o mesmo” (Moffitt, 2016, p.48).

No que concerne ao populismo como discurso, esta é uma abordagem muito específica e como estilo político passa a ser mais vasta, inclusive no que toca às diversas formas de comunicação.

Isto porque “as abordagens discursivas focam-se principalmente no ‘conteúdo’ discursivo e tem uma tendência para colocar de parte as formas como o ‘conteúdo’ é apresentado, enquadrado, representado, promulgado ou divulgado, enquanto que o estilo político é sensível a essas características” (Moffitt, 2016, p.48).

2.7 Estilo de Discurso

Hawkins enuncia o populismo como um estilo maniqueísta

“que identifica o ‘bem’ com uma vontade unificada do povo e o ‘mal’ com uma elite [...]” (Hawkins, 2009, p.1042). Tem, portanto, uma componente moral e cultural: “a voz do povo é a voz de Deus – *vox populi, vox dei*” (Hawkins, 2009, p.1043).

Para o autor, de acordo com a ideia de Rousseau de vontade geral, no populismo a soberania encontra-se precisamente no povo. É neste grupo que através do discurso se encontra o interesse comum e descobrem-se formas que representem a vontade do grupo (Hawkins, 2009).

O discurso é o principal atributo que define populismo e este não engloba a precisão das ideologias clássicas. Deste modo, o autor considera que o discurso é o atributo que define o populismo e que este não contém a precisão das ideologias clássicas. Assim, vê-o como um “discurso, no seu sentido pós-moderno, que combina elementos tanto de ideologia como de retórica” (Hawkins, 2009: p. 1045).

Apesar das semelhanças, o populismo não é uma ideologia plena, pois este é constituído apenas por ideias latentes e é vago em termos de políticas: “o discurso populista é como uma ideologia, no sentido de que contém um conjunto de crenças fundamentais sobre como o mundo funciona, e pretende convencer os seus apoiantes à ação política” (Hawkins, 2009: 1045).

2.8 Importância do Discurso Político

O discurso político representa uma ferramenta essencial na eficácia e estratégia dos políticos populistas, sendo assim considerado a principal ferramenta com o objetivo de

consolidar o poder político e mobilizar o eleitorado. No populismo, enumerado por Cas Mudde como uma ideologia de baixa densidade centrada na dicotomia "o povo puro" versus "a elite corrupta", o discurso toma um lugar central nas características que distinguem este estilo político de outros modelos democráticos tradicionais (Teixeira, 2022).

Assim, o discurso político é fundamental na construção de uma identidade coletiva para “o povo”, regularmente definido de forma emocional e vaga, de modo a englobar um heterógeno e amplo segmento da população. Simultaneamente, estabelece uma clara oposição entre esse povo idealizado e os seus presumíveis inimigos (imigrantes, elites políticas, banqueiros, grupos sociais específicos e instituições internacionais). Através desta polarização, os líderes populistas consolidam apoio ao simplificar a complexidade dos conflitos sociais e políticos, transformando a narrativa numa questão binária de adversários e aliados (Hawkins, 2009).

Deste modo, o discurso político é a espinha dorsal do populismo, moldando identidades, articulando antagonismos e mobilizando apoio popular. A sua eficácia reside na capacidade de simplificar a complexidade, apelar à emoção e adaptar-se aos ambientes mediáticos modernos. Contudo, as simultâneas implicações a longo prazo desse modelo retórico para a democracia liberal são alvos de atenções críticas, dada a sua propensão para a polarização e erosão institucional (Teixeira, 2022).

Dessa forma, são estabelecidas as bases teóricas e metodológicas que fundamentam a presente investigação. No capítulo seguinte, essa estrutura será empregada na análise empírica dos discursos de André Ventura, com o objetivo de identificar potenciais indicadores de populismo de direita radical nos debates televisivos.

3. O Populismo em Portugal

Na opinião de diversos autores, Portugal seguia como caso único no contexto europeu. Até ao surgimento do partido Chega, o país seguia sem nenhuma referência de direita radical no seu espetro político, pois estes não estabeleciam raízes no país (Afonso, 2022).

Desse modo, Portugal era retratado como uma exceção ao padrão observado na Europa, uma vez que nenhum partido explicitamente populista, seja de esquerda ou de direita, se afirmara no sistema partidário, nem mesmo após as ondas de choque geradas pela Grande Recessão e pelo resgate (Pereira, 2020).

Por outro lado, segundo Monteiro (2022), a história do populismo em Portugal é longa e complexa, contrariando a ideia de que é um fenómeno recente no país. De acordo com o autor, historicamente o populismo manifestou-se de diferentes modos, incluindo o populismo militar, presente desde o início do século *XX* com figuras como Sidónio Pais e Humberto Delgado; o populismo regenerador caracterizado por um discurso de pureza e moralização política e; por último, o populismo local, focado na proximidade com o povo e oposição às elites distantes (Monteiro, 2022).

Em Portugal, a abstenção eleitoral é entendida como uma forma de protesto. Até à chegada do partido Chega, a estabilidade do sistema partidário e os níveis de abstenção não propiciavam a emergência de partidos populistas de direita (Carvalho, 2017).

No ano de 2019, a eleição de André Ventura como representante único do partido Chega, rompeu com a lógica da imunidade portuguesa ao chegar enquanto o primeiro caso notável de populismo, numa altura após 25 de abril (Pereira, 2020).

As principais razões para este facto estavam ligadas à forte adesão da sociedade portuguesa aos valores democráticos largamente estabelecidos após a revolução, o que gerou uma aversão a ideologias de direita radical ou extremistas (Salgado, 2018).

Logo após a crise económica e financeira de 2009, acontecimento em que Portugal foi um dos países do velho continente onde os efeitos mais se fizeram sentir, perante um clima de desconfiança em relação aos partidos tradicionais e de condições favoráveis ao surgimento de partidos de lógica populista, esse facto não se verificou e esse acontecimento acabou por não ocorrer. Portanto, apesar de a crise ter criado condições favoráveis ao surgimento de movimentos populistas, Portugal manteve-se resistente ao aparecimento de partidos desse tipo.

O sucesso destes partidos populistas europeus de direita, geralmente, encontra-se associado à mobilização de sentimentos relacionados com migrações. Estes, nos diversos discursos, enfatizam sentimentos anti-imigração, a qual considerem ameaça ao modelo civilizacional ocidental. Ainda pouco se conhece em relação aos “motores de apoio à direita radical nos países onde o fenómeno é novo e onde a imigração tem um papel pequeno nos conflitos políticos” (Afonso, 2021, p. 1).

José Pedro Zúquete, na obra *"Populismo cá dentro e lá fora"*, sugere uma análise abrangente do fenómeno populista, enquadrando esse fenómeno especificamente no contexto

nacional e internacional. Esse autor examina as características distintivas do populismo como estratégia política e como expressão cultural e ideológica, enfatizando o papel central que desempenha na contestação das elites e no apelo direto à "vontade do povo". Este livro revela-se fundamental para compreender a emergência e a ascensão de discursos populistas em Portugal, concedendo ferramentas analíticas indispensáveis para estudar a adaptação do fenómeno às especificidades do contexto nacional (Gonçalves, 2022).

De acordo com o Laclau (2005), o populismo é considerado um fenómeno marcado pela dicotomia estrutural entre “nós” (povo virtuoso) e “eles” (grupos externos que ameaçam a soberania popular ou elites corruptas). Em território nacional, este modelo manifesta-se de forma muito característica, refletindo as idiossincrasias da história social e política do país (Laclau, 2005).

A ausência de movimentos populistas hegemónicos ao longo do período democrático recente, contrasta com o florescimento do populismo em diversas democracias europeias. No entanto, Zúquete sublinha que a crise financeira e económica registada em 2008, juntamente com a intervenção da troika, provocaram fissuras no sistema político nacional, permitindo a emergência de discursos populistas de vasta visibilidade, especialmente em movimentos e partidos à margem do espectro político tradicional (Gonçalves, 2022).

Em Portugal, embora o populismo tenha encontrado expressão mais limitada, Zúquete aponta a figura de André Ventura e o partido Chega como exemplos atuais do populismo de direita radical. Ventura, ao articular um discurso que apela à soberania popular, à ordem e ao combate contra elites e minorias percebidas como privilegiadas, representa uma nova dimensão do populismo português, que Zúquete categoriza como "periférico, mas simbólico" (Batista, 2022).

Hoje em dia, o populismo em Portugal apresenta distintivas características. Uma sondagem realizada registou que cerca de 73% dos portugueses concordaram que as diferenças políticas registadas entre o povo e a elite são maiores do que as diferenças existentes entre o próprio povo. Além desse indicador, 86% concordam que os políticos falam e pouco fazem, enquanto que 83% dos inquiridos acreditam que as decisões mais importantes deveriam ser tomadas pelo povo e não pelos políticos (Magalhães, 2023).

A célere ascensão de Ventura e do partido Chega no cenário político português é considerada um significativo marco no populismo português contemporâneo. Ventura é percebido como a grande viragem em termos de discursos populistas no país, regendo-se de estratégias típicas como a divisão dicotômica da sociedade e a generalização de casos isolados (Rocha, 2022).

Os principais fatores que têm contribuído para o repentino crescimento do populismo em Portugal incluem as redes sociais, que permitiram a disseminação de mensagens sem o filtro dos *media* tradicionais, juntamente com uma latente predisposição na sociedade portuguesa para este tipo de discurso (Teixeira, 2022).

Apesar deste fator, diversos especialistas consideram o populismo em Portugal como o gigante adormecido. No futuro, o seu impacto irá depender do modo como a sociedade portuguesa estará disposta a responder a crises reais ou percebidas, juntamente com o modo como o populismo seja politicamente ativado (Martins, 2022).

As redes sociais, entendidos como meios menos institucionalizados e menos regulamentados, permitem uma comunicação mais direta com a audiência, têm um fulcral papel para os principais intervenientes do populismo, pois servem para contornar o bloqueio mediático dos *media mainstream* e, desse modo, permitem divulgar as mensagens. Anteriormente a Ventura, nenhum ator populista de direita se tinha revelado hábil no que à divulgação das mensagens e comunicação através das redes sociais diz respeito. Desse modo, esta foi uma importante condição para o desenvolvimento do movimento populista levado a cabo por Ventura.

Tendo em conta Mendes, o sucesso dos partidos populistas de direita em Portugal está diretamente relacionado com a capacidade de serem aceites pelos *media* como partidos normais e evitar conotações com o extremismo. Além do mais, de modo a que os partidos populistas sejam bem-sucedidos, é fundamental registar-se uma lacuna na oferta política à direita, oferta esta que possa ser aproveitada. Juntamente a este fato, a procura de respostas pelos eleitores a problemas socioculturais é igualmente relevante (Mendes, 2024).

4. O Populismo como uma estratégia comunicativa

A comunicação desempenha um papel central no populismo, permitindo aos líderes construir narrativas que mobilizam eleitores e reforçam a sua identidade política. O

populismo não se limita a uma ideologia ou programa político específico, mas manifesta-se sobretudo na forma como os seus líderes comunicam com as massas. Utilizando discursos polarizadores, simplificações e um forte apelo emocional, líderes populistas procuram estabelecer uma ligação direta com o povo, frequentemente rejeitando intermediários como os partidos tradicionais ou a imprensa convencional.

Ao tomar como exemplo a América Latina, a polarização das lideranças foram consideradas muito relevantes aquando da transformação de um político autoritário e elitista num líder de massas. No entanto, a utilização destas práticas foi considerada menos correta, sendo assim denominada “política populista” e, a partir desse preciso momento, pouco se debate sem uma certa conotação pejorativa ou condenação ética.

Modelado através de formas não mediadas por partidos na reivindicação de legitimidade suprapartidária e centrados no contacto direto do líder com as massas, líderes carismáticos no decorrer da história prometeram romper com as rotinas burocráticas instauradas e transformar a política.

Contraditoriamente, as práticas discursivas foram facilitadas e amplificadas através da utilização dos meios de comunicação disponíveis, como o rádio, num momento mais precoce e até mesmo jornais impressos. Já num momento posterior, a utilização abusiva de fotografias, processos comunicativos responsáveis por ajudar a tornar imagens e vozes das lideranças no corpo social da nação, configurando assim um imaginário social.

Chauí (2000) defende que “a competição pública não se faz entre partidos, ideologias ou candidatos, mas entre imagens que disputam valores como ‘credibilidade’, ‘confiabilidade’, ‘respeitabilidade’, ‘inovação’, ‘prestígio’” (Chauí, p. 386, 2000).

No espectro político, a imagem é considerada fundamental e, vulgarmente, os líderes políticos carismáticos possuem o domínio da retórica e conhecimento sobre os principais meios de comunicação, com o objetivo de disseminar as suas mensagens e estabelecer uma vasta divulgação dos seus ideais, em simultâneo que desenvolvem as relações com as comunidades.

4.1 Estratégias Retóricas e Populistas

As estratégias retóricas e populistas desempenham um papel central na comunicação realizada por André Ventura, sendo elementos fundamentais para compreender o impacto no

cenário político português. Essas estratégias são utilizadas de modo a polarizar o debate político, mobilizar eleitorado e simplificar questões complexas, recorrendo a narrativas que exploram inseguranças, medos e principais pretensões dos eleitores.

Frequentemente caracterizada pelo tom confrontacional, a retórica de Ventura reflete características comuns dos discursos populistas, como a dicotomia entre dois grupos (povo virtuoso e elite corrupta) e apelo a fortes e carismáticas lideranças. Estas estratégias são fundamentais para o seu posicionamento político e para a captação de uma firme base de apoio, muitas vezes baseada no descontentamento com o *establishment* e nas preocupações de segurança nacional, preocupações com migrantes e justiça.

Dessa forma, esta secção do trabalho científico analisa as principais estratégias discursivas adotadas por Ventura, incluindo a simplificação e polarização, o apelo às emoções, utilização de inimigos públicos, vitimização e legitimação, a agressividade e confronto ou, até mesmo, o facto do político recorrentemente desafiar o *status quo* imposto no sistema político.

Assim sendo, seguem-se descritas as principais estratégias adotadas por Ventura, no decorrer dos debates televisivos em que participou:

4.1.1 Simplificação e Polarização:

Ventura, nos seus discursos, frequentemente recorre à simplificação de questões complexas, apresentando soluções rápidas e aparentemente eficazes para problemas estruturais como a criminalidade ou corrupção. Este método é típico do populismo, em que se evita abordar as complexidades políticas em detalhe para oferecer respostas que facilmente se identificam com o comum eleitor.

Um desses exemplos pode ser encontrado no debate que o candidato realizou com a líder do Bloco de Esquerda, Catarina Martins. Nesse debate, Ventura afirmou:

"Em 2019, os portugueses têm menos poder de compra de que em 2009. Uma solução que estes senhores criaram. Estes senhores tiraram dinheiro aos portugueses, inundaram-nos de impostos com base em teorias macabras que só eles conhecem e nem sabem explicar bem. Nós precisamos de mudar de página (...) O que é importante é tirar António Costa do poder."¹

¹Ventura, 2022, 7'35s, acedido a 12/01/2025, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=9_2K0d4G7z4.

Por outro lado, a polarização é outra marca central da sua retórica, dividindo a sociedade entre "os bons" (que concordam consigo) e "os maus" (os que fazem parte do sistema corrupto ou representam minorias com as quais o partido discorda). Esta polarização é muitas vezes expressa em termos binários, utilizando a dicotomia do “nós contra eles”. O uso desta dicotomia é uma forma de Ventura identificar-se com os "verdadeiros portugueses", em contraste com as elites políticas ou minorias, que este acusa de serem a causa de muitos problemas nacionais. Esta particularidade pode ser observada em muitas intervenções de Ventura, como é a do debate com Luís Montenegro, líder do PSD. Nesta intervenção, Ventura afirma “Deixe-me dizer-lhe isto, enquanto o problema das forças de segurança não for resolvido, não há nenhum primeiro ministro ou governo que possa assegurar que a tranquilidade pública está garantida. Isto por uma razão, porque os seus governos e o governo do PS espezinharam e humilharam as forças de segurança.”²

De outro modo, a polarização e simplificação pode ser encontrada, por exemplo, no debate realizado entre Ventura e Catarina Martins. Neste debate, um exemplo claro de simplificação utilizada para polarizar eleitores pode ser visto no confronto de ambos sobre questões sociais e económicas. Esse tipo de confronto pode ser observado em momentos onde Ventura critica a abordagem do BE para a imigração, a segurança e as políticas de igualdade social “Mais rápido a sua bancada vai toda para o caixote do lixo, do que o Chega para lá!”.³

4.1.2 *Apelo às Emoções:*

O apelo às emoções, enquanto uma das estratégias discursivas predominantes no discurso populista, constitui uma ferramenta fulcral para André Ventura. A utilização de emoções como raiva, indignação, medo e urgência são centrais na mobilização do apoio e na construção de uma imagem de liderança forte e capaz de desafiar o sistema político tradicional. Este tipo de discurso é amplamente associado ao populismo de direita, no qual a polarização e a simplificação dos temas são frequentemente usadas para atrair e manter a adesão popular.

O apelo às emoções, conforme analisado por autores como Mudde (2004) e Laclau (2005), encontra-se vastamente enraizado na retórica populista, na medida em que visa mobilizar a emoção coletiva contra elites ou contra uma ameaça percebida à identidade

²Ventura, 2024, 22'20s, acedido a 12/01/2025, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EQtrRpwe6HM&t=7s>

³Ventura, 2021, 00'30s, acedido a 12/01/2025, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=q7IBUfBRsGw>

nacional. Mudde (2004) defende que os populistas utilizam uma linguagem emocional para criar uma divisão entre o povo puro e a elite corrupta, sendo que, ao fazer uso de emoções intensas, os populistas tornam o seu discurso mais acessível e mobilizador. Laclau (2005), por outro lado, complementa esta análise ao sugerir que os apelos emocionais ajudam a construir uma identidade coletiva entre os indivíduos, reforçando a ideia de que uma mudança radical e urgente é necessária para salvar a nação (Mudde, 2004 et. Laclau, 2005).

No caso de Ventura, os apelos emocionais não só visam criar uma identidade coletiva, mas também estimular a ação imediata, vulgarmente associada a uma sensação de crise iminente que justifica políticas extremas.

Frequentemente, remete-se à imigração como uma ferramenta para incitar o medo no eleitorado. Através da ideia de que a imigração descontrolada constitui uma ameaça à segurança nacional, Ventura apela à ansiedade social em torno da mudança demográfica e da perda de identidade nacional. Nas diversas intervenções públicas, este afirma que "Portugal está a ser invadido" por imigrantes que, segundo ele, estão a sobrecarregar os recursos do país e a ameaçar a segurança dos cidadãos ("É esta a vergonha a que estamos sujeitos! Somos oficialmente a porta giratória da imigração ilegal da Europa. Nunca como agora foi tão importante travar esta imigração descontrolada, sem escrutínio nem lógica!").⁴

⁴Ventura, 2024, acedido a 12/01/2025, disponível em <https://www.facebook.com/PartidoChegaOficial/posts/%C3%A9-esta-a-vergonha-a-que-estamos-sujeitos-somos-oficialmente-a-porta-girat%C3%B3ria-da/1092800715536314/>



Figura 1 - Publicação Facebook Chega “Portugal é a Porta Giratória da Imigração Ilegal da Europa”

Este discurso visa criar uma sensação de urgência e perigo iminente, apelando ao medo da perda de controle sobre o território e à ameaça da ordem pública. Ao vincular a imigração ao crime e à insegurança, Ventura engloba esses elementos como uma ameaça externa, utilizando a polarização para fomentar uma reação emocional intensa (Ventura, 2024).

Outro apelo emocional reconhecido nos discursos de Ventura é o apelo à raiva, sendo esta direcionada contra a classe política tradicional, essencialmente direcionada aos partidos do espectro esquerdo da bancada parlamentar. A utilização deste sentimento é uma estratégia eficaz no discurso populista, pois permite ao orador construir uma barreira de separação entre a “elite” e o “povo” (Azevedo, 2023).

Frequentemente, nos discursos, Ventura critica a “geringonça” do Partido Socialista e outras tradicionais figuras políticas pela alegada ineficiência, desonestidade e desconexão com a realidade dos problemas reais das famílias portuguesas.⁵

⁵Ventura, 2023, obtido a 10/03/2025, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8-yKwSW0DaY>

4.1.3 Uso de Inimigos Públicos:

Frequentemente, o discurso populista identifica-se pela identificação de “inimigos” que são responsabilizados pelos problemas económicos e sociais de um país. No concreto caso de André Ventura, esta estratégia discursiva enquadra-se numa tradição mais ampla de populismo de direita radical, onde a criação de claros antagonismos entre “os outros” e o “povo” é um elemento crucial para a mobilização política (Mudde, 2004 & Wodak, 2015).

A perceção e identificação de minorias étnicas como um “outro” ameaçador não é exclusiva do Chega de Ventura, sendo uma recorrente estratégia comum a outros líderes políticos na Europa, como Matteo Salvini em Itália e Le Pen em França, que também realçam a ideia de que determinados grupos sociais representam uma ameaça à identidade nacional (Betz, 2019; Rooduijn, 2018). Todavia, o discurso de Ventura é particularmente incisivo na sua construção da ideia de um “estado capturado” por instituições judiciais e elites corruptas que, de acordo com este, favorecem a impunidade das elites.

Um outro relevante aspeto do seu discurso passa pela utilização da justiça como um campo de batalha simbólico. Isto é, enquanto outros líderes europeus tendem a criticar elites económicas e políticas, Ventura canaliza uma substancial parte da sua retórica para o sistema judicial, diligenciando uma visão reformista e punitiva da justiça (Ferreira, 2021). Dessa forma, o discurso utilizado reflete uma resposta ao sentimento de insegurança presente no seio da população e reforça a perceção de que a autoridade e a ordem apenas podem ser restauradas através de medidas mais severas.

Além do mais, a instrumentalização do descontentamento com instituições como a União Europeia, aproxima Ventura de figuras como Wilders, nos Países Baixos e Viktor Orbán, na Hungria, que têm baseado narrativas na defesa do nacionalismo e à oposição à interferência externa (Pappas, 2019). Esta abordagem, no contexto nacional, ganha particular relevo devido à recente história de austeridade e à perceção de dependência face a instituições de âmbito europeu.

Assim sendo, o discurso de Ventura não replica apenas estratégias populistas já observadas noutros países europeus, mas apresenta especificidades aplicadas ao cenário político de Portugal. Através da construção do inimigo público, Ventura tenta não apenas fazer

utilização de uma tática discursiva, como também de um mecanismo de reforço da sua identidade política junto de um eleitorado descontente.

Como tal e como principal exemplo desta característica dos discursos de Ventura, é possível atentar nas suas palavras:

“Porque na verdade, ao fim do dia, todos os portugueses percebem que há uma e uma verdadeira oposição ao Partido Socialista e essa oposição é esta que os senhores recusam a aproveitar ou a aprovar qualquer proposta. O resto, nós já sabemos. E os anteriores apêndices e os atuais apêndices, sempre foi assim com o PS, com a tristeza do PSD às vezes querer tornar-se num apêndice maior, mas senhor deputado, eu vou-lhe dizer. Pode evitar atualizar pensões ao nível da inflação, pode evitar baixar o Iva dos combustíveis, como aliás aqui ao lado, em Espanha, fizeram. Pode evitar subir salários de polícias ou dar-lhes a dignidade que o PS não quer dar. Pode ir escolhendo apêndices entre o PCP e o Bloco, ou às vezes pedir o braço ao PSD. Gosto muito de uma frase que é nossa também, por nós, garanto-lhe que não passarão!”⁶

4.1.4 Vitimização e Legitimação:

Entendida como uma estratégia retórica recorrente no discurso populista, a vitimização desempenha um crucial papel na construção da identidade política de André Ventura. Esta abordagem assenta na ideia de que o líder e o seu movimento são constantemente perseguidos pelas elites políticas, meios de comunicação e demais instituições que, de acordo com a narrativa, tentam afincadamente silenciar ou desacreditar a mensagem que estes tentam passar.

Deste modo, a vitimização permite assim reforçar a ligação emocional com os eleitores, apresentando Ventura como o defensor do “povo” injustamente atacado pelo sistema implementado.

Nos discursos de Ventura, a vitimização manifesta-se de diversos modos. Primeiramente, surge frequentemente associada tentativa de silenciamento ou à acusação de censura. Nos debates públicos, redes sociais ou intervenções mediáticas, Ventura procura demonstrar que enfrenta uma certa resistência por parte das elites mediáticas e políticas, as quais, de acordo com a sua narrativa, se encontrariam focadas em impedir a mudança política e marginalizar as suas mensagens (Mudde & Kaltwasser, 2017). A ideia de sistema político

⁶ Ventura, 2022, obtido a 13/03/2024, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=K-nTEv_pgxY

viciado, que alegadamente favorece unicamente determinados grupos e reprime aqueles que desafiam o *status quo*, é visto como elemento central desta construção discursiva.

Vocês querem é tudo o que é criminoso a entrar aqui para dentro, é isso que vocês querem! ⁷

Além do mais, a vitimização contribui para a legitimação das suas posições políticas. Ao apresentar-se como constante alvo de injustos ataques, Ventura pretende reforçar a perceção de que o seu discurso exhibe a verdade que a elite dominante opta por ocultar. Através deste mecanismo de legitimação e vitimização, consegue, não apenas desviar críticas direccionadas às suas propostas e declarações, mas também transformar qualquer tentativa de escrutínio num elemento de perseguição política. Desse modo, os seus apoiantes tendem a interpretar as críticas mediáticas e institucionais como evidências de que Ventura revela uma real ameaça ao sistema e, por esse motivo, considera-se um agente legítimo da mudança (Wodak, 2015).

Como tal, a legitimação é um conceito que sugere que este representa a verdadeira voz do povo, ou até mesmo, que Ventura é o reflexo da vontade popular. Este procura, constantemente, enquadrar-se e dar-se a conhecer como o único político que menciona verdades, mesmo aquelas que outros não ousam mencionar.

Um dos exemplos mais representativos desta estratégia tomou lugar em outubro de 2024, após a morte de um indivíduo proveniente de Cabo Verde, alvejado pelas forças armadas em controversas circunstâncias. Ventura, após o sucedido, elogiou publicamente as forças de segurança, tendo resultado numa onda de acusações e críticas quanto à insensibilidade racial. ⁸

Como resposta a esta situação, Ventura e outros membros do Chega argumentaram que estavam a ser alvo de uma campanha de difamação por parte dos *media* e da esquerda política, remetendo-se da vitimização para desviar o foco das críticas e reforçar a sua ligação com setores da população que partilham uma visão securitária e desconfiada das narrativas mediáticas (The Guardian, 2024).

Um outro exemplo teve lugar durante as eleições legislativas de 2024, quando o partido Chega foi associado a um grupo de carácter extremista denominado “Reconquista”. Este grupo disseminou uma série de vídeos intitulados como “A Grande Invasão”, vídeos esses baseados na teoria conspirativa da substituição em larga escala que alega que a identidade europeia se

⁷ Ventura, 2025, obtido a 12/03/2025, de <https://www.youtube.com/watch?v=z3Jz4UirzTg>

⁸ Ventura, 2024, obtido a 13/03/2025, de <https://www.youtube.com/watch?v=F3baTKA0KvE>

encontra a ser erodida pela imigração. Diversos militantes do Chega partilharam este conteúdo, acompanhado pelo *hashtag* #Chega. Ao serem confrontados pelas alegada proximidade ideológica entre o partido e este grupo, Ventura e os seus apoiantes alegaram ser alvo de uma tentativa de silenciamento e difamação por parte da comunicação social, reforçando a narrativa de que o partido representa uma voz dissidente que é injustamente perseguida (Lima, 2024).

Estes exemplos demonstram como a vitimização tem sido um elemento central na estratégia discursiva do Chega, servindo para legitimar as suas posições e fortalecer o seu apelo eleitoral. Ao apresentar-se como alvo de perseguição, o partido procura consolidar a sua base de apoio, transformando cada crítica num suposto ataque ao "povo" que afirma representar.

4.1.5 Agressividade e Confronto:

Em diversas aparições públicas e nos debates televisivos, Ventura recorre a uma postura confrontacional e agressiva, dirigindo-se aos adversários e até mesmo à própria comunicação social em tom de ataque. Este estilo, mais do que uma mera demonstração de descontentamento, serve como uma tática estratégica para moldar a narrativa política em seu favor.

A agressividade das intervenções de Ventura é especialmente visível na forma como este se remete a argumentos simplistas e acusações diretas para destabilizar os seus oponentes, diretos e indiretos. Em vez de se limitar a responder a críticas, Ventura redobra os ataques, criando uma dinâmica onde os adversários são frequentemente colocados na defensiva. Este estilo é reforçado por uma comunicação não verbal intensa, como elevado tom de voz, gestos enfáticos e expressões faciais marcantes, que ajudam, de modo substancial, a capturar a atenção da audiência.⁹

É igualmente relevante mencionar que Ventura utiliza o confronto como forma de polarizar o debate político, distanciando atenções de temas centrais para tópicos mais controversos que apelam especificamente ao eleitorado do Chega. Através da agressividade e confronto, Ventura, além de conquistar uma vasta visibilidade mediática, reforça igualmente a ideia de que está a desafiar um sistema que o próprio considera “corrupto” ou “imoral”.¹⁰

⁹Ventura, 2024, obtido a 27/03/2025, de https://www.youtube.com/watch?v=CzW1G_Kdp3c&t=713s

¹⁰“Decidam-se! Ou são de direita, ou são de esquerda iguais aos outros!” Ventura, 2025, obtido a 27/03/2025, de <https://www.youtube.com/watch?v=z3Jz4UirzTg>

Apesar de eficaz, a agressividade do político André Ventura não está isenta de custos (Zúquete, citado em Gonçalves, 2022). Este estilo pode afastar parte do eleitorado mais moderado, que o percebe como excessivamente polarizador ou ofensivo. Contudo, essa mesma agressividade atua como um elemento mobilizador para os seus apoiantes mais fervorosos, que a interpretam como um sinal de determinação e genuinidade.

Em suma, o recurso ao confronto e à agressividade não se limita a ser uma característica do estilo político de Ventura, mas representa também uma estratégia deliberada para assegurar protagonismo mediático e influenciar o rumo do debate público. Amplificado pelos meios de comunicação, este comportamento posiciona Ventura como uma figura dominante nas discussões políticas, independentemente da substância das suas diversas propostas.

4.1.6 Desafiar o Status Quo:

O desafio ao *status quo* é uma das características centrais dos discursos populistas, especialmente no que diz respeito a líderes de partidos de direita radical como o caso de Ventura. Neste caso, a retórica assenta na ideologia de que o sistema político vigente se encontra corrompido, controlado por elites que perpetuam injustiças e desigualdades e distante das preocupações reais da população (Mudde & Kaltwasser, 2017). Ventura, neste contexto, posiciona-se como um agente de rotura, prometendo uma profunda transformação das instituições e apresentando-se como o único representante legítimo da verdadeira “vontade do povo”.¹¹

Um dos principais eixos desta narrativa é a promessa de uma “revolução moral”, uma ideia vulgarmente explorada por líderes populistas defensores do regresso aos valores tradicionais, reiteradamente contrapostos a uma alegada degradação promovida por parte das elites políticas (Norris & Inglehart, 2019). Ventura, remete-se desta ideia, de modo a justificar propostas que justifiquem uma visão mais severa da justiça e uma política migratória mais restritiva, definindo estas medidas como necessárias para proteger a identidade nacional e restaurar a ordem pública.

Assim sendo, o desafio ao *status quo* não se limita a uma crítica genérica ao sistema político, mas enquadra-se totalmente numa estratégia discursiva bem definida, que combina

¹¹Ventura, 2024, obtido a 27/03/2025, de <https://www.youtube.com/watch?v=x1vmZ6jNSvI&t=121s>

mobilização emocional, apelo à rotura institucional e polarização do debate público. Segundo Hawkins et al (2019), este modelo de comunicação reforça a posição de Ventura como líder de mudança, essencialmente em contextos de descontentamento social e em momentos de crise, alturas onde o apelo populista tende a alcançar maior impacto (Hawkins et al, 2019).

5. O Partido Chega

Devido à existência relativamente recente do partido, surgem determinadas contradições na tentativa de apurar a sua composição, orientação ideológica e os seus objetivos no panorama político nacional. Por esses motivos, a classificação do partido tem gerado discussão.

Ao ganhar relevância, as primeiras reações por parte de determinados analistas e cientistas políticos, mas sobretudo da comunicação social, foi de o procurar ativamente ou considerar no interior do espectro político, junto à extrema direita e associado aos vislumbres do fascismo passado. Em larga medida, esta tendência acompanha o mesmo tipo de opiniões que se registam noutros países do velho continente, relativamente aos partidos com semelhante natureza.

No meio académico, a perspetiva atual que se parece impor é a de que o Chega se assemelha e enquadra no radicalismo político, inserido numa corrente que se designa por ‘nova direita’ e que engloba uma vasta vertente de populismo.

O Chega não é um partido extremista, mas sim radical, pois o segundo caso entende uma substancial reforma do regime, através do jogo democrático, arbitrado com base na constituição, enquanto que o primeiro incide na ilegalidade com pretensões de derrubar o sistema vigente. Nesse intuito, para Marchi, o Chega corresponde a uma nova direita por rejeitar os legados históricos do autoritarismo ocorrido no século XX.

No contexto nacional, para Marchi, o mais distintivo é o facto deste partido não ser resultado da linha genealógica da direita radical tradicional portuguesa, mais nacionalista e culturalmente identificada como sendo anti abril, ou seja, em oposição às elites responsáveis por fundar a III República: “o partido Chega, o seu presidente e os seus fundadores não pertencem a esta tradição política e não estão interessados em recuperá-la” (Marchi, 2020 (b): 205).

Tendo em conta a ideologia do partido, um dos primeiros desacordos é proveniente da aparente incongruência entre o posicionamento, “posicionamento ultraliberal na economia doméstica, em contrapartida com o nacionalismo e protecionismo defendidos no plano internacional” (Santana, 2021: p. 13). Já para Carvalho (2020), o partido Chega “adotou um programa neoliberal em conjunto com uma posição autoritária relativamente à democracia liberal” (Carvalho, 2020: p. 14).

Consoante Marchi, embora o partido reúna apoiantes dos diversos espaços do espectro político, o Chega demonstra, desde a sua fundação, sobretudo uma tensão entre duas das referências internas. Nessas referências, é possível denominar uma como nacionalista liberal eurocética, que entende que Portugal se deve adaptar a um cenário inevitável de fim da União Europeia, uma frente liberal conservadora europeísta, capaz de demonstrar aversão ao nacionalismo com um sentimento de dúvida em relação ao iminente colapso da EU. Mesmo assim, é possível dar conta de uma convergência de base numa corrente principal, oficialmente reivindicada pelo partido, “caracterizada pelo liberalismo económico e pelo conservadorismo dos valores” (Marchi, p. 209, 2020).

Segundo Serrano, o próprio líder André Ventura

“incita a mudanças sociais e políticas radicais [...] e não tem um compromisso firme com ideologia e princípios” (Serrano, 2020: 231). Assim sendo, diversas são “as declarações de André Ventura que colocam em causa a retórica oficial do partido” (Santana, p.7, 2021).

No ano de 2019 e nas respetivas eleições, a coligação Basta, da qual fazia parte o Chega, conquistou um parco resultado e não conseguiu atingir o principal objetivo de eleger um deputado. A coligação da qual fazia parte, antes de ser destituída, tinha sido projetada como um projeto a médio longo prazo até às legislativas. Toda a campanha eleitoral protagonizada pelo líder do Chega assentou em temas como:

“a valorização da soberania nacional dentro de uma União Europeia que não se quer federal; o combate à imigração ilegal e ao terrorismo internacional; a defesa da identidade cultural da Europa perante o mundo islâmico e o laicismo das esquerdas” (Marchi, p. 210, 2020).

No decorrer do seu percurso, o Chega já se viu envolto em diversas situações polémicas. É de destacar a tarefa da recolha de assinaturas para a legalização do partido no Tribunal Constitucional, pois um largo número delas foi rejeitado devido a irregularidades. Este acontecimento provocou suspeitas em relação à legalidade do processo conduzido pelos

membros do Chega, ou até mesmo, dúvidas em relação ao grau de amadorismo dos intervenientes. Advindo desta situação, registou-se a primeira crise interna do partido, levando, desse modo, à saída de elementos da ala nacionalista liberal antieuropeísta, possibilitando que parte da facção liberal conservadora e europeísta se afirmasse mais vincadamente.

Tendo em conta Reis (2020), o Chega é definido por um partido político de natureza e base fundamentalmente popular (Reis, 2020). No que à componente populista do partido diz respeito, para Marchi (2020), o Chega, tal como outros partidos populistas europeus, aposta

“numa estratégia discursiva baseada em chavões de teor legalista, securitário e antielitista” (Marchi, p. 215, 2020,).

Perante esta componente, o partido pretende, entre outros factos, diferenciar-se dos diversos atores políticos, maioritariamente das direitas, proporcionar propostas facilmente compreensivas por parte daquele sentimento difuso de antipolítica existente em Portugal e até agora não explorado, até às últimas consequências, por nenhum ator político, em simultâneo que ambiciona almejar atenção constante dos *media*.

Perante isto, é perceptível que o Chega pretende adaptar ao contexto político português as estratégias que alcançaram sucesso a nível europeu:

“o Chega [...] pretende encarnar, em versão portuguesa, a fórmula belicosa do populismo europeu de direita” (Marchi, p. 207, 2020).

6. Singularidade do Populismo de André Ventura no Contexto Europeu

O surgimento do populismo de Ventura marca um momento paradigmático na política portuguesa, que até esse momento, era considerada resistente à influência de movimentos populistas, em particular os de direita radical. No contexto europeu, este fenómeno político distingue-se por se desenvolver num sistema político sem precedentes significativos de populismo estruturado. O caso português evidencia, assim, características culturais, históricas e sociais que o tornam único, não obstante as semelhanças com outras manifestações populistas no continente.

O populismo de André Ventura e do Chega diferencia-se de outros movimentos europeus por ser fortemente adaptado às especificidades sociais e culturais portuguesas. Ao contrário de Marine Le Pen em França ou Matteo Salvini em Itália, cujo discurso populista é

amplamente centrado na imigração em larga escala, Ventura adapta a sua retórica para questões internas mais específicas, explorando divisões sociais e culturais-

Embora o caso do Chega partilhe características com outros movimentos populistas europeus, o caso de estudo apresenta especificidades e contornos notáveis, nomeadamente, a ausência de heranças históricas de extrema direita. Isto é, contrariamente ao partido Frente Nacional na França, ou do Partido pela Liberdade, nos Países Baixos, o Chega não emerge de uma tradição política consolidada, mas sim como uma força nova que capitaliza sobre o descontentamento com o sistema.

Ventura utiliza o nacionalismo com enfoque moral, de modo a sustentar uma narrativa de moralidade e justiça, que transcende a questão da soberania nacional frequentemente central noutros movimentos europeus já mencionados. Tendo em conta o enquadramento periférico do populismo do Chega, Zúquete descreve Ventura como um exemplo de populismo periférico, adaptado especificamente às particularidades culturais de Portugal, que enfatiza a “pureza” nacional e a rejeição das elites políticas e minorias.

Esta singularidade do populismo de Ventura reflete-se, de igual modo, no impacto que tem gerado no sistema político nacional. A retórica polarizadora contribuiu para uma crescente fragmentação do eleitorado, assim como para a reconfiguração das alianças partidárias, desafiando a tradicional hegemonia do centro político, que vigorou em Portugal desde a Revolução de abril. Ventura e o Chega não apenas incorporaram o descontentamento popular, mas também catalisaram um debate sobre os limites do discurso político e a resiliência das instituições democráticas em Portugal.

7. Perfil e Estratégias de Comunicação de André Ventura

André Ventura surgiu no panorama da política nacional como uma figura proeminente. Professor universitário e advogado, Ventura atingiu notoriedade ao fundar o partido Chega, em 2019. Baseado em ideologias nacionalistas e de direita conservadora, este partido foi alvo de uma ascensão meteórica impulsionada por uma retórica direta, controversa e populista.

Ventura apresenta-se como um "desafiador" do sistema, posicionando-se como representante do "português comum". Optando por uma abordagem confrontacional e de um estilo combativo, destaca-se por uma franca comunicação sem rodeios. Frequentemente cita estudos e dados estatísticos, de modo a credibilizar o seu discurso (Mendes, 2024).

Com uma linguagem acessível e informal, juntamente com a pretensão de atingir um grande número do eleitorado, está disposto a confrontar os seus adversários e desafiar as convenções políticas estabelecidas. Para isso, não hesita em desafiar igualmente os oponentes de maneira incisiva (Baptista, 2024).

Perspicaz e inteligente, Ventura empregou uma série de estratégias de comunicação com o principal intuito de maximizar a sua visibilidade, impacto e alcance. Entre essas estratégias, é de referir a *Simplificação de Mensagens*. Para isso, tende a simplificar questões complexas em discursos acessíveis e diretos, utilizando linguagem clara e evitando jargões. Esta característica leva Ventura a alcançar um amplo espectro de eleitores, especialmente os desencantados com as práticas políticas de Portugal (Silva, 2019).

Como tal, não hesita em adotar uma postura polémica e de provocação, de modo a atrair uma substancial atenção dos *media* e gerar discussões entre os eleitores. Através de declarações controversas, visa evidenciar assuntos que considera pertinentes para o seu eleitorado, mesmo que isso se traduza em atrair controvérsias e críticas (Mendes, 2024).

No entanto, por detrás da retórica incisiva apresentada, Ventura demonstra ainda uma elevada capacidade de flexibilidade e adaptação. Desta forma, ajusta as mensagens e o conteúdo destas de acordo com o contexto político e as exigências do eleitorado. Prometendo uma abordagem decisiva e firme para dar solução dos problemas que afetam a sociedade portuguesa, apresenta-se como defensor da ordem pública e dos valores tradicionais (Silva, 2019).

Em suma, André Ventura emprega uma estratégia de comunicação populista, confrontacional e altamente personalizada, que este adapta eficazmente às diferentes plataformas de *media* e redes sociais, contribuindo para o crescimento no cenário político português. Caracterizado como estrategista e habilidoso, utiliza a sua comunicação provocadora e assertiva, com o intuito de consolidar a sua posição no cenário político português (Baptista, 2024).

No entanto, sua comunicação tende a basear-se em grandes slogans diversamente vagos, evitando discussões detalhadas sobre implementação de políticas ou impactos orçamentários (Sandes. et al, 2024).

7.1 O ator político André Ventura

André Ventura e o seu partido político Chega, são considerados dois fenómenos facilmente confundíveis no meio comunicacional nacional. É difícil isolar e distinguir um conceito do outro. Dessa forma, são diversos os analistas e autores que consideram o partido Chega um projeto político pessoal do seu líder, André Ventura. Neste caso, se o líder é entendido como uma peça essencial do partido, o Chega, em contrapartida, pode considerar-se como um eficaz instrumento de poder para revigorar este ator político em Portugal:

“o projeto Chega [...] é filho de André Ventura e este, como líder político nacional, filho daquele” (Marchi, p.20, 2020).

Deste modo, inserido no contexto da investigação, é essencial ter em conta o percurso pessoal, em termos de carreira política e mediáticos, do líder e fundador do partido Chega, de forma a traçar o perfil deste, enquanto ator político.

Ventura é proveniente de uma pequena família da burguesia que residia nos subúrbios da área metropolitana de Lisboa, mais especificamente, Mem Martins, na linha de Sintra. Este facto foi determinante para a sua formação política, pois o próprio afirma que, caso não tivesse nascido num subúrbio, nunca seria como é hoje em dia.

Segundo o próprio, o “conflito económico, étnico, racial, marcou-me muito no meu crescimento. Eu acho que marcou a minha visão política para sempre” (Ventura, Cit. In. Marchi, 2020: 219). De acordo com o autor, esse determinante levou Ventura a identificar-se com uma ideologia em que considerava “a ideia de ‘direita não-elitista’, forte, mas de base popular” (Marchi, p.21, 2020).

No decorrer da sua juventude, Ventura opta por ingressar na Juventude Social Democrata (JSD). Impulsionado pela sua filiação católico cristã, realizou a formação do secundário num seminário, contudo, resolveu não prosseguir com a carreira eclesiástica. Imediatamente após isto, licenciou-se em direito e doutorou-se em direito criminal, trabalhou enquanto professor universitário auxiliar, inspetor tributário e investigador científico. Além de tudo isso, foi ainda autor de diversas publicações em diários, romances e colunas de opinião (Afonso, 2022).

Mais tarde, entre 2013 e 2016, é o intervalo de tempo em que este dá início à mediatização da sua figura, particularmente através de canais de televisão como Benfica TV ou Correio da Manhã.

Segundo Marchi, “o trampolim de André Ventura para a cena pública [deve-se à] atividade de colunista e comentador na comunicação social, em matérias de segurança, justiça, política e desporto” (Marchi, p.25, 2020).

Neste tipo de programas, sobretudo naqueles que incidem em assuntos desportivos, sucede-se um elevado nível de conflitualidade entre intervenientes, o que proporcionou uma habilidosa capacidade de debate a Ventura.

É no interior do Partido Social Democrata (PSD) que Ventura dá início ao lançamento da sua carreira política e que se vai convencendo que, de acordo com Marchi (2020), a política sempre foi o seu derradeiro objetivo (Marchi, 2020). Contudo, após a sua pretensão à Câmara de Sintra não ser aceite pelo partido, começa a percecionar o elevado nível de “dificuldade de furar as lógicas hierárquicas internas ao PSD” (Marchi, p. 28, 2020). Como consequência disso, ocorre-lhe uma ideia:

“criar um movimento [...] que canalize o mal-estar do eleitorado português e fure os bloqueios dos aparelhos partidários tradicionais, já desprovidos de qualquer capacidade de renovação interna e pujança externa” (Marchi, p.28, 2020)

Além do desequilíbrio interno ao PSD, a ideia de André Ventura de criar um novo projeto político foi sendo reforçada pelo contexto externo ao partido, isto porque nas suas palavras:

“em 2016 tive um momento de grande desilusão com o PSD, pelo caminho que eu sentia que estava a ser trilhado. O PSD tinha perdido as legislativas em 2015 para António Costa com a Geringonça. E nós não estávamos a conseguir ser a oposição, a tal direita popular que imaginei. Pensei nesta altura, criar alguma coisa diferente, no estilo, na forma, na mensagem e até nalguns valores” (Ventura, Cit. In Marchi, p.29, 2020).

Não obstante dos entraves pessoais no seio da máquina partidária e do que este considera serem resultados parcos eleitorais do PSD, Ventura coloca o seu projeto em *stand by*. Este, entende que naquela altura o seu destaque político e a sua presença mediática ainda não eram suficientes, tendo em conta as suas ambições e exigências que um projeto de tal magnitude acarretaria (Afonso, 2022).

Um fulcral momento no percurso político do candidato constata-se com a candidatura deste, através da coligação Primeiro Loures (PSD-CDS-PPM), nas eleições autárquicas de 2017,

com vista a presidência da Câmara de Loures. As eleições para um território desta magnitude confirmaram as suas convicções sobre o PSD e sobre a política no geral, tendo servido como primeiro ensaio da sua estratégia política populista. Mais tarde, esta estratégia foi replicada num plano nacional (Silva, 2019).

“quando olho para trás, acho que o meu verdadeiro nascimento político foi nessa campanha eleitoral [de Loures]. Não partidariamente, porque fui do PSD desde muito jovem. Mas foi o meu momento de viragem política. Foi quando percebi que [eu e o PSD] tínhamos posições completamente diferentes” (Ventura, Cit. in Marchi, p.45, 2020).

Em conjunto com João Gomes de Almeida, consultor de *marketing* e publicidade, ambos se empenharam em formular uma estratégia política que tendesse a destacar a candidatura de Ventura em relação às demais e que fosse extremamente eficaz, de modo a mobilizar o eleitorado. Perante isso, instrumentalizaram a percepção de insegurança em Loures com relação direta com a comunidade cigana local. A escolha deste sensível tema deveu-se ao seu potencial gerador de polémica nos *media* e, desse modo, servir como rastilho de toda a campanha.

“A estratégia foi escolhida em plena autonomia por Ventura, sem pedir autorização ao PSD que, aliás, mesmo a nível da concelhia, nunca tinha pegado no tema, por medo do politicamente correto” (Marchi, p.31, 2020).

A adoção desta estratégia política submeteu-se, em primeiro lugar, às suas ambições políticas. Por esse motivo, é considerada puramente ausente de considerações ideológicas e pragmática. Este autor evidencia que as próprias percepções dos futuros fundadores do Chega, em comunhão com Ventura, foram de que este ator político se limitou a evidenciar um problema em específico, através de um discurso politicamente incorreto num tom de protesto. Para a população, resultante deste acontecimento, o que saltou à vista não foi o caráter xenófobo, mas sim a personalidade corajosa por parte de Ventura, nesta intervenção política (Afonso, 2022).

Tendo em conta esta questão, Ventura e os fundadores do partido, defendem que o ponto fulcral é que existe na sociedade o predomínio da ilegalidade difusa, subsidiodependência e uma total diferenciação, perante a Lei e o Estado de Direito, em relação aos indivíduos pertencentes às ‘comunidades étnicas’.

De acordo com Marchi (2020), dá-se “o reconhecimento de uma realidade social determinada pela não assimilação desta minoria no tecido legal do

Estado e pelo consequente enraizamento de hábitos extralegais” (Marchi, p.35, 2020).

Seguindo esta linha, Ventura tende a alargar este tipo de discurso a outros setores da sociedade, vincando temas como a imigração, controlo de fronteiras e a manifestação de apoio às forças de segurança.

Aquando da campanha política de André Ventura e das estratégias por este utilizadas, nas autárquicas de Loures, estas surgem efeito, uma vez que “as reações contrastantes polarizam o debate e tornam Ventura uma figura política de projeção nacional” (Marchi, p.35, 2020). Resultando como consequência, isto começou a atrair a atenção de indivíduos de extrema-direita, com destaque para José Pinto Coelho, dirigente do PNR, que manifestou o apoio a Ventura, principalmente por considerar que este pertencia ao seu espectro político. Como resultado disso, a situação tornou-se mais mediatizada, contudo, Ventura considerou importante demarcar-se do movimento denominado de extrema direita (Afonso, 2022).

“queria repudiar veementemente qualquer associação de pessoas ou grupos, políticos ou civis de carácter racista ou xenófobo, pois nunca foi minha intenção estimular ou aprofundar este tipo de sentimentos no debate público” (Ventura Cit. In Marchi, p.36, 2020).

No decorrer desse tempo e no interior da coligação da qual Ventura fazia parte, começou a surgir algum desacordo no que à sua estratégia política pessoa diz respeito e, nessa mesma altura, é-lhe solicitado um pedido de esclarecimento. Como resposta, apresenta supérfluas explicações e opta por reforçar as suas posições e prosseguir a capitalizar a polémica. Esta ação tranquiliza o PSD, mas, noutro ponto de vista, o CDS decide abandonar a coligação, com o intuito de se demarcar da situação (Afonso, 2022).

O caso de Loures é considerado um caso de comunicação política único em Portugal. Marchi (2020), realça as palavras do assessor de marketing da campanha, João Gomes de Almeida:

“a tempestade levantada nos media e na cena política é um ganho evidente” (Marchi, 2020: 39), assim como as palavras de Ventura “não consegui antever o tornado que estava a cair em cima de mim com a questão dos ciganos. Mas é aí que eu começo a trilhar o caminho que dá origem ao Chega” (Ventura Cit. In Marchi, p.39, 2020).

Para Marchi (2020), em termos de mediatização, o sucesso estratégico, foi comprovado pelo resultado eleitoral em Loures. Como resultado da boa prestação de Ventura,

o PSD alcançou o melhor resultado em duas décadas e, em comparação com os poucos resultados obtidos em grande parte dos concelhos do distrito de Lisboa. Tudo isto teve repercussões políticas pessoais para Ventura, pois criou-se a percepção de “uma clara vitória pessoal. Imediatamente após este resultado, Ventura promove a sua figura de dirigente nacional do PSD (Marchi, 2020).

Com o decorrer desses acontecimentos, no interior do PSD, Ventura salienta a sua posição e ambiciona dilatar o seu capital político.

Este “começa uma operação de promoção pessoal interna ao partido para promover-se” (Marchi, p. 208, 2020). Aplica-se em promover uma viragem do discurso social democrata, com vista a um conjunto de valores resultantes da experiência em Loures. Além disso, confessa disputar a liderança do PSD com o político Rui Rio: “a vontade expressa de disputar a liderança do PSD é significativa da procura de protagonismo político a nível nacional, na senda do sucesso de Loures” (Marchi, 2020: 41).

Contudo, o ator político acaba por apoiar a candidatura de Santana Lopes, o qual sai derrotado e abandona o PSD para criar o partido Aliança (Afonso, 2022).

Mais tarde, em 2018, Ventura cria um movimento interno ao PSD, denominado ‘Chega’, cujo símbolo se constata a silhueta do território nacional,

“mote que quis traduzir em ação política de crítica radical ao sistema, por enquanto ainda dentro do seu partido” (Marchi, p.42, 2020).

Nessa altura, o objetivo era o de aproveitar algum descontentamento percecionado nas fileiras sociais democratas, com o objetivo de agregar os opositores de Rio, de entre as bases do partido, de maneira a criar um Documento Estratégico Global para o PSD e a contestar a sua liderança.

Tendo em conta Marchi, o Movimento Chega declarava que a liderança do PSD estaria a colocar o partido numa linha política desfavorável, pois se encontrava excessivamente encostada aos partidos de esquerda e ao centro. Adicionalmente, criticava uma certa ortodoxia estática, uma gestão interna autoritária e extremista e uma certa neutralidade ideológica sobre fundamentais temas que teimava existirem (Afonso, 2022).

Não obstante de um ímpeto inicial que o movimento verificou, devido ao número de subscrições, diversas figuras relevantes do partido, que tinham prometido apoio, preferiram demarcar-se da iniciativa, o que, segundo Marchi (2020), se deveu

“à expetativa parte destes de que o desgaste do presidente pelas derrotas, consideradas inevitáveis nas futuras eleições proporcionaria um momento mais favorável à ação política interna contra a liderança de Rui Rio” (Afonso, p. 30-31, 2020).

Perante todos estes acontecimentos, André Ventura vê-se impotente face a este poderoso conjunto de políticos dentro da máquina partidária instaurada em Portugal. Esta característica isola o político, em simultâneo que impossibilita as suas aspirações no panorama político nacional. Deste modo, considera que foi “‘traído e apunhalado pelas costas’ por notáveis do partido que inicialmente o tinham apoiado e incentivado a avançar” (Marchi, p.44, 2020) e ainda que as bases do PSD, todavia de pessoalmente manifestarem apoio à candidatura, prosseguiram a dar prioridade à lógica do partido no qual se encontravam inseridos (Parrança, 2022).

Tendo em conta essa impotência, ao sentir que não se encaixava e por ter outras ambições, Ventura conclui:

“eu percebi, olhando para o PSD, que já não era o PSD que estava mal comigo. Era eu que já estava mal com o PSD. Ou seja, que o PSD estruturalmente recusava ser esta direita popular que eu entendia que deveria ser” (Ventura Cit. In Marchi, p.44, 2020).

Ao deparar-se com as dificuldades de conciliar as ambições pessoais com as do PSD, em simultâneo que toma noção das potencialidades do seu estilo político, as quais atestava com o gradual apoio popular ao seu discurso, conclui autonomamente que:

“o discurso era bem visto pelas pessoas. Eu era mais aplaudido pelas pessoas que pelos militantes do partido. [...] eu sentia que as pessoas me recebiam melhor do que o próprio partido. Do que os dirigentes e os militantes do partido. E eu percebi, aqui, que havia um fenómeno de que nunca tinha tido a certeza [...] que havia base popular para isso” (Ventura Cit. In. Marchi, p.44, 2020).

De acordo com Marchi, "o apoio obtido pelo Movimento Chega junto da sua base – já demonstrado em Loures – convence Ventura da viabilidade de um projeto político independente do PSD" (Marchi, 2020: 43). Deste modo, André Ventura, não conseguindo implementar a sua visão de reformar o PSD e revitalizar a direita social-democrata, decide avançar com o seu próprio projeto ao

fundar o partido Chega em 2019: "Ventura considera a criação de um novo partido uma solução extrema, apenas necessária após esgotadas todas as tentativas internas de mudar o rumo do PSD" (Marchi, p.41, 2020).

Ao desvincular-se da tradição e hierarquia do PSD, André Ventura encontrou no projeto político do Chega uma maior flexibilidade de ação e liberdade de discurso.

"Agora posso dizer aquilo que quero, em consciência, e que sejam os portugueses a julgar. Essa é a vantagem de criar um novo movimento [...] As propostas vão ser estas: quem gosta, gosta; quem não gosta, não gosta" (Ventura, Cit. in Marchi, p.45, 2020).

No decorrer das eleições europeias de 2019 e já com o partido Chega formado, não conseguiu obter um resultado significativo. Contudo, a eleição de André Ventura, deputado único do partido foi um importante marco, o qual se deveu em grande parte à atenção mediática sobre este ator político. O deputado começa a surgir com frequência nos jornais e a manter um contacto direto com o público. Ademais, nas entrevistas em que participa, destaca-se dos demais representantes dos outros partidos parlamentares. "potenciando, nas redes sociais, a sua capacidade de se apresentar como político antissistema" (Marchi, p. 211, 2020).

No decorrer do seu percurso na liderança do partido; André Ventura tem-se visto envolvido em diversas polémicas. De destacar, no que à deputada Joacine Katar Moreira diz respeito, Ventura sugeriu a 'devolução ao seu país de origem', Guiné Bissau, na sequência de uma proposta sugerida pela deputada acerca da descolonização da cultura portuguesa através da devolução das obras guardadas nos museus aos seus países de origem. Uma outra polémica registou-se associada à comunidade de etnia cigana de Moura. Ao recusarem-se a realizarem os testes diagnóstico da doença provocada pela covid, Ventura sugeriu um confinamento generalizado das comunidades ciganas, de modo a prevenir o controlo sanitário, "com o intuito de denunciar novamente a alegada impermeabilidade às regras do Estado de direito desta minoria étnica" (Marchi, p. 212, 2020). Esta medida foi alvo de uma substancial polémica nos *media* e nas redes sociais, especialmente após o jogador da seleção de Futebol Ricardo Quaresma incriminar Ventura de racismo explícito.

"As eleições presidenciais representaram um marco importante na trajetória de André Ventura, ao consolidarem a sua imagem como líder da direita antissistema" (Marchi, p.214, 2020).

No decorrer dessas eleições, no seu discurso, Ventura terá procurado "manter uma postura ofensiva, nunca defensiva, mantendo-se como contestatário" (Reis, p.86, 2020). Já para

Dias (2020), a estratégia comunicacional utilizada toma uma conotação “extremada e populista, fazendo uso de ofensas aos seus adversários políticos, tendo evidenciado uma tendência de ‘trumpização’ da performance política” (Dias, p.53, 2020). Embora tenha terminado em terceiro lugar, com 11,9% dos votos, um resultado abaixo das suas expectativas, este desempenho recebeu ampla atenção.

Ao longo da sua liderança, André Ventura tem enfrentado dificuldades na gestão dos conflitos internos, raramente conseguindo alcançar compromissos entre as partes, o que resultou na perda frequente de militantes e de elementos importantes do partido (Marchi, 2020). Contudo:

“Hoje André Ventura é o Chega e o Chega é André Ventura. A sua liderança é incontestada. As suas demissões da presidência, anunciadas em abril de 2020, não passam de uma tática para repor a ordem nas diatribes internas que se multiplicam entre os filiados, empenhados na conquista de lugares cimeiros da estrutura periférica” (Marchi, p. 217, 2020).

Recentemente, Marchi observou que, no que diz respeito aos níveis de personalização do partido, fortemente centrado em André Ventura, não havia “sinais, para o futuro próximo, de uma diminuição [...], o que determina uma certa vulnerabilidade da estrutura, no meio-longo prazo, exposta às vicissitudes do seu líder” (Marchi, p.217, 2020).

Isso indicava a necessidade de que outros membros se destacassem dentro do partido, de modo que André Ventura precisaria ser “ladeado por outras personalidades – agora inexistentes – que sejam porta-vozes credíveis e apelativos da agenda política do Chega” (Marchi, p.218, 2020). Tendo sido eleitos 12 deputados pelo Chega, nas eleições legislativas de 2022, permite dar início a esse processo, o que parece ocorrer através da promoção de deputados nos *media*. Por outro lado, é também relevante destacar que Ventura não assumiu um cargo de destaque, como o do porta voz de bancada (Parranço, 2022).

7.2 A Construção do Discurso Populista: Estratégias e Impacto

O político André Ventura tem vindo a consolidar-se como uma das figuras centrais do populismo de direita radical em Portugal. O seu discurso, caracterizado por uma retórica polarizadora e um apelo direto à insatisfação popular, tem vindo a impactar significativamente o panorama político nacional, particularmente nos debates das eleições legislativas de 2022 e 2024. Através de estratégias discursivas que apelam ao ressentimento, à exclusão de grupos

minoritários e à personalização do poder, Ventura tem procurado mobilizar o eleitorado, posicionando-se como o "salvador" de uma nação que considera em declínio.

Entre as fontes que ajudam a entender essas estratégias, destaca-se o livro “Na Cabeça de Ventura”, de Vítor Matos (2024), que concerne uma aprofundada análise do percurso de Ventura e da forma como este construiu a sua imagem política. O trabalho de Matos oferece *insights* valiosos sobre os mecanismos utilizados por Ventura, de modo a projetar-se como líder de um movimento contra o sistema tradicional, explorando tanto os aspetos pessoais quanto discursivos de sua ascensão.

No entanto, mais do que um estudo isolado da obra de Matos, o presente capítulo desta investigação tende a contextualizar essas estratégias dentro de um espectro mais amplo de populismo de direita radical, analisando como Ventura se insere e contribui para as dinâmicas de polarização que caracterizam o contexto político atual, a nível nacional.

7.2.1 A Retórica Antielitista e a Dicção da Exclusão

O discurso de Ventura recorre frequentemente à dicotomia entre "povo" e "elite", uma característica fundamental do populismo, conforme definido por Mudde e Kaltwasser (2017). De acordo com estes autores, o populismo assenta numa visão maniqueísta da sociedade, onde o "povo puro" é contraposto a uma "elite corrupta" que alegadamente trai os seus interesses (Mudde. et Kaltwasser, 2017). Ventura apropria-se dessa narrativa ao apresentar-se como o único verdadeiro representante dos cidadãos comuns, enquanto denuncia os partidos tradicionais e as instituições políticas como cúmplices da degradação do país "Os políticos do sistema enriqueceram enquanto o povo empobreceu. Chegou a altura de dar voz aos portugueses e expulsar estes traidores! Nós, temos políticos a mais, temos dirigentes a mais e não precisamos deles. O ano passado batemos recordes com gastos de governo, em viagens, enfim, no que já sabemos".¹²

Esta estratégia retórica, amplamente utilizada por líderes populistas de direita radical na Europa (Eatwell, 2018), tem como objetivo legitimar a sua posição de *outsider* e reforçar a

¹²(Ventura, 2022, min. 13'00s, obtido a 15/02/2025, disponível em <https://www.rtp.pt/play/p9711/e590727/legislativas-2022-debates-rtp>).

percepção de que o sistema político está corrompido (Eatwell, 2018). Em território nacional, Ventura amplifica esta oposição através do uso de expressões como "sistema podre" ou "casta política", uma técnica discursiva que, segundo Zielonka (2015), contribui para a erosão da confiança nas instituições democráticas e favorece a ascensão de alternativas políticas extremas ("O problema deste país é e sempre foi que os políticos são uma casta de privilegiados que se acham acima da lei").¹³

7.2.2 Exclusão e Apelo ao Medo

Um outro elemento central na construção dos discursos de Ventura passa especificamente pela exploração das fragilidades sociais e culturais, ampliando sentimentos como o desconforto e insegurança face a determinados grupos sociais. Através da retórica que associa minorias, como por exemplo comunidades de etnia cigana e imigrantes, a uma ameaça à identidade nacional, reforça o seu posicionamento populista e projeta um cenário de “perigo iminente” que, de acordo com o mesmo, justifica por completo a implementação de políticas diferenciadas e restritivas. Esta narrativa é, pois, sustentada por declarações como *"Estou farto de viver num país em que os criminosos têm todos os direitos e nós temos de comer e calar, uma e outra vez."*¹⁴

A estratégia discursiva empregue em debates e intervenções públicas, reforça a percepção de insegurança e denuncia alegadas desigualdades na distribuição de recursos públicos, responsabilizando determinados grupos pelo incremento da criminalidade e degradação dos valores nacionais do país.¹⁵

Como evidenciado por Matos (2022), Ventura utiliza a comunicação política para apelar ao medo, fomentar exclusão, indignação e desconfiança, recorrendo a expressões simplificadas e impactantes que favorecem a adesão popular. Desse modo, o apelo ao medo, constitui um mecanismo eficaz de mobilização eleitoral, consolidando a posição de Ventura e do Chega como alternativa ao sistema político tradicional (Matos, 2022).

¹³Ventura, 2025, min. 00'10s, obtido a 07/03/2025, disponível em <https://www.facebook.com/watch/?v=2034603567008606>).

¹⁴Ventura, 2025, obtido a 28/03/2025, disponível em https://www.youtube.com/shorts/Q5cWCo_A7zY

¹⁵ Ventura, 2023, obtido a 28/03/2025, de <https://www.youtube.com/watch?v=AwycF8O9p2I>

7.2.3 Personalização do Poder e Uso Estratégico dos Media

A personalização do poder é uma das principais características da liderança de Ventura. Este cultiva a imagem de líder único e indispensável, centralizando o poder à sua volta e marginalizando outros partidos, até mesmo aqueles com alinhamentos ideológicos semelhantes. Nos debates eleitorais, Ventura demonstra a sua habilidade em dominar o palco mediático, utilizando as redes sociais e os debates televisivos como plataformas para amplificar a sua mensagem

“Quem criou o fenómeno André Ventura? Televisão ou redes sociais? Ventura não é um político que ganhou visibilidade mediática. É antes alguém que, embora traçando um caminho na política, ganhou o estatuto de celebridade fora da política e utilizou essa visibilidade para se tornar um político-celebridade com expressão eleitoral. Os dados do Facebook permitem perceber que André Ventura beneficiou da notoriedade proporcionada pelos órgãos de comunicação social desde 2016 e também das páginas de apoio do Chega desde 2019” (Palma. et al, 2021).

7.2.4 Conclusão do capítulo

Em suma, a análise do livro *Na Cabeça de Ventura* de Vítor Matos fornece uma visão útil sobre a ascensão e as estratégias discursivas de André Ventura, embora deva ser percecionada como parte de um quadro mais amplo de reflexão sobre o populismo de direita radical. Esta obra complementa a compreensão das dinâmicas de construção do discurso político de Ventura, embora seja através da articulação de várias fontes e abordagens que é possível compreender plenamente o impacto do seu discurso na política portuguesa.

8. Perspetiva de Ventura e do Chega sobre migrações

A abordagem e respetiva perspetiva de Ventura e do Chega, em relação à temática das migrações, encontra-se diretamente inserida num quadro ideológico alinhado com o populismo de direita radical. Neste caso, Ventura e o seu partido, apresentam um discurso assente em três principais eixos, nomeadamente, assentes na defesa de determinado nacionalismo identitário, securitização da imigração e a contestação do multiculturalismo enquanto política de

integração. É possível afirmar que este tipo de populismo do Chega é caracterizado por narrativas exclusivistas e securitárias (Cruz, 2023).

Concretamente em relação a esta temática migratória e num discurso de Ventura, este sugere implicitamente a distinção entre dois tipos de migrantes. Essa distinção segue a lógica adotada no Chega de distinguir diferentes tipos de comunidades (no programa do partido surge distinção entre comunidades de ‘ordem inferior’ e de ordem superior’), tendo em conta a inserção na sociedade portuguesa.

O cerne da questão que Ventura pretende destacar do tema da imigração é o tratamento ‘privilegiado’ que, no seu ponto de vista, os imigrantes recebem, por parte dos partidos políticos tradicionais, assim como por parte do sistema vigente, a nível do poder local, comparativamente com os ‘portugueses de bem’.

Com isto, esta temática revela-se útil para a obtenção de apoio popular, servindo, de igual modo, como arma de arremesso contra opositores do Chega: “[...] a imigração que temos [em Portugal] é uma ilegal e outra legal. Não é disso que se trata neste caso. Todos os países o têm. O que não podemos nunca, o que não devemos, o que não temos o direito, é de dizer que estes homens e mulheres que vieram para Portugal trabalhar e que devem ser acolhidos com dignidade valem mais que os nossos próprios que cá estão a trabalhar e a pagar impostos há anos. Em concelhos alguns deles de partidos que hoje aqui dizem que há anos denunciam o problema, mas os têm ali mesmo, há décadas, a geri-lo sem qualquer solução [...] Vergonha. Vergonha de um Estado que não consegue tratar os portugueses melhor. Que não consegue tratar com dignidade aqueles para quem foi eleito e que merece esse trabalho”¹⁶.

Ventura é defensor de uma seleção de imigrantes que podem ser recebidos em Portugal e, consequentemente, na Europa:

“Precisamos ou não de imigração? Precisamos, mas devemos ser capazes de fazer uma reflexão sobre a

¹⁶ Ventura, 2021, obtido a 07/03/2025, min. 4’ 12s, disponível em [Ventura irrita Parlamento a falar do ZMAR e imigração - YouTube](#)

imigração que queremos”.¹⁷ A partir desta expressão, é perceptível que associa a prática da criminalidade à imigração proveniente de, por exemplo, origem islâmica, tomando como exemplo outros países europeus. Apesar de, na altura que proferiu a frase, os índices de Portugal em relação à imigração serem relativamente baixos, este determinante prosseguia a ser encarado como uma ameaça por parte de Ventura, com base nas previsões sobre potenciais desenvolvimentos a curto prazo: “a imigração islâmica é um perigo para Portugal, é um perigo sobre as nossas mulheres e sobre as nossas cidades”.¹⁸

Nesse sentido, Ventura adota uma perspetiva culturalmente tradicional, de acordo com a qual as mulheres necessitam da proteção dos homens, o que implica, de um modo subjacente, uma certa conceção de sociedade em que a mulher, devido à sua alegada fragilidade, se encontra subordinada ao homem. Para isso, Ventura recorre a medos profundamente enraizados no subconsciente coletivo acerca dos riscos de violência contra as mulheres, instrumentalizando-os, com o intuito de sustentar a ideia de que toda a população muçulmana representa uma potencial ameaça. O discurso em questão também evidencia um preconceito religioso em relação ao islamismo, ao apresentá-lo como o fator distintivo que torna os homens potenciais agressores de mulheres

“Parece que afinal não eram só perceções. Ou temos mão pesada com os criminosos ou vamos tornar-nos uma espécie de favela da Europa.”.¹⁹

Assim, verifica-se uma instrumentalização desta questão por parte de Ventura, alinhando-se com a estratégia adotada por outros partidos populistas de direita na Europa, ao transpor para a realidade portuguesa um medo preexistente.

¹⁷ Ventura, 2021, obtido a 07/03/2025, disponível em [Ventura diz que imigração islâmica é um perigo para Portugal e ouve protestos à esquerda - Política - Jornal de Negócios](#)

¹⁸ Ventura, 2021, obtido a 07/03/2025, disponível em [Ventura diz que imigração islâmica é um perigo para Portugal e ouve protestos à esquerda - Política - Jornal de Negócios](#)

¹⁹ Ventura, 2024, obtido a 28/03/2025, de <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1210146793800183&id=100044146223779&set=a.515133736634829>

No caso da imigração, Ventura recorre recorrentemente a entusiastas declarações que enfatizam um sentimento de ameaça iminente, associando riscos para a segurança e identidade nacional a comunidades específicas. Como um paradigmático exemplo é possível perceber a afirmação: “Quantos paquistaneses vão ter de cortar a cabeça a mais mulheres para percebermos o real perigo que esta vaga islâmica significa para a Europa?”²⁰

Esta declaração insere-se na lógica do apelo às emoções, neste caso o apelo ao medo, associando atos de violência cometidos por indivíduos a uma alegada ameaça generalizada de um grupo, promovendo uma visão dicotómica da sociedade. Tal discurso reforça a ideia de que a diversidade cultural e a imigração representam um risco existencial, justificando, dessa forma, a adoção de políticas securitárias mais restritivas.

Este tipo de abordagem, frequentemente utilizada por líderes populistas, visa mobilizar a opinião pública através da perceção de perigo e da polarização, consolidando um discurso que se afigura como uma alternativa ao sistema político tradicional.



Figura 2 - Tweet 'O Islamismo'

²⁰ Ventura (2019). Obtido a 30/03/2025, de <https://x.com/andrecventura/status/1162278580467818497>

No que concerne às minorias, a comunidade cigana constitui o exemplo mais recorrente no discurso de Ventura, funcionando como ilustração da lógica populista que pode ser extrapolada para outras minorias no contexto nacional português.

No discurso de Ventura, enquanto ator político, o Estado português é retratado como excessivamente tolerante em relação às minorias, concedendo-lhes benefícios sem a devida exigência de cumprimento de deveres fundamentais. Dessa forma, o Estado é apresentado como comprometido na sua atuação, favorecendo essas minorias em detrimento da maioria dos cidadãos, uma situação que o Chega se propõe a corrigir:

“Dizem-me muitas vezes: ‘Se os tira de casa, eles vão acampar para o meio da rua ou para a porta da câmara municipal.’ É preciso esclarecer o seguinte: o Estado de Direito não pode ter medo de grupo nenhum nem de minorias nenhuma, tem de estar acima de tudo. As pessoas ditas ‘normais’ ou da ‘maioria’, se não pagarem a sua casa ou a sua renda, não são despejadas?”.²¹

As intervenções de André Ventura não evidenciam uma preocupação com o desalojamento das denominadas “pessoas normais”, embora se centrem na alegada capacidade reivindicativa enquanto principal motivo de indignação. Nesta lógica, a temática da comunidade cigana perderia relevância caso os membros da mesma adotassem uma postura passiva face ao despejo, reforçando, dessa forma, a tal narrativa de desigualdade no acesso a recursos e direitos.

Nesta perspetiva, as minorias, com especial destaque para a comunidade cigana, inserem-se na narrativa populista do 'outro', sendo este retratado como alguém que depende do esforço do ‘povo honesto e trabalhador’. Este posicionamento é atribuído pelo Chega ao que considera ser o falhanço do multiculturalismo, o qual, segundo esta perspetiva, resulta na

²¹Ventura, 2022, obtido a 07/03/2025, disponível em [André Ventura: o candidato anti-sistema gerado pelo próprio sistema - SIC Notícias](#).

priorização de determinadas parcelas da população em detrimento do resto da cidadania, no âmbito do sistema de segurança social.

Não obstante, Ventura busca dissociar-se de qualquer associação com o racismo, defendendo que o conceito de 'politicamente correto', instituído na sociedade portuguesa, tem impedido a abordagem de problemas considerados reais, os quais, segundo o Chega, o partido não teme confrontar:

“temos tido uma excessiva tolerância com alguns grupos e minorias étnicas. Não compreendo que haja pessoas à espera de reabilitação das suas habitações, quando algumas famílias, por serem de etnia cigana, têm sempre a casa arranjada. Já para não falar que ocupam espaços ilegalmente e ninguém faz nada. Quem tem de trabalhar todos os dias para pagar as contas no final do mês olha para isto com enorme perplexidade. Isto não é racismo nem xenofobia, é resolver um problema que existe porque há minorias no nosso país que acham que estão acima da lei”.²²



Figura 3 - Tweet 'A comunidade cigana'

²² Ventura, 2019, disponível em [Ciganos, imigrantes e prisões. O que diz André Ventura.](#)

Subentendido neste discurso, Ventura manifesta a sua insatisfação com a alegada passividade dos “portugueses de bem”, não promovendo a reivindicação de direitos iguais para a maioria, mas incentivando a mobilização contra a minoria de etnia cigana. Frequentemente associada a discursos de ódio, esta retórica recorre a enraizados estereótipos, contribuindo para a sua reativação no contexto sociopolítico nacional atual.

Em 2020, no contexto da pandemia de Covid-19, Ventura apresentou uma proposta de plano de confinamento específico para a comunidade cigana, argumentando que esta não estaria a cumprir as normas sanitárias, o que, por sua vez, exacerbava o risco de contágio.

Numa carta dirigida a Rui Rio, detalhou os elementos que compunham essa proposta: “mais policiamento junto das zonas de residência dessas comunidades, maior investimento em ações de formação e sensibilização e regras de confinamento específicas [...]. Penso que concordará que as comunidades ciganas – ou melhor, o seu comportamento e atitudes específicas - não caindo em generalizações de qualquer tipo, representam hoje um forte problema de segurança e saúde pública nalgumas regiões do país” (André Ventura Cit. in Serrano, p.236, 2021). Esta proposta foi amplamente desaprovada pela sociedade civil, conforme reportado pelos meios de comunicação, gerando manifestações de indignação por parte de diversos cidadãos.

O debate em torno desta controvérsia, predominantemente desenvolvido nas redes sociais, intensificou-se quando o futebolista Ricardo Quaresma, de etnia cigana, acusou Ventura de racismo. Embora este episódio tenha prejudicado a imagem de Ventura e do partido Chega, associando-os a ideologias racistas e xenófobas, também contribuiu para atrair uma maior atenção pública para o partido e o seu líder.

Ao longo de toda a sua trajetória política, o Chega tem sido associado ao extremismo, ao racismo e à xenofobia. O discurso populista de Ventura é interpretado nesse contexto ou, no mínimo, é considerado ambíguo em relação a essas questões. Tal ambiguidade favorece a identificação de cidadãos defensores dessas ideologias, que se associam ao partido. Registaram-se, igualmente, acusações dirigidas a membros proeminentes do partido, imputando-lhes ligações à extrema-direita, além de incidentes em que militantes do Chega, em comícios, realizaram a saudação nazi (Palma, 2020).

Ventura foca-se na obtenção de apoio eleitoral e, ao observar o crescimento significativo do seu partido, embora afirme não se identificar pessoalmente com o extremismo político, encontra dificuldades em se distanciar, assim como ao partido, dessas associações: “crescemos mais de 100%. A grande maioria inscreve-se através do site. É impossível fazer rastreio a todos, mas vamos ficar atentos às inscrições em fluxo e, de acordo com o espírito da lei, fazer uma pesquisa sobre o seu passado político” (Palma, 2020).

Ventura foi diretamente envolvido em situações que levantaram dúvidas sobre a sua postura em relação ao racismo. Um caso relevante ocorreu em 2020, no qual esteve envolvido com a ex-deputada do Livre, Joacine Katar Moreira, quando reagiu nas redes sociais a uma proposta desta para a restituição do património das ex-colónias portuguesas às comunidades de origem.

Este episódio suscitou reações de repúdio por parte de outros partidos e de uma parte significativa da opinião pública. Em sua defesa, Ventura argumentou que a sua linguagem era irónica e refletia uma preocupação com o surgimento de um revisionismo histórico em Portugal, o qual, segundo ele, entra em confronto com a postura nacionalista do seu partido:

“qualquer dia nós vamos começar a reescrever a história de tal forma que tudo aquilo que tínhamos feito nos últimos oito séculos vamos ter agora que reparar. [...]

O que eu disse ali, numa linguagem algo irónica, foi que quem não gosta da nossa história, quem não se integra e quem não entende a nossa história, quem acha que nós somos assim tão maus, não está cá a fazer nada, foi isso que no fundo quis dizer” (Penela, 2020).

Igualmente neste caso, o ator político considera ser alvo do politicamente correto, com a intenção de esse determinante o impedir de ser livre de se expressar aberta e livremente:

“país de hipocrisia em que tudo é racismo e tudo merece imediatamente uma chuva de lamentos e de análises histórico-megalómanas. O nosso problema não é o racismo. É a hipocrisia. É o síndrome Joacine que começa a invadir as mentalidades. Por mim não passarão” (Ventura, 2020).

Para Ventura, subjacentes a essas questões, existem problemas estruturais em Portugal que não estão a ser adequadamente resolvidos. Deste modo, posiciona o seu partido como uma força de insurreição em nome do 'povo' português, contra o sistema que perpetua o status quo, o qual, segundo ele, prejudica os cidadãos.

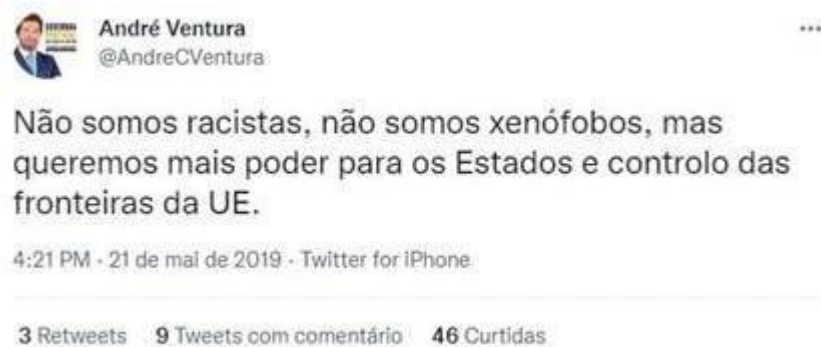


Figura 4 - Publicação Tweet "Não somos racistas"

O tratamento da imigração por parte de Ventura nos debates serviu como ferramenta política para consolidar a sua imagem e imagem do seu partido, enquanto defensores dos valores e dos interesses portugueses, em oposição às políticas migratórias mais brandas defendidas pelos seus diretos adversários políticos. Este tipo de abordagem permite um contato direto e não mediado entre Ventura e os seus seguidores, o que se revela um indicador de

personalismo da autoridade carismática. Simultaneamente, a instrumentalização das questões relacionadas com o securitarismo e o nativismo, embora não possuam, por si mesmas, grande capacidade de mobilização no contexto português, especialmente quando comparadas a outros casos europeus, podem, quando habilmente enquadradas por um ator político, servir para deslegitimar o sistema vigente e justificar a necessidade de estabelecer um novo.

9. Análise dos Debates Televisivos das Eleições Legislativas

Os debates televisivos assumem um papel fundamental aquando da realização das campanhas eleitorais, proporcionando oportunidades de confronto direto entre os demais candidatos. Nestes debates, os temas prioritários e as principais estratégias discursivas são amplamente analisados e evidenciados. No caso do Chega e de André Ventura, os debates realizados no decorrer das eleições de 2022 e de 2024 revelam um padrão discursivo consistente, assente na oposição às elites políticas, polarização política e apelo às emoções, características típicas do populismo de direita radical (Sousa. et al, 2024).

Esta análise revela um discurso marcadamente populista, caracterizado por elementos como a oposição entre "povo" e "elite", posicionamento antissistema, nacionalismo e autoritarismo. No decorrer da campanha de 2022, Ventura frequentemente se assume como representante dos "portugueses comuns", estabelecendo uma relação antagónica entre este grupo e os "outros" (Afonso, 2022).

Este capítulo apresenta uma análise detalhada dos debates televisivos, destacando os principais temas abordados por André Ventura e pelos seus adversários políticos. A análise está estruturada em torno de cinco categorias principais: imigração, corrupção, elites políticas, segurança nacional e justiça. Para cada tema, identificam-se as estratégias discursivas utilizadas por Ventura, avaliando a presença de indicadores populistas e o impacto do seu discurso no debate político. A estrutura adotada permite compreender como Ventura adapta a sua retórica a diferentes tópicos, reforçando a sua posição enquanto líder antissistema, remetendo-se de técnicas discursivas características do populismo de direita radical.

A estruturação desta análise por temas permite compreender com maior profundidade as estratégias discursivas de Ventura e a forma como estas são ajustadas consoante o adversário e o contexto específico de cada debate. A reconfiguração da informação facilita, de igual modo,

a identificação dos elementos recorrentes na comunicação, assim como o impacto do seu discurso na polarização política em Portugal.

Concretamente, as suas participações nos debates são marcadas pelas constantes menções a temas controversos, como a discriminação das minorias, especialmente comunidades ciganas. Em análise, é possível concluir que o seu discurso atual assume uma posição totalmente contrastante com as posições expressas na sua tese de doutoramento, elaborada em 2013. Neste documento, o político criticava vigorosamente a discriminação e estigmatização de minorias. Ao ser questionado acerca desta aparente contradição, Ventura alega que a sua tese era uma questão de investigação, enquanto que o discurso atual é uma questão de opinião (Pereira, 2023).

Frequentemente, adota uma postura não conformista, procurando diferenciar-se e distanciar-se dos demais políticos. Nos debates, este destaca propostas como a criação de um grupo de investigação para definir o enriquecimento ilícito, descida dos impostos sobre combustíveis e, até mesmo, a redução dos vencimentos dos titulares de cargos públicos, grupo no qual se encontra inserido (Lusa, 2020).

Nos debates de 2022 e com uma posição firme, defendeu medidas mais polémicas, como a proibição de cirurgias com fins de mudanças de sexo através do Serviço Nacional de Saúde (Marques. et al, 2023).

A análise do discurso de Ventura nestes debates revela um significativo aumento no apoio do seu partido, tendo este subido de 1,3% para 7,2% dos votos e aumentando sua representação parlamentar de 1 para 12 deputados (Lusa, 2022).

É necessário atentar que as estratégias de comunicação adotadas se tornaram eficazes, uma vez que permitiram ampliar a base de apoio. Resumidamente, os debates de 2022 serviram como uma plataforma que permitiram a Ventura disseminar as suas ideias populistas, em simultâneo que conquistava apoio da população. Conseguiu isso mesmo ao mencionar temas controversos que estavam de acordo com as pretensões de uma parte da população (Figueiras, 2024).

9.1 Imigração

A imigração constitui um dos pilares fundamentais da narrativa política de André Ventura, sendo abordada de forma recorrente nos debates televisivos das eleições legislativas de 2022 e 2024. A sua retórica sobre o tema caracteriza-se pela associação da imigração à insegurança, à perda de identidade nacional e à sobrecarga dos serviços públicos. Esta abordagem insere-se na estratégia discursiva típica do populismo de direita radical, que se apoia na criação de um “outro” ameaçador para mobilizar o descontentamento popular e reforçar uma identidade nacionalista (Mudde, 2017).

Para tal, Ventura recorreu a uma estratégia de simplificação e dramatização do fenómeno migratório, apresentando-o como uma ameaça iminente para Portugal. No debate com Rui Rio (PSD) em 2022, afirmou que "Portugal está a ser alvo de uma substituição populacional"²³, argumentando que as políticas migratórias adotadas pelos governos do Partido Socialista e do Partido Social Democrata favorecem a entrada de imigrantes em detrimento da proteção dos cidadãos nacionais. Esta narrativa encontra paralelismos com discursos populistas observados noutros países europeus, onde a imigração é apresentada como um fator destabilizador da sociedade e da cultura nacionais (Wodak, 2015).

O político numa das suas intervenções na assembleia sobre o acolhimento e integração de imigrantes, referiu:

“Portanto, se o PSD quer ir para o governo dizer que a imigração é que é bom. Venham todos, casas, carros e subsídios, quando não há para os portugueses que trabalham e que se matam a trabalhar, connosco não contarão em nenhuma solução de governo.”²⁴ “O que pedimos a este país é que acolha bem, acolha com regra, mas não se deixe invadir por manifestações que não são suas, nem podem nunca ser suas. Para nós, Portugal é de matriz cristã e é sempre assim que deverá ser, durante a sua história secular. Não faz sentido dar a outros o que não temos para nós próprios.”²⁵

Por outro lado, a diferenciação entre distintos fluxos migratórios revelou-se, de igual forma, um elemento central do discurso de Ventura. No debate com Mariana Mortágua (Bloco de Esquerda), em 2024, o líder do Chega defendeu que a imigração proveniente dos PALOP teria menor impacto negativo em comparação com a imigração islâmica, que associou

²³Debate André Ventura com Rui Rio, SIC, 2022, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=RsNOU7zIaJc&t=286s>

²⁴ Debate André Ventura com Luís Montenegro, Chega TV, 2023, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=5CFkKYOGBHI&t=152s>, acedido a 10/01/2025

²⁵Debate André Ventura, 07'12s, 2023, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Ag3_k49dVME

diretamente a problemas de integração e a uma suposta incompatibilidade, tendo em conta os valores civilizacionais portugueses.²⁶ Este tipo de segmentação reflete uma estratégia discursiva seletiva, na qual determinadas comunidades imigrantes são referidas como fator de risco, contribuindo para a construção dicotómica entre “maus” e “bons” imigrantes. Tendo em conta Canovan (1999), o estabelecimento de categorias internas referentes ao fenómeno migratório pode ser observado como uma técnica comum em discursos de carácter populista, permitindo assim fortalecer a perceção de ameaça seletiva e ideologicamente orientada (Canovan, 1999).

A ligação entre criminalidade e imigração surge enquanto um dos principais eixos argumentativos de Ventura. De igual modo, nos debates com Pedro Nuno Santos (Partido Socialista) e com Luís Montenegro (Partido Social Democrata), em 2024, referiu que “os imigrantes ilegais vivem às custas do Estado e protagonizam uma percentagem desproporcional dos crimes violentos”, sem, contudo, apresentar dados empíricos que sustentassem tal alegação. Este tipo de afirmação, recorrente no seu discurso, exemplifica a estratégia populista de simplificação de problemas complexos, onde se estabelece uma relação de causalidade direta entre insegurança e imigração (Moffitt, 2016).

Além do argumento em torno da segurança, Ventura recorreu diversas vezes ao discurso de crise para justificar políticas migratórias mais restritivas. Em diversas ocasiões, descreveu a imigração como uma “invasão descontrolada”, exigindo rigorosas medidas de controlo de fronteiras e a redução do acesso dos imigrantes aos apoios sociais.²⁷

Esta narrativa tem sido amplamente explorada por partidos populistas de direita radical na Europa, como forma de amplificar o sentimento de exclusão entre camadas da população economicamente mais vulneráveis (Betz, 1994).

A análise da temática da imigração resultante dos debates televisivos revela que André Ventura remete-se desta temática para consolidar o eleitorado e reforçar a polarização política. As suas abordagens baseadas na dramatização dos impactos e na simplificação do fenómeno das migrações enquadram-se no modelo discursivo do populismo de direita radical, onde a construção de uma crise legítima propõe políticas de carácter excludente e restritivo. A retórica pelo político praticada não mobiliza apenas descontentamento social, como também

²⁶ Ventura, 2024, disponível em <https://www.youtube.com/shorts/YIzIXGRZCc8>).

²⁷ Ventura, 2024, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v= Tv7aQfl7s4>

contribui para um ambiente político mais polarizado, no qual os imigrantes são recorrentemente apresentados enquanto bode expiatório para problemas estruturais da sociedade portuguesa (Sousa, 2023).

Na imagem infra (Figura 5), é possível observar uma publicação do partido na rede social Facebook onde este refere que Portugal ainda está “a tempo de reverter esta situação! Quem vem para o nosso país e nunca descontou, não pode ter acesso a cuidados de saúde gratuitos” (Chega, 2024).

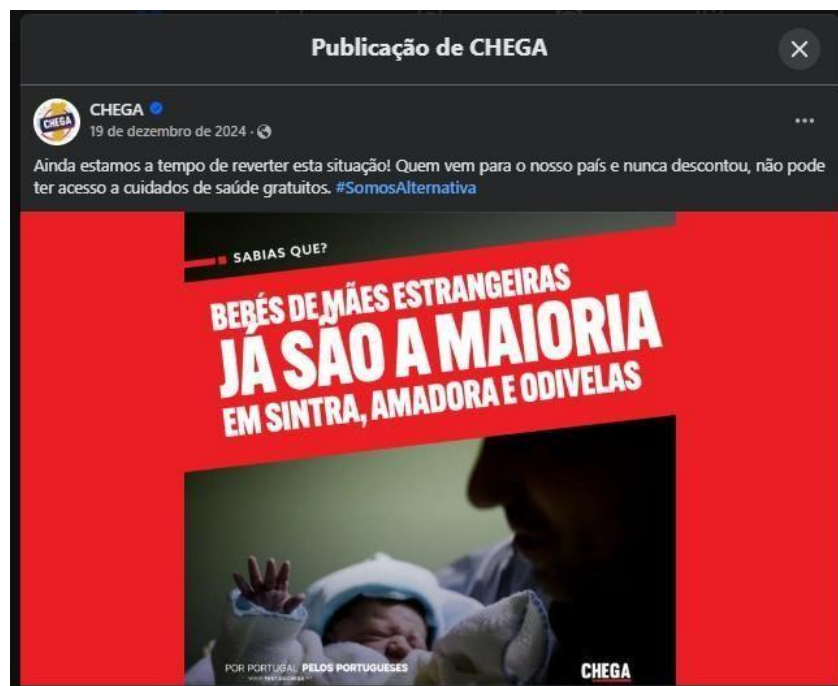


Figura 5 - Imigração e saúde

9.2 Corrupção

A corrupção constitui um dos principais eixos discursivos de André Ventura, sendo um elemento central na sua narrativa populista. A sua abordagem ao tema insere-se numa estratégia de oposição direta às elites políticas, apresentando o Chega como a única força capaz de combater o sistema supostamente corrupto. Esta retórica segue o padrão do populismo de direita radical, que se caracteriza pela dicotomia entre o "povo puro" e a "elite corrupta" (Mudde, 2004), explorando a perceção pública de ineficácia, assim como a falta de transparência das instituições democráticas.

Nos debates televisivos das eleições legislativas de 2022 e 2024, Ventura reiterou a ideia de que Portugal é governado por uma classe política corrupta, particularmente no que aos

partidos tradicionais diz respeito, nomeadamente o Partido Socialista (PS) e o Partido Social-Democrata (PSD). No debate com Pedro Nuno Santos (PS), Ventura acusou diretamente os governos socialistas de estarem envolvidos em esquemas de corrupção e de utilizarem o aparelho do Estado para favorecer interesses privados

“O Pedro Nuno Santos é o rosto do maior falhanço no governo, que é a saúde. O Pedro Nuno Santos foi ministro, principal ministro. Portanto, ou tem amnésia, ou é solidário com o que aconteceu com o seu governo.”
28

No confronto com Luís Montenegro (AD/PSD), argumentou que tanto o PS como o PSD perpetuam um sistema de clientelismo, no qual a corrupção é um elemento estrutural e não um fenómeno isolado. Esta estratégia discursiva visa não apenas desacreditar os partidos tradicionais, mas também reforçar a imagem do Chega como uma alternativa antissistema.

A narrativa de Ventura sobre a corrupção é sustentada por um forte apelo emocional e por uma retórica de crise. Recorrendo frequentemente a expressões como “roubo institucionalizado” e “regime podre”, Ventura constrói um cenário de degradação política, no qual as elites conspiram contra os interesses do povo. Esta abordagem está em conformidade com a lógica populista de dramatização da realidade, onde a corrupção é apresentada como um problema sistémico que só pode ser erradicado através de uma rutura radical (Moffitt, 2016).

Para reforçar a sua posição, Ventura propõe medidas punitivas extremas, como a criminalização severa da corrupção e penas de prisão perpétua para políticos condenados por crimes financeiros. No debate com Pedro Nuno Santos, sugeriu que Portugal deveria adotar um modelo de “tolerância zero”, semelhante ao aplicado em países como Singapura, onde crimes de corrupção são punidos com severidade. Esta retórica, embora simplificadora, ressoa junto de uma parcela do eleitorado desiludida com o sistema político e que vê na punição exemplar um mecanismo eficaz de reforma institucional.²⁹

As acentuadas críticas à corrupção foram outro ponto central da análise de Ventura à justiça nacional. O político procurou vincular a perceção de um sistema judicial ineficaz ao suposto envolvimento de alguns elementos da classe política em esquemas de corrupção, o que,

²⁸Ventura, 2024, disponível em <https://cnnportugal.iol.pt/eleicoes-legislativas/debate/pedro-nuno-santos-e-o-candidato-amnesico-candidato-amnesico-e-andre-ventura-o-debate-do-quem-diz-e-quem-e-entre-o-ps-e-o-chega/20240214/65bd1da0d34e65afa2fa5d36>

²⁹Ventura & Rodrigues, 2020, obtido a 10/03/2025, de <https://www.youtube.com/watch?v=jGJH9FFuFj4>.

na ótica de Ventura, enfraquecem a confiança dos cidadãos nas instituições democráticas. Durante os debates, reiterou a necessidade de penas mais severas para crimes de corrupção, incluindo a proposta de prisão perpétua para os casos mais graves, uma medida que gerou controvérsia no espectro político nacional. Esta posição extrema reflete o apelo populista do seu discurso, procurando capitalizar o descontentamento da população face à perceção de impunidade dos detentores de cargos públicos³⁰

A associação entre corrupção e desigualdade social também está presente no discurso de Ventura. Nos debates televisivos, argumentou que a corrupção política é a principal responsável pela degradação dos serviços públicos, desviando recursos que deveriam ser canalizados para a educação, saúde e segurança. Esta narrativa reforça a perceção de um sistema injusto, onde os privilégios das elites são mantidos à custa da população comum. Segundo Mudde (2007), este tipo de discurso é característico do populismo de direita radical, pois utiliza a indignação popular para legitimar propostas autoritárias e concentrar poder em figuras políticas que se apresentam como redentoras.

Além de atacar os partidos do sistema, Ventura inclui na sua crítica outras instituições que considera cúmplices da corrupção, nomeadamente o sistema judicial e os órgãos de comunicação social. Nos debates, sugeriu que a justiça portuguesa é parcial e protege figuras políticas conotadas com os partidos tradicionais, enquanto os media mantêm uma relação de proximidade com o poder, evitando investigações profundas sobre escândalos de corrupção. Esta abordagem enquadra-se na estratégia populista de desacreditar instituições que tradicionalmente exercem um papel fiscalizador, minando a confiança pública e reforçando a perceção de que apenas um líder forte e determinado pode promover uma verdadeira reforma.

A análise do discurso de Ventura sobre a corrupção nos debates televisivos evidencia a sua adesão ao modelo populista de direita radical, onde a luta contra a corrupção é instrumentalizada como um elemento mobilizador. A retórica de crise, a polarização extrema e as propostas punitivas radicais não apenas consolidam o seu eleitorado, mas também contribuem para um ambiente político de crescente desconfiança e rejeição das instituições democráticas. Esta estratégia, embora eficaz do ponto de vista eleitoral, levanta questões sobre a sua viabilidade prática e os impactos na estabilidade democrática do país.

³⁰ Ventura, 2020, obtido a 10/03/2025, de <https://www.youtube.com/watch?v=jGJH9FFuFj4>

Ventura destaca ainda o seu papel e o papel do seu partido no combate à corrupção, mencionando que ao longo de dois anos e meio propôs uma série de propostas de combate à corrupção e que o BE, insistentemente votou contra essas mesmas.

“Inundar os portugueses de impostos, enquanto que o partido não paga nada”.³¹

Ventura acusa o BE de ser o quarto partido com maior património imobiliário e de querer que os portugueses paguem mais IMI (Imposto Municipal sobre Imóveis), enquanto que o Bloco, mesmo com todos esses imóveis, nada paga no que a este imposto diz respeito.

Afirma ainda que Catarina Martins é uma excelente atriz que diz estar do lado do estado e dos mais desfavorecidos e que quando Ventura propôs a medida que visava reduzir os ordenados dos políticos, Catarina Martins votou contra, revelando a hipocrisia do partido. Numa expressão proferida por Ventura, é possível ter perceção das palavras

“É tudo muito bonito, mas quando toca aos nossos bolsos, já não é bem assim. Catarina, a senhora e o seu partido são uma farsa!”³²

Nesse mesmo debate, Ventura realçou a intenção do BE aumentar o Rendimento Social de Inserção, um apoio para pessoas e famílias em situação de pobreza extrema, quando diversos empresários de cafés, bares e restaurantes já não conseguem arranjar mão de obra, pois as pessoas estão em casa a receber subsídios.

9.3 Elites Políticas

Inserido no contexto dos debates televisivos das Eleições Legislativas de 2022 e 2024, a análise do discurso do político André Ventura transparece uma acentuada crítica às elites políticas, um dos elementos centrais do seu discurso populista de direita radical. No decorrer dos debates, Ventura articula um discurso que se posiciona exatamente contra a classe política tradicional, invocando a desconstrução do que este considera ser um sistema político altamente corrupto e distante da realidade do povo. Sistemáticamente, esta crítica é projetada como uma

³¹Ventura, 2021, min. 13.25, acedido a 10/03/2025, de <https://tviplayer.iol.pt/programa/legislativas-decisao-22/61d414ac0cf2cc58e7daf3b6/video/61d236b30cf2c7ea0f109acd%20acedido%20a%2027/09/2024>

³²Ventura, 2021, acedido a 10/03/2025, disponível em <https://www.esquerda.net/artigo/fact-check-das-mentiras-de-ventura-no-debate-com-catarina-martins/78705>

estratégia de mobilização popular, procurando estabelecer a dicotomia entre “povo” e “elite” de um modo mais perceptível.

De acordo com os debates analisados, é perceptível que Ventura recorre simultaneamente a uma retórica que caracteriza as elites políticas como desonestas, ineficazes e totalmente desconectadas da realidade e das reais necessidades dos cidadãos. As intervenções de Ventura destacam, regularmente, as elites beneficiadas em termos de determinados privilégios e de viverem à custa do erário público, em simultâneo que não apresentam uma adequada resposta aos problemas da população

“Eu estou perante um líder do PSD, que na verdade é o homem que tem dado nos últimos anos, juntamente com o seu partido, o colo e o sustento ao PS”.

³³

Quanto ao debate entre Ventura e Catarina Martins (BE), a primeira intervenção, Ventura acusa Catarina Martins e o Bloco de Esquerda de ter estado no governo a contribuir para dilatar o tamanho da máquina do estado e das clientelas que o Bloco tanto gosta, criticando as elites políticas.

O político afirmou que os “tachos por todo o lado e para toda a gente são para mudar e acabar de vez, pois este não permite tal coisa”.³⁴

Ventura defende ainda que o Chega, ao contrário do Bloco de Esquerda (BE), é o único partido que consegue garantir e assegurar a representatividade de todos, pessoas e grupos, acusando o Bloco de defender certas bandeiras e na realidade não implementar qualquer medida. Contrariamente ao PSD, pois acusa este partido de realizar falsas promessas e defraudarem a comunidade com essas mesmas promessas.

Segundo Ventura:

“os senhores criaram e implementaram medidas que resultaram na perda do poder de compra, comparando 2009 com 2019”. “Uma solução que estes senhores (BE e Partido Comunista Português) tomaram e tiraram dinheiro aos portugueses”. Perante isto, Ventura promete acabar com o país em que metade trabalha

³³Ventura, 2024, acessido a 10/03/2025, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EQtrPwe6HM&t=1347s>

³⁴Ventura, 2021, min. 05.45, acessido a 27/09/2024 de <https://tviplayer.iol.pt/programa/legislativas-decisao-22/61d414ac0cf2cc58e7daf3b6/video/61d236b30cf2c7ea0f109acd%20%20acedido%20a%2027/09/2024>

(Povo) para sustentar a outra metade (elite e subsídio dependentes).³⁵

De acordo com estas palavras é possível identificar determinados detalhes que conduzem a indicadores de populismo. Nomeadamente, o fato deste agir em defesa do povo e comunidade, prejudicando a elite e os beneficiados com o trabalho do povo. A dicotomia povo virtuoso *versus* elite corrupta, onde promete mudanças na governação, de modo a que todos se sintam representados de igual modo, de uma maneira justa e equitativa.

Nessa mesma intervenção, defende que um dos objetivos do Chega passa por combater a corrupção o crime económico e fiscal, O segundo objetivo do partido centra-se no combate à corrupção praticado pelas elites políticas e, para isso, pretende propor a medida de duplicar as penas resultantes destes crimes. Nessa intervenção, acusa ainda o BE de compactar com a corrupção, votando contra todas estas medidas, cometendo uma enorme falácia perante os portugueses.³⁶

Este tipo de discurso contra as elites serve, maioritariamente, como forma de reforçar a imagem de político dos “Portugueses de bem” e, desse modo, angariar o apoio de eleitores desiludidos com o sistema partidário tradicional imposto. Ao mesmo tempo, Ventura posiciona-se como a alternativa que representa um movimento que representa a mudança, prometendo uma abordagem mais transparente e direta para a resolução de problemas nacionais. Assim, Ventura visa também a construção de um “inimigo comum”, onde as elites políticas se encontram retratadas como os principais responsáveis pelo estado do país e pela sua degradação, presenteando à comunidade a ideia de que, sem a sua presença num cargo de governação e sem as suas figuras dominantes, será impossível atingir um justo e próspero futuro.

De seguida, nas suas intervenções, recorre a uma linguagem agressiva e forte, de modo a atacar figuras políticas proeminentes, dilatando a oposição entre o “povo” e as “elites”.

“Quem está a ver em Beja, Odemira, no Porto,
não quer saber de abril. Quer saber da invasão de

³⁵Ventura, 2021, min. 05.45, acedido a 27/09/2024 de <https://tviplayer.iol.pt/programa/legislativas-decisao-22/61d414ac0cf2cc58e7daf3b6/video/61d236b30cf2c7ea0f109acd>

³⁶Ventura, 2021, min. 18.40, acedido a 27/09/2024 de <https://tviplayer.iol.pt/programa/legislativas-decisao-22/61d414ac0cf2cc58e7daf3b6/video/61d236b30cf2c7ea0f109acd%20%20acedido%20a%2027/09/2024>.

imigrantes que tem nas suas terras e que nós temos que impedir, em Portugal”.³⁷

Ao longo da sua participação nos debates e intervenções na Assembleia da República, frequentemente Ventura recorre a termos como “sistema corrupto” ou “casta política”, o que contribui para a construção de um discurso polarizador, onde as elites são constantemente deslegitimadas a favor de um discurso populista que se propõe como verdadeiro representante do povo e como a verdadeira voz da população

(“Eu prefiro perder alguns votos de alguns, mas haver outros que saibam que eu sou a voz deles e que vou mesmo lutar por eles. Vou mesmo fazer o que os outros não fizeram!”).³⁸

Este discurso é uma clara manifestação dos elementos populistas inseridos no discurso de Ventura e no seu modo de praticar política, tal como definido na literatura acerca do populismo de direita radical, onde as elites são observadas como o principal obstáculo à implementação de um governo que represente realmente o povo e os seus interesses (Parrança, 2022).

Desta forma, a análise aos discursos e intervenções de Ventura nos debates de 2022 e de 2024, revelem que a crítica às elites políticas não só é um ponto central do seu discurso, como também é uma estratégica ferramenta para consolidar a sua base eleitoral e posicionar-se enquanto uma alternativa aos tradicionais partidos. A retórica de Ventura é um claro exemplo de como o populismo de direita radical se remete da construção de um inimigo interno, de forma a mobilizar o eleitorado e pressionar a mudança no sistema político imposto, com especial ênfase na promoção de políticas de rotura do *status quo* político.

9.4 Segurança Nacional

Ainda contemplado na análise dos debates televisivos das Eleições Legislativas de 2022 e 2024, é possível referir a questão da segurança nacional. Este tema emergiu como temática central nas intervenções de Ventura, sendo uma questão abordada com um discurso fortemente alavancado com os princípios de populismo de direita radical. Através da retórica que associa a segurança nacional a uma estratégia de proteção da sociedade portuguesa face a ameaças externas e internas, utilizando usualmente o argumento da crise securitária para

³⁷Ventura, 2024, acedido a 27/09/2024, disponível em <https://www.youtube.com/shorts/WV572Ae3CMg>

³⁸Ventura, 2024, acedido a 27/09/2024, disponível em <https://www.youtube.com/shorts/qW90MgvUHjs>

justificar a implementação de uma robusta agenda securitária e políticas mais rígidas. O mesmo afirma que pretende restaurar os direitos políticos dos polícias, de forma a manter a segurança entre a comunidade.³⁹

A posição assumida em relação à segurança nacional, nos debates analisados, reflete uma agressiva crítica à abordagem tradicional dos partidos políticos, tendo em conta a segurança pública, apontando as lacunas do sistema e a necessidade de uma radical mudança de rumo. A análise conclui que as políticas de segurança foram, até então, ineficazes e permissivas, com especial evidência na criminalidade e imigração. Nas diversas intervenções do líder do Chega, este procurou relacionar a questão da insegurança à presença de imigrantes, principalmente dos imigrantes de origem não europeia, mencionando que a imigração sem controlo tem contribuído para o aumento da criminalidade e tem colocado em risco a coesão social do país. A aceitação de imigrantes ilegais, juntamente com a falta de controlo de fronteiras, para Ventura são fatores que contribuem substancialmente para a completa destabilização da segurança e equilíbrio nacional.

A abordagem do político à segurança nacional está acentuadamente relacionada com o combate ao terrorismo. No decorrer dos debates, referiu a necessidade de um significativo reforço das forças de segurança, através da criação de políticas de tolerância zero relativamente à prática de crimes, além da implementação de avançadas tecnologias para controlar as fronteiras do território e do alargamento da vigilância em território nacional. Reiteradamente, defendeu a necessidade de uma maior autonomia na gestão da segurança nacional na gestão dos limites fronteiriços e na gestão da segurança, criticando os compromissos internacionais, em particular no seio da União Europeia. O mesmo considera a União Europeia um órgão limitador e restritivo das políticas nacionais de segurança.⁴⁰

Ao longo dos diversos discursos de André Ventura, a segurança nacional transcende a simples questão de ordem pública, sendo igualmente uma temática vista pelo político como uma questão identitária. Frequentemente, o mesmo vincula a necessidade de uma política mais vigorosa à preservação da “identidade nacional”, conceito que entende como uma defesa perante o que considera ser ameaças de âmbito cultural, diretamente associadas à globalização

³⁹Ventura, 2023, acedido a 27/09/2024 de disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-c9NGIEI7xc>

⁴⁰Ventura, 2024, consultado a 10/03/2025, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Oomwg0HJ4YY>

e imigração (“A nossa raça é caucasiana.”). Os seus discursos e intervenções buscam consolidar a ideia de que a questão securitária é fulcral para a manutenção do Estado português e da coesão social, que, no seu ponto de vista, está constantemente a ser minada por parte das políticas de acolhimento e integração perpetuadas por anteriores governos.⁴¹

De qualquer maneira, a crítica de Ventura à gestão da segurança nacional pelos tradicionais partidos considera-se como um elemento chave dos seus discursos. Nos demais debates, o político acusa frequentemente as forças políticas de se revelarem coniventes com a “elite globalista”, sendo estas incapazes de implementar eficazes políticas, de modo a garantir a segurança da comunidade. Simultaneamente, o político profere discursos em defesa da segurança nacional e das forças de segurança. Enquanto defensor da autonomia e soberania de Portugal no domínio da segurança, Ventura pretende conquistar eleitores insatisfeitos com as políticas de segurança até então implementadas.⁴²

Em síntese, a análise das intervenções do político nos debates relativamente à segurança nacional e proteção do território revelam um estruturado discurso em torno da ideologia de uma crise de segurança provocada pela criminalidade, terrorismo e imigração. A sua proposta de segurança nacional encontra-se diretamente relacionada com a necessidade de reforçar o controlo de fronteiras, adotar políticas mais rigorosas e aumentar a vigilância, necessidades frequentemente associadas à defesa identitária cultural portuguesa. A retórica de André Ventura recorre a um posicionamento de confronto com as tradicionais políticas, apresentando-se como a alternativa para um país mais seguro, onde a segurança populacional e a soberania se encontrem acima de eventuais compromissos internacionais.⁴³

9.5 Justiça

Na análise às intervenções políticas de Ventura nas eleições de 2022 e 2024, André Ventura apresentou uma crítica acentuada ao sistema de justiça implementado em Portugal, enquadrando as suas abordagens no espectro de um discurso populista de direita radical. No domínio da segurança, assentou o seu discurso na premissa de que a justiça nacional se encontra capturada em interesses políticos e que as suas decisões não refletem os princípios de

⁴¹Ventura, 2022, consultado a 10/03/2025, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=eamxf5_CSSE

⁴²Ventura, 2020, consultado a 10/03/2025, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kfjpekEHN8E>

⁴³Ventura, 2020, consultado a 10/03/2025, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iL0OQSGmHd4>

imparcialidade, equidade e eficácia que deveriam reger o funcionamento do Estado de Direito.

44

Um dos principais eixos do discurso de Ventura no que à justiça nacional diz respeito foi a ideia de que a justiça portuguesa não trata todos os cidadãos do mesmo modo e não é seletiva. Diversas vezes, defendeu existir uma determinada dualidade de critérios na aplicação da justiça, onde elites económicas e políticas beneficiam de impunidade, enquanto que o comum do cidadão enfrenta severas consequências por infrações de menor gravidade. De modo a sustentar a argumentação e, de modo a “não falhar à democracia”, Ventura remeteu-se de diversos casos mediáticos de crimes económicos e corrupção que envolveram diversas figuras políticas e empresariais de relevo, destacando a morosidade dos processos jurídicos e a ausência de condenações efetivas como prova de um sistema parcial e ineficaz.⁴⁵

Ainda relativamente a este assunto e tendo em consideração a morosidade da justiça, Ventura denunciou o excesso de burocracia, assim como a falta de eficiência e de meios do sistema judicial português. Referiu que a lentidão dos processos prejudica vítimas e arguidos, comprometendo a credibilidade do sistema judicial português. De modo a colmatar este problema, defende a necessidade de uma profunda reforma no sistema judicial, que tivesse por base o reforço de meios, simplificação de procedimentos e, ainda, a criação de mecanismos capazes de garantir julgamentos mais eficazes e céleres.⁴⁶

Outra dimensão relevante do seu discurso foi a relação entre a justiça e a segurança pública. André Ventura estabeleceu um nexo causal entre o aumento da criminalidade e a

⁴⁴Ventura, 2023, consultado a 10/03/2025, de https://www.youtube.com/watch?v=Tt0_unJ_KMw

⁴⁵Ventura, 2022, consultado em 10/03/2025, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DbL61EZ-fdQ>

⁴⁶Ventura, 2021, consultado em 10/03/2025, de https://www.rtp.pt/noticias/politica/andre-ventura-frisa-empenho-da-pj-na-detencao-de-rendeiro_v1369573

alegada permissividade do sistema judicial, defendendo que penas mais duras e a redução dos benefícios processuais, como os recursos e liberdades condicionais, seriam essenciais para restaurar a segurança e ordem no país. O mesmo, defendeu ainda que imigrantes que cometem crimes, deveriam ser deportados para os seus países de origem. Esta posição insere-se numa estratégia discursiva em que o líder do Chega procura associar a crise da justiça à perceção de insegurança dos cidadãos, reforçando a necessidade de uma abordagem punitiva, como principal solução para os problemas do país.⁴⁷

Além do mais, Ventura apresentou-se enquanto defensor do “povo contra o sistema” imposto, incitando a ideia de que os partidos tradicionais não apresentam qualquer interesse em reformarem a justiça, pois estes, alegadamente, beneficiam da sua ineficácia. Nos debates, acusou diversas vezes os governos anteriores de conivência e negligência com um modelo de justiça que favorece os mais poderosos e perpetua desigualdades.⁴⁸

9.6 Identidade Nacional

Como resultado da análise aos debates televisivos das Eleições Legislativas de 2022 e 2024, conclui-se que Ventura construiu a sua própria posição sobre a identidade nacional recorrendo a uma retórica nacionalista alinhada com a sua visão populista de direita radical. A sua argumentação enquadrou-se num discurso altamente polarizador, onde o mesmo contrapôs a necessidade de preservar os valores e a cultura portuguesa a uma determinada ameaça externa, peculiarmente associada à influência de instituições supranacionais e à imigração.⁴⁹

⁴⁷Ventura, 2024, consultado em 10/03/2025, de <https://www.youtube.com/watch?v=X0qgnzhwvik>

⁴⁸Ventura, 2024, consultado em 10/03/2025, de <https://www.youtube.com/watch?v=bt4NU3jB4o8>

⁴⁹Ventura, 2024, acedido a 10/03/2025, de <https://www.youtube.com/watch?v=x1vmZ6jNSvI&t=82s>

No decorrer do debate com o adversário Rui Tavares, Ventura realçou o risco da “descaracterização nacional”, acusando os partidos tradicionais de publicitarem políticas de imigração descontrolada, o que, na sua perspetiva, colocam em causa a segurança e coesão social do país. Nesse âmbito, referenciou estatísticas que, de acordo com o mesmo, evidenciariam um incremento da criminalidade em bairros com maior presença de estrangeiros e imigrantes, estabelecendo assim uma certa relação entre segurança, identidade e presença de estrangeiros. Prontamente, este argumento foi contestado pelos adversários políticos. Os mesmos, refutaram a existência causal direta entre criminalidade e criminalidade, referenciando a seletividade dos dados apresentados. Ventura, ainda assim, reiterou que a identidade nacional apenas poderia ser preservada através de políticas integração mais exigentes e de um controlo fronteiriço com maiores requisitos.⁵⁰

Já no debate com a representante do BE, Catarina Martins, a questão da identidade nacional foi abordada no âmbito da educação e da cultura. André Ventura criticou a adição de conteúdos acerca do multiculturalismo e diversidade de género nos currículos escolares. Criticou o facto “de o governo investir montantes em coisas que não se conseguem materializar, no que à ideologia de género diz respeito”⁵¹

Ventura acusa ainda o BE de ser o quarto partido com maior património imobiliário e de querer que os portugueses paguem mais IMI (Imposto Municipal sobre Imóveis), enquanto que o Bloco, mesmo com todos esses imóveis, nada paga no que a este imposto diz respeito.

Afirma que Catarina Martins é uma excelente atriz que diz estar do lado do estado e dos mais desfavorecidos e que quando Ventura propôs a medida que visava reduzir os ordenados dos políticos, Catarina Martins votou contra, revelando a hipocrisia do partido. Numa expressão

⁵⁰Ventura, 2024, acedido a 10/03/2025, de <https://www.youtube.com/watch?v=BbH8wo6jEbQ&t=1378s>

⁵¹ Ventura, 2024, acedido a 10/03/2025, de <https://www.youtube.com/watch?v=MlMlySQfpko>

proferida por Ventura, é possível ter perceção das palavras “É tudo muito bonito, mas quando toca aos nossos bolsos, já não é bem assim. Catarina, a senhora e o seu partido são uma farsa!”

52

Nesse mesmo debate, Ventura realçou a intenção do BE aumentar o Rendimento Social de Inserção, um apoio para pessoas e famílias em situação de pobreza extrema, quando diversos empresários de cafés, bares e restaurantes já não conseguem arranjar mão de obra, pois as pessoas estão em casa a receber subsídios.

Por último neste debate, Ventura defende que o BE quer dar tudo a quem não tem nada, querem dar tudo a quem tem alguma coisa e querem tirar tudo aos outros, de modo a continuar a alimentar a clientela do BE. Em seguida, Ventura enumera que o BE humilha as forças de segurança, em simultâneo que defende e idolatra subsídio dependentes e bandidos.

No âmbito da análise das diferentes intervenções e discursos de André Ventura sobre a temática da identidade nacional, é pertinente destacar as suas declarações em relação à alteração dos símbolos nacionais. Numa dessas intervenções, Ventura tece uma crítica ao governo por este gastar “dezenas de milhares de euros para mudar os símbolos dos documentos do país”, classificando essa ação como “a negação de toda a nossa história”.⁵³

Esta posição alinha-se com a retórica nacionalista e populista de Ventura, que frequentemente enfatiza a preservação dos valores e símbolos tradicionais portugueses, juntamente com a preservação da identidade nacional. Ao apresentar a alteração dos símbolos nacionais como uma ameaça à identidade cultural, Ventura reforça a narrativa de que as elites políticas estão a distanciar-se dos valores do “povo comum”. Este argumento é consistente com

⁵²Ventura, 2022, 18’05s, acedido a 17/03/2025, de https://www.youtube.com/watch?v=9_2K0d4G7z4&t=802s

⁵³Ventura, 2023, 00’08s, acedido a 17/03/2025, de <https://www.youtube.com/watch?v=fXeepekuiD58>

a estratégia populista de criar uma dicotomia entre o povo e as elites, sugerindo que estas últimas desrespeitam ou ignoram a herança cultural nacional.

Ademais, Ventura defende propostas legislativas que refletem as preocupações com a identidade nacional. Como exemplo, o Chega propôs a perda da identidade nacional para sujeitos condenados a penas superiores a cinco anos por crimes graves, como crimes sexuais ou tráfico de estupefacientes, ou até mesmo, para aqueles que "ofendam de forma ostensiva e notória, com objetivo de incentivar ao ódio ou humilhação da Nação, a História nacional e os seus símbolos nacionais".⁵⁴

A retórica do Chega e de Ventura, em relação à identidade nacional, não se restringe às questões económicas e políticas debatidas nos confrontos televisivos. O líder do Chega tem consistentemente reforçado a sua visão identitária baseada na defesa de uma matriz histórica e cultural específica, enquadrado a sua posição numa lógica de resistência contra-alegadas tentativas de descaraterização nacional.⁵⁵

Dessa forma, a identidade nacional, tal como conceptualizada por Ventura, não se limita a uma construção cultural ou simbólica, mas é também um elemento central da sua estratégia política. Através do ênfase na preservação dos valores, dos símbolos e de uma suposta matriz identitária, Ventura reforça a sua posição como representante de um eleitorado que se sente alienado face às transformações sociais e políticas contemporâneas. Deste modo, o seu discurso sobre a identidade nacional não só articula preocupações com a segurança e a imigração, mas também se expande para uma visão mais abrangente de defesa da tradição e do nacionalismo, características centrais do seu posicionamento populista de direita radical.

⁵⁴Ventura, 2023, acedido a 17/03/2025, de <https://www.youtube.com/shorts/X8VJsnphEgw>

⁵⁵Ventura, 2022, acedido a 17/03/2025, de https://www.youtube.com/watch?v=eamxf5_CSSE

9.6 Consolidação da Análise dos Debates Televisivos 2024:

Perante tudo isto, é possível perceber que os debates realizados pelo candidato André Ventura aquando das eleições de 2024 concedem uma rica análise das estratégias discursivas, particularmente no contexto da análise do populismo político. Cada um dos debates reflete alterações na intensidade e aplicação de elementos populistas, com especial evidência na simplificação de complexos problemas, apelo emocional e até mesmo a polarização, demonstrando a eficácia e flexibilidade deste estilo comunicacional no envolvimento dos mais diversos públicos.

Estes três debates são representativos da centralidade do populismo no discurso de André Ventura. Através de estratégias como as já mencionados. Ventura revelou uma consistente capacidade de adaptar o seu discurso perante distintas audiências, desde representantes de esquerda, partidos ambientalistas e até perante os adversários de direita. Apesar da sua eficácia quanto à mobilização de um eleitorado insatisfeito com a política tradicional, estas estratégias revelam limitações aquando da rigorosa análise e detalhada discussão de propostas e políticas. Resumidamente, os debates refletem as forças e as fragilidades do populismo enquanto ferramenta retórica, quando aplicado ao contexto contemporâneo político português.

10. Principais Indicadores de Populismo presentes no discurso de Ventura

André Ventura, juntamente com o seu partido posicionam-se como elementos políticos que priorizam a proteção da identidade cultural portuguesa e a soberania popular. A narrativa nacionalista do líder do Chega sustenta-se numa perspetiva essencialista da nação, onde Portugal é percecionado como entidade histórica homogénea, cuja continuidade estaria ameaçada por influências externas e internas que Ventura descreve como "desintegradoras".

Os indicadores de populismo nos discursos manifestam-se através de uma retórica anti globalista com especial ênfase na rejeição das elites internacionais, como o caso da União Europeia, que é frequentemente responsável pela alegada perda de autonomia económica e política de Portugal. Freitas (2020) "...rejeita a atual política de migração da União Europeia e defende a ideia da perda das tradições, da cultura e da soberania..." (Freitas, 2020). Ventura, afirma ainda em tom de acusação direta ao Partido Socialista e a António Costa que "pretendemos fazer do país, não este país de salários baixos, mas o país que fosse a melhor casa

de família da Europa. O senhor primeiro ministro quer fazer deste país a maior casa de alterne da Europa.”⁵⁶.

Por outro lado, a questão étnica desempenha um importante papel no discurso de Ventura, onde a cultura e etnia são frequentemente utilizadas como marcadores de exclusão e inclusão, no que concerne à identidade nacional. Especificas comunidades, como a comunidade cigana ou emigrantes de origem não europeia são frequentemente retratados como determinadas ameaças ao bem-estar económico do país e até ameaças à harmonia social de Portugal. (“Esta folha de uma negociação entre a comunidade cigana e o estado, para que entreguem o agressor representa uma coisa, a impunidade brutal que a comunidade cigana tem em Portugal.”⁵⁷).

Típica do populismo, esta estratégia constrói a tal dicotomia entre dois grupos, os portugueses de bem (trabalhadores, honestos e alinhados com os valores tradicionais) e os outros apresentados como parasitas sociais ou desestabilizadores culturais). De modo a perceber este ponto, atente-se no exemplo de um *outdoor* do partido Chega:



Figura 6 - Outdoor Presidente dos Portugueses de Bem

Este discurso reflete indicadores clássicos de populismo, como a simplificação e polarização, Demonização do "outro" ou até a influência do nacionalismo populista na política

⁵⁶Ventura, 2024, 07'30s, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6Ci7aDO5pEs>

⁵⁷Ventura, 06'20s, 2022, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=7uQ4bB4BdyM>

de imigração. Ventura, juntamente com o Chega, defendem uma política de “migração útil”. Na Europa esta proposta alinha-se com discursos de direita radical, tais como os de Santiago Abascal (Vox) ou Marine Le Pen (Rassemblement National), que procuram promover uma seleção de migrantes com base em critérios económicos ou afinidades culturais. Nos discursos, Ventura rejeita o multiculturalismo e acusa-o de comprometer a coesão nacional, promovendo a integração condicionada pela adoção de valores que considera intimamente portugueses, valores tais como o idioma e o cristianismo.

No entanto, os discursos de Ventura vão além de uma abordagem pragmática, ao apelar emoções como a desconfiança e o medo para mobilizar a massa eleitoral. Perante tudo isto, é perceptível que a questão étnica e o nacionalismo refletem diretamente a utilização de indicadores de populismo, de modo a estabelecer uma narrativa política polarizadora. Os apelos ao “povo autêntico” contra “elites corruptas” e “outros perigos” constituem o cerne desta estratégia, que combina a instrumentalização de diferenças étnicas e culturais com o nacionalismo da população portuguesa.

Num dos seus discursos, em Leiria, durante as eleições presidenciais realizadas no contexto da pandemia de Covid-19, Ventura evidenciou claramente a distinção populista entre os ‘portugueses de bem’ e os demais cidadãos. O ator político procurou caracterizar as eleições como um confronto marcadamente maniqueísta, no qual o lado do bem é representado pelo ‘povo’, enquanto o lado do mal abarca uma série de problemas estruturais do país desde o fim do Estado Novo, causados por um sistema opressor e injusto que favorece as elites e os chamados ‘subsídio-dependentes’: “Estas eleições tornaram-se a eleição do Bem contra o Mal, dos portugueses de bem contra a minoria que pretende impor-nos as suas regras, a eleição dos portugueses que trabalham e pagam impostos e sentem, há 46 anos, que tudo é dado a alguns e tudo é tirado a quem contribui para Portugal” (Ventura, TSF, 2021).

Neste contexto, a retórica observada constrói e consolida uma identidade coletiva alicerçada na antagonização e na exclusão de grupos específicos, ao mesmo tempo que opera uma simplificação de problemas sociais complexos, oferecendo soluções aparentemente eficazes, mas frequentemente inviáveis na prática. Estas soluções revelam-se inviáveis porque ignoram a complexidade inerente aos desafios sociais e políticos, desconsiderando os constrangimentos institucionais, legais e económicos. Além disso, são frequentemente concebidas para satisfazer objetivos imediatistas ou eleitorais, sem atender às consequências a

longo prazo, como impactos negativos na coesão social, na sustentabilidade económica ou na qualidade da democracia.

Além disso, muitas dessas soluções implicam um isolamento económico ou político que compromete a sustentabilidade a longo prazo, gerando consequências negativas, como a redução do investimento estrangeiro e perda de competitividade no mercado global. Frequentemente, estas propostas carecem de fundamentação técnica e estratégica, sendo apresentadas como respostas imediatas que não contemplam tal planeamento. Por fim, a sua operacionalização tende a entrar em conflito com princípios democráticos e de direitos humanos, exacerbando tensões sociais e enfraquecendo a coesão nacional. Deste modo, embora estas soluções possam ser atraentes no plano retórico, mostram-se insustentáveis na prática.

Assim, o Chega afirma-se como um ator significativo no panorama político, canalizando o descontentamento social por meio de um discurso que articula elementos de nacionalismo defensivo e populismo de carácter excludente.

Indicador Populista	Declaração de Ventura	Justificação e Referência Teórica
Dicotomia "Povo vs. Elite"	"O parlamento voltou as costas às pessoas." (Ventura, 3'30s, 2024, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=yVlalPCN1b4)	Segue a lógica populista de Cas Mudde (2004) onde o povo puro é antagonizado pela elite corrupta (Mudde, 2004).
Agressividade e Confronto	"Isto envergonha a democracia, envergonha o escrutínio a que um primeiro ministro deve estar sujeito e a proteção indevida de um secretário de estado ou adjunto reforça bem a ideia de que o governo só protege criminosos." (Ventura, 16'25s, 2024, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=5BY-6K3JdRU).	Demonstra o estilo combativo populista identificado por Hawkins (2009) e a retórica de "nós contra eles" (Hawkins, 2009).
Simplificação de Problemas	"Vocês querem é tudo o que é criminoso a entrar aqui para dentro. É isso que vocês querem!" (Ventura, 00'15s, 2025, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=z3Jz4UirzTg).	Reduz um problema complexo a uma solução simplista, característica central do populismo (Weyland, 2001).

Apelo às Emoções	"O sangue daquelas duas mulheres que morreram será para sempre recordado como um sangue de vítimas, mas o governo tem muita responsabilidade neste assunto." (Ventura, 2023, 05'50s, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=VLxTFv3Iy-E).	Exploração emocional do eleitorado, associando imigração a injustiça social (Canovan, 1999).
Uso de Inimigos Públicos	"À hora a que nos ouvem, os portugueses sabem que um dos grandes problemas que temos é com a comunidade cigana, em Portugal." (Ventura, 2022, 03'35s, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=7uQ4bB4BdyM&t=381s).	Radicalismo e Instabilidade (Laclau, 2005) Construção de um inimigo público para mobilizar apoio (Laclau, 2005). Deslegitimação das instituições democrática (Mudde e Kaltwasser, 2017).
Antissistema/ Anti-establishment	"Vamos fazer o Sistema Tremer" (Ventura, outdoor Lisboa, 2022)	Oposição ao sistema político dominante apresentado como corrupto ou ineficaz.
Desafiar o Status Quo	"Somos a oposição ao sistema e temos orgulho nisso!" (Ventura, 2022, 10'05s, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=b3SYi7VyKvA&t=147s	Reforça a narrativa populista de <i>anti-establishment</i> (Moffitt, 2016).

10.1 Dicotomia "nós vs. eles"

Tal como mencionado, o conceito de dicotomia "nós vs. eles" é um elemento central no discurso populista, especialmente no populismo de direita radical. Essa estratégia discursiva assenta na construção de uma oposição binária entre um grupo virtuoso e legítimo, frequentemente representado pelo "povo", e um grupo antagonista, composto pelas elites políticas, económicas ou sociais. No concreto caso de André Ventura, esta estratégia manifestou-se de forma recorrente nos debates políticos, particularmente na forma como enquadra a responsabilidade dos partidos tradicionais na gestão das políticas públicas.

Um exemplo ilustrativo desta estratégia discursiva encontra-se no debate com Luís Montenegro, realizado no âmbito das eleições legislativas de 2024. Durante o debate, Ventura

afirmou: "Os seus governos e o governo do PS espezinharam e humilharam as forças de segurança."⁵⁸

Nesta declaração, é possível observar uma estrutura narrativa que reforça a dicotomia "nós vs. eles". Ventura associa os partidos tradicionais (PS e PSD) à degradação das condições das forças de segurança, posicionando-os como responsáveis diretos por um problema social complexo. O uso de termos como "espezinharam" e "humilharam" intensifica o caráter moral da acusação, atribuindo às elites políticas uma postura de negligência ou até de hostilidade face a um grupo específico da sociedade, neste caso, as forças de segurança.

Este tipo de construção discursiva cumpre um duplo propósito retórico, isto é, por um lado, reforça a imagem do líder populista como defensor das classes prejudicadas; por outro, atribui aos partidos tradicionais uma culpa inequívoca, simplificando um problema estrutural e apresentando uma solução que, na maioria das vezes, se fundamenta em promessas de rutura com o *status quo*.

Dessa forma, a afirmação de Ventura não só reforça o antagonismo entre "o povo" (representado pelas forças de segurança) e "as elites políticas" (partidos tradicionais, representados pelo PS e PSD), mas também se enquadra na lógica populista de mobilização emocional e polarização social. O enquadramento da questão de segurança pública neste formato contribui para a legitimação do discurso populista de direita radical, que procura consolidar o apoio popular através da identificação de inimigos comuns e da reivindicação de um papel redentor para o líder político.

10.2 Simplificação de Problemas Complexos

A simplificação de problemas complexos é uma característica essencial do discurso populista, especialmente no contexto do populismo de direita radical. Essa estratégia consiste em reduzir questões socioeconómicas multifacetadas a explicações simplistas e unidimensionais, eliminando nuances e promovendo soluções aparentemente fáceis. No caso

⁵⁸Ventura, 2024, 22'20s, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EQtrRpwe6HM&t=1344s>

de André Ventura, essa abordagem é recorrente e visa, principalmente, culpar as elites políticas pelos problemas enfrentados pela população.

Um exemplo claro desta estratégia discursiva encontra-se no debate com Catarina Martins, realizado em 2022, no qual Ventura afirmou: "Os portugueses têm menos poder de compra do que em 2009 porque estes senhores roubaram o dinheiro do povo e encheram o Estado de impostos absurdos."⁵⁹

Nesta declaração, Ventura atribui a perda do poder de compra exclusivamente às decisões políticas dos partidos tradicionais e ao aumento da carga fiscal, ignorando uma série de fatores macroeconómicos que influenciam a economia, como a inflação, o mercado global e as crises financeiras internacionais. Esta abordagem simplificadora facilita a mobilização política ao criar um discurso acessível e emocionalmente impactante, permitindo ao orador apresentar-se como o único capaz de enfrentar os alegados culpados e inverter a situação.

A estratégia populista de simplificação é particularmente eficaz na criação de um inimigo comum, neste caso, "os senhores" responsáveis pela alegada crise financeira. Esta dicotomia, aliada à ausência de uma análise mais aprofundada, reforça o antagonismo e permite que o discurso político se molde às frustrações e inseguranças do eleitorado, canalizando o descontentamento para uma resposta eleitoral favorável ao líder populista.

Dessa forma, a simplificação de problemas complexos no discurso populista não apenas distorce a realidade socioeconómica, mas também contribui para a polarização política, ao fomentar a ideia de que existe uma solução clara e imediata que está a ser deliberadamente bloqueada pelas elites dominantes. Assim, a utilização desta estratégia reforça a narrativa populista de um líder que representa o "verdadeiro povo" contra um sistema corrupto e ineficaz.

10.3 Apelo às Emoções e Nacionalismo

O apelo às emoções e ao nacionalismo é uma estratégia central do discurso populista, sendo frequentemente utilizado para reforçar uma identidade coletiva ameaçada por forças externas ou por atores políticos internos considerados inimigos. Esta abordagem emocional visa

⁵⁹Ventura, 2022, 7'35s, disponível em <https://tvplayer.iol.pt/programa/legislativas-decisao-22/61d414ac0cf2cc58e7daf3b6/video/61d236b30cf2c7ea0f109acd>

mobilizar o eleitorado através de sentimentos de pertença, medo ou indignação, fomentando uma reação instintiva e polarizadora.

Um exemplo paradigmático desta estratégia pode ser encontrado no debate com Inês Sousa Real, do PAN, realizado em 2024. Durante esse debate, Ventura declarou: "A esquerda quer acabar com as touradas porque quer acabar com a cultura portuguesa! Querem fazer-nos de escravos de Bruxelas!".⁶⁰

Nesta afirmação, Ventura recorre a um duplo apelo emocional: por um lado, insere a questão das touradas num discurso de defesa da identidade nacional, sugerindo que medidas progressistas representam um ataque direto à cultura portuguesa; por outro, reforça uma narrativa eurocética ao afirmar que "Bruxelas" pretende subjugar Portugal.

Este tipo de discurso não apenas simplifica a complexidade do debate sobre a proteção dos direitos dos animais e a preservação das tradições culturais, mas também amplia a perceção de ameaça, promovendo a ideia de que a nação e os seus valores fundamentais estão sob ataque. O uso do termo "escravos de Bruxelas" intensifica a carga emocional da declaração, evocando uma perda de soberania e sugerindo que as decisões políticas nacionais são impostas por entidades supranacionais.

Ao apelar ao nacionalismo e à indignação popular, Ventura reforça a sua posição como defensor da identidade nacional contra ameaças externas e internas. Esta estratégia é amplamente utilizada no populismo de direita radical na Europa, onde a União Europeia é frequentemente retratada como um agente de interferência nas decisões soberanas dos Estados-membros. Assim, o apelo às emoções e ao nacionalismo não só fortalece a ligação entre o líder populista e o seu eleitorado, como também fomenta um clima de polarização e antagonismo político.

10.4 Criação de Inimigos Públicos

⁶⁰Ventura, 2024, 13'40s, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=odqWYVIB8NM>

A criação de inimigos públicos é uma estratégia recorrente no discurso populista, especialmente no populismo de direita radical. Esta abordagem consiste em identificar e amplificar a existência de grupos que, segundo o líder populista, representam uma ameaça aos interesses do "verdadeiro povo". No discurso de André Ventura, essa estratégia manifesta-se na construção de uma oposição entre cidadãos trabalhadores e aqueles que alegadamente beneficiam indevidamente do sistema de apoios sociais.

Um exemplo claro desta estratégia discursiva encontra-se no debate com António Costa, realizado em 2022, no qual Ventura declarou: "As nomeações de António Costa ultrapassaram os 11 milhões, só as nomeações do governo. A par, temos bombeiros que recebem 297€. Este é o seu legado, dê as voltas que quiser." ⁶¹

Nesta declaração, Ventura reforça um dos principais temas do populismo de direita: o ataque aos "subsídio-dependentes", retratando-os como um grupo parasitário que vive à custa dos cidadãos trabalhadores. Este tipo de retórica não só simplifica um problema socioeconómico complexo, mas também fomenta ressentimentos sociais ao sugerir que a responsabilidade pelas dificuldades económicas recai sobre determinados setores da população.

Ao criar um inimigo público interno, Ventura justifica políticas mais rígidas contra os apoios sociais e mobiliza o eleitorado através da indignação. Essa estratégia tem o efeito de polarizar o debate público e reforçar a perceção de que apenas o líder populista está disposto a enfrentar os supostos abusos do sistema, consolidando a sua base de apoio.

⁶¹Ventura, 2022, 18'35s, disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=a-JWXccTuso>

A análise do discurso de André Ventura permite identificar diversos indicadores populistas que caracterizam a sua comunicação política. Estes elementos discursivos, recorrentes nas suas intervenções públicas, evidenciam estratégias como a Dicotomia “Povo vs Elite”, Agressividade e Confronto, Simplificação de Problemas, entre outros.. A tabela seguinte sintetiza os principais indicadores de populismo presentes na sua retórica, sistematizando os mecanismos discursivos utilizados para reforçar a sua posição política e mobilizar o eleitorado.

Indicador Populista	Declaração de Ventura	Justificação e Referência Teórica
Dicotomia "Povo vs. Elite"	"O parlamento voltou as costas às pessoas." (Ventura, 3`30s, 2024, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=yVIalPCN1b4)	Segue a lógica populista de Cas Mudde (2004) onde o povo puro é antagonizado pela elite corrupta (Mudde, 2004).
Agressividade e Confronto	"Isto envergonha a democracia, envergonha o escrutínio a que um primeiro ministro deve estar sujeito e a proteção indevida de um secretário de estado ou adjunto reforça bem a ideia de que o governo só protege criminosos." (Ventura, 16`25s, 2024, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=5BY-6K3JdRU).	Demonstra o estilo combativo populista identificado por Hawkins (2009) e a retórica de "nós contra eles" (Hawkins, 2009).
Simplificação de Problemas	"Vocês querem é tudo o que é criminoso a entrar aqui para dentro. É isso que vocês querem!" (Ventura, 00`15s, 2025, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=z3Jz4UirzTg).	Reduz um problema complexo a uma solução simplista, característica central do populismo (Weyland, 2001).
Apelo às Emoções	"O sangue daquelas duas mulheres que morreram será para sempre recordado como um sangue de vítimas, mas o governo tem muita responsabilidade neste assunto." (Ventura, 2023, 05`50s, 2023, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=VLxTFv3Iy-E).	Exploração emocional do eleitorado, associando imigração a injustiça social (Canovan, 1999).
Uso de Inimigos Públicos	"À hora a que nos ouvem, os portugueses sabem que um dos grandes problemas que temos é com a comunidade cigana, em Portugal." (Ventura, 2022, 03`35s, disponível em	Radicalismo e Instabilidade (Laclau, 2005) Construção de um inimigo público para mobilizar apoio (Laclau, 2005).

	https://www.youtube.com/watch?v=7uQ4bB4BdyM&t=381s).	Deslegitimação das instituições democrática (Mudde e Kaltwasser, 2017).
Antissistema/ Anti-establishment	“Vamos fazer o Sistema Tremer” (Ventura, outdoor Lisboa, 2022)	Oposição ao sistema político dominant apresentado como corrupto ou ineficaz.
Desafiar o Status Quo	"Somos a oposição ao sistema e temos orgulho nisso!" (Ventura, 2022, 10'05s, disponível em https://www.youtube.com/watch?v=b3SYi7VyKvA&t=147s	Reforça a narrativa populista de <i>ant establishment</i> (Moffitt, 2016).

Tabela 2 Indicadores Populistas

Fonte: Elaboração Própria

Comparação entre as Eleições de 2022 e 2024

As eleições legislativas portuguesas de 2022 e 2024 marcaram uma mudança significativa no panorama político do país, especialmente no que diz respeito ao partido Chega e ao seu líder, André Ventura. Em 2022, o Chega obteve 7,18% dos votos, conquistando 12 deputados e estabelecendo-se como a terceira força política mais votada. Já em 2024, o partido alcançou um crescimento exponencial, obtendo 18,06% dos votos e elegendo 50 deputados, mantendo-se como a terceira força política, mas com um aumento expressivo de apoio.

Este crescimento notável entre as duas eleições reflete uma mudança substancial na paisagem política portuguesa. O Chega mais que duplicou a sua percentagem de votos e quadruplicou o número de deputados, consolidando-se como uma força política significativa e desafiando o tradicional bipartidarismo PS-PSD. A estratégia de campanha de André Ventura, caracterizada por uma abordagem populista e anti-establishment, parece ter ganhado maior eficácia em 2024.

O aumento expressivo do apoio ao Chega sugere uma crescente receptividade ao discurso populista na sociedade portuguesa. Enquanto em 2022 o partido era visto como uma força emergente de direita radical, em 2024 consolidou-se como um ator político importante, alterando o equilíbrio tradicional entre PS e PSD/AD. Este crescimento tem implicações

potencialmente profundas para a formação de governos e a dinâmica parlamentar futura em Portugal.

É importante notar que, apesar do crescimento significativo do Chega, a Aliança Democrática (coligação que inclui PSD, CDS-PP e PPM) venceu as eleições de 2024 com 29,49% dos votos, seguida de perto pelo PS com 28,66%. O Chega, embora tenha obtido um resultado expressivo, ficou em terceiro lugar com 18,06% dos votos.

Este cenário político mais fragmentado resultante das eleições de 2024 apresenta novos desafios para a governabilidade do país. O crescimento do Chega e de outras forças políticas menores, como a Iniciativa Liberal e o Livre, que também aumentaram sua representação, indica uma diversificação das opções políticas dos eleitores portugueses e potencialmente uma maior complexidade nas negociações e alianças parlamentares futuras.

11. A Evolução e Contradições do Discurso Populista de André Ventura

O carismático líder do partido Chega, no decorrer das eleições de 2022 e 2024, passou por uma significativa evolução, marcada por uma adaptação estratégica às circunstâncias políticas e por contradições, inerentes à própria natureza do populismo.

Nas eleições de 2022, Ventura consolidou-se como uma figura polarizadora, utilizando uma retórica combativa que apelava à insatisfação popular com a classe política tradicional. Baseado em temas como a insegurança, imigração, e a suposta impunidade das elites, o seu discurso dirigia-se, sobretudo, a uma classe média baixa ressentida e a setores conservadores da sociedade. Ventura criticava abertamente o “sistema”, denunciando o alegado afastamento das elites políticas em relação às “pessoas comuns”. Esse discurso era alimentado por uma estratégia de comunicação direta e simples, que procurava estabelecer uma dicotomia entre o “povo” e os “inimigos”, representados tanto pelas elites políticas e mediáticas como por grupos minoritários (Parrança, 2021).

No entanto, as eleições de 2024 trouxeram algumas transformações relevantes. Ventura, tomando em perceção a necessidade de alargar a base eleitoral para crescer politicamente, moderou alguns aspetos do discurso. Se em 2022 o tom era predominantemente de confronto, em 2024 optou por uma abordagem mais institucional em determinados contextos, procurando captar setores mais conservadores, mas menos radicais, da sociedade. Essa mudança refletiu-se, por exemplo, na tentativa de se distanciar de discursos explicitamente

extremistas, que em 2022 o aproximavam de movimentos populistas da extrema-direita europeia, como o de Marine Le Pen, em França, e Matteo Salvini, em Itália (Magalhães, 2023).

Contudo, essa moderação estratégica foi acompanhada por contradições. Ventura procurou manter a fidelidade do seu eleitorado mais radical, mas, em simultâneo, pretendia apelar a um público mais alargado. Esta duplicidade revelou-se no seu discurso: enquanto defendia medidas mais duras em temas como segurança e imigração, também tentava suavizar a sua imagem em debates mediáticos ou em eventos internacionais, buscando uma aceitação mais ampla. Essa ambiguidade gerou críticas tanto de apoiantes mais radicais, que o acusaram de abrandar a sua postura, como de opositores, que o consideravam incoerente e calculista (Rodrigues, 2022).

Outro ponto de contradição foi o posicionamento assumido por Ventura face às instituições democráticas. Enquanto, em 2022, Ventura atacava ferozmente a justiça e o parlamento, em 2024, com a sua crescente influência política, foi forçado a assumir uma postura de maior diálogo institucional, mesmo que mantendo uma retórica crítica. Essa evolução evidenciou as dificuldades de um líder populista em conciliar o papel de “*outsider*” com as exigências e responsabilidades de uma possível participação no governo (Parrança, 2022).

Em suma, o discurso populista de André Ventura nas eleições de 2022 e 2024 evoluiu de uma retórica radical e de confronto para uma abordagem mais moderada e estratégica. No entanto, essa transformação trouxe consigo inevitáveis contradições, pois Ventura necessitou de conciliar a radicalidade que mobilizou os seus apoiantes iniciais com a necessidade de conquistar novos setores eleitorais. A duplicidade do seu discurso reflete os desafios enfrentados pelos populistas quando procuram transitar de movimentos de protesto para alternativas políticas credíveis, no seio do sistema democrático.

Essa evolução e as contradições expõem a complexidade do populismo na tentativa de se afirmar dentro de sistemas democráticos que exigem compromisso e responsabilidade política.

12. Discussão dos Resultados

Este ponto da produção escrita visa analisar criticamente os resultados alcançados, relacionando-os com a literatura existente e discutindo as implicações do discurso de André Ventura no eleitorado e no sistema político português. A análise centra-se em duas dimensões

principais, nomeadamente, a polarização política e a transformação da comunicação política em Portugal.

No entanto, antes de analisar os dados, “é importante considerar as oportunidades e ameaças identificadas. O populismo desafia as estruturas de poder estabelecidas ao mobilizar amplos segmentos da população em prol de questões importantes e frequentemente negligenciadas. Os líderes populistas podem dar voz a grupos marginalizados e ignorados pela elite política, fomentando uma maior participação política e envolvimento cívico ao apelar diretamente aos sentimentos dos eleitores e abordar as suas preocupações.

Nada obstante, a democracia enfrenta desafios significativos trazidos pelo populismo. A simplificação em excesso de questões políticas complexas pode levar a soluções superficiais para problemas profundos e multifacetados. Utilizar discursos polarizadores e divisivos pode minar a coesão social e enfraquecer o tecido democrático, aumentando as tensões sociais e políticas. Os líderes populistas costumam atacar as elites políticas e os meios de comunicação tradicionais, minando a confiança nas instituições democráticas e no processo político em geral. Isso promove um clima de desconfiança e hostilidade que prejudica o funcionamento saudável da democracia” (Silva, 2024, p. 7).

O discurso populista de André Ventura revelou-se eficaz em mobilizar segmentos do eleitorado tradicionalmente alheios ao debate político. Este apelo baseia-se numa retórica emocional que contrapõe 'o povo honesto' às 'elites corruptas'. Segundo Magalhães (2023), 73% dos eleitores portugueses acreditam que as elites estão desconectadas das preocupações reais do povo, uma perceção habilmente explorada por Ventura. Além disso, o uso de figuras públicas como 'inimigos' reforçou a polarização eleitoral, dividindo os portugueses em torno de questões como imigração e justiça criminal.

A ascensão do Chega não só polarizou o eleitorado como também alterou profundamente o cenário político português. A retórica polarizadora e o estilo confrontacional de Ventura trouxeram novos temas para o centro do debate público, como a imigração e a segurança. Esta influência foi amplificada pelas redes sociais, que permitiram uma comunicação direta com o eleitorado, contornando os media tradicionais. De acordo com Martins (2022), o Facebook e o Twitter foram plataformas-chave para disseminar mensagens simplificadas e polarizadoras, atraindo eleitores descontentes e promovendo a mobilização digital.

A análise demonstrou que a retórica polarizadora de Ventura, que contrapõe 'os portugueses de bem' às 'elites corruptas' e a 'grupos privilegiados', desempenha um papel central na mobilização de eleitores descontentes. De acordo com Mudde (2004), esta dicotomia maniqueísta é uma característica central do populismo, sendo eficaz em contextos de insatisfação política e económica. Em Portugal, onde os níveis de confiança nas instituições são historicamente baixos (Magalhães, 2023), Ventura conseguiu canalizar este descontentamento, reforçando divisões entre grupos sociais e contribuindo para a fragmentação política em território nacional, juntamente com o surgimento de outras novas forças políticas (Afonso, 2022).

Juntamente a esta retórica polarizadora, o impacto do discurso populista no eleitorado e no sistema político português é inegável. Se, por um lado, a ascensão de Ventura e do Chega trouxeram novos temas ao debate público, por outro, este fenómeno contribuiu para a polarização social e política, amplificada pelas redes sociais. Este cenário sublinha a importância de compreender e mitigar as consequências negativas do populismo no contexto democrático português.

Os resultados apresentados evidenciam uma utilização reiterada de estratégias discursivas que enquadram Ventura como um representante autêntico do povo contra um sistema alegadamente corrupto e distante. A frequente oposição a grupos minoritários ou às elites é acompanhada por uma linguagem emocional e simplificada, concebida para reforçar a ideia de proximidade com as preocupações populares.

Nesta secção, é realizada uma análise mais aprofundada dos resultados obtidos, procurando estabelecer as ligações entre os indicadores de populismo identificados no discurso de André Ventura e as mudanças no comportamento eleitoral e na polarização política em Portugal. Além disso, será discutido o papel das redes sociais na amplificação das estratégias populistas e na sua influência no cenário político atual.

12.1 A Ascensão de André Ventura e a Polarização Política em Portugal

A ascensão de André Ventura, líder do partido Chega, tem assumido um papel central na reconfiguração do panorama político português nos últimos anos. A análise do seu desempenho nos debates televisivos das eleições legislativas de 2022 e 2024 revela um padrão reiterado de retórica populista, assinalado pela construção de uma narrativa dicotómica entre “o povo” e “a elite política”. Esta lógica confrontacional tem sido instrumental na consolidação da sua base de apoio, assim como na intensificação da polarização política em Portugal.

A crescente visibilidade de Ventura no espaço mediático e a eficácia do seu discurso na mobilização de setores da população desiludidos com os partidos tradicionais sugerem uma deslocação significativa no eixo do debate político. A retórica adotada — frequentemente agressiva e dirigida contra os partidos de esquerda, os meios de comunicação social e os representantes institucionais — tem contribuído para acentuar clivagens ideológicas e para cristalizar posições antagónicas entre os que apoiam e os que rejeitam o projeto político do Chega.

A polarização resultante não se traduz apenas numa divisão eleitoral, mas reflete uma mudança mais profunda nas perceções sociais sobre autoridade, representação e pertença política. Este fenómeno, ao reforçar antagonismos e simplificar a complexidade dos desafios democráticos, coloca questões relevantes sobre a sustentabilidade do diálogo democrático e sobre o papel dos media e das instituições no equilíbrio entre pluralismo e radicalização.

12.2 Impacto do Populismo de Ventura no Eleitorado

A análise do impacto dos discursos de André Ventura no eleitorado português requer uma leitura integrada dos efeitos políticos e sociais provocados pela sua retórica. No decurso da presente investigação, foram identificadas diversas estratégias discursivas cujos efeitos não se esgotam na dimensão comunicativa, repercutindo-se de forma concreta nas dinâmicas de representação e participação política (Parrançã, 2022).

Especificamente no plano eleitoral, constata-se que a mensagem populista de Ventura tem gerado repercussões em vários segmentos da população, com particular incidência entre os mais jovens e entre cidadãos que manifestam desconfiança ou desencanto em relação aos partidos tradicionais. Mais do que captar o voto destes eleitores, o seu discurso tem contribuído

para reconfigurar os termos do debate político, deslocando o foco para questões securitárias, morais e identitárias, frequentemente enquadradas de forma polarizadora (Matos, 2022).

Importa salientar que o impacto do populismo de Ventura se manifesta numa dupla dimensão. Por um lado, exerce um efeito mobilizador ao conferir visibilidade a setores da população que se sentem excluídos dos processos decisórios, promovendo um sentimento de representação direta. Por outro, intensifica processos de fragmentação discursiva, fomentando uma lógica de confronto que tende a enfraquecer o espaço deliberativo e a comprometer os níveis de confiança nas instituições democráticas. Adicionalmente, essa lógica favorece a emergência de clivagens sociais — divisões persistentes na sociedade que influenciam as preferências partidárias e as relações entre grupos, com base em fatores como classe social, religião ou nacionalidade (Parrança, 2022).

Ainda que enraizado no contexto português, este fenómeno reflete tendências mais vastas observadas em várias democracias contemporâneas, onde o populismo de direita radical tem emergido como uma força política disruptiva. Os efeitos cumulativos deste tipo de discurso não devem, portanto, ser entendidos como isolados, mas como expressão de uma dinâmica global que vem ocupando um espaço crescente nas agendas e nos panoramas políticos nacionais.

O caso português, com as suas especificidades históricas e institucionais, confirma esta tendência e evidencia a necessidade de uma análise contínua e aprofundada das consequências do populismo, não apenas no plano eleitoral, mas, sobretudo, no que respeita à qualidade do debate democrático e à robustez das instituições representativas.

12.3 Consequências para o cenário político português

A polarização que acompanha o discurso de Ventura e a sua célere ascensão têm diversas implicações no que ao cenário político português diz respeito. O fortalecimento do partido e a crescente fragmentação do sistema partidário sugere que o ecossistema político nacional está a mudar para um modelo mais dividido, com a emergência de novas linhas de confronto entre partidos tradicionais e a direita radical, especialmente o centro e a esquerda.

Caso o partido Chega continue a expandir a sua base de apoiantes, será possível assistir a uma reconfiguração do sistema político, especialmente devido ao facto da direita ser cada vez mais dominada por discursos populistas, enquanto os tradicionais partidos (PSD e o PS), podem

ser forçados a ajustar estratégias, de modo a responder ao desafio crescente que representa a ascensão de figuras como Ventura.

Em síntese, a análise dos resultados relativos ao discurso de André Ventura e ao impacto do populismo no eleitorado português evidencia uma transformação substancial no panorama político nacional. As redes sociais emergem como um vetor central na amplificação dessas dinâmicas, promovendo a ascensão de uma configuração política caracterizada por uma maior polarização e volatilidade. O futuro da política em Portugal dependerá, em grande medida, da capacidade dos partidos tradicionais de se adaptarem a este novo contexto, bem como da resposta do eleitorado às mudanças estruturais e discursivas em curso.

Em suma, os resultados desta investigação evidenciam como o discurso populista de André Ventura tem contribuído para a polarização política em Portugal, ao mesmo tempo que transformou significativamente o panorama comunicacional e partidário. Contudo, as implicações a longo prazo, como o impacto na coesão social e a qualidade do debate democrático, requerem atenção adicional e investigação futura.

Perante os dados, é pertinente referir dados quantitativos que evidenciem este fenómeno desde a ascensão do partido Chega. Um estudo publicado no jornal *Público* a 1 de julho de 2024 revela que três quartos dos jovens portugueses possuem uma visão política polarizada, tendendo a posicionar-se nos extremos do espectro político, com uma inclinação mais acentuada à direita. Este comportamento reflete-se no aumento do apoio a partidos como o Chega, indicando uma crescente polarização entre os jovens eleitores (Durães, 2024).

Adicionalmente, os resultados eleitorais recentes demonstram um crescimento significativo do Chega. Nas eleições legislativas de 2024, o partido obteve 18,1% dos votos, um aumento substancial comparado com os 7,2% alcançados em 2022 e os 1,3% em 2019. Este incremento no apoio eleitoral sugere uma mudança no panorama político português, com uma maior expressão de posições políticas mais polarizadas (Lisi, 2022).

Estes dados quantitativos corroboram a tese de que o discurso populista de André Ventura e a ascensão do Chega têm contribuído para a polarização política em Portugal, especialmente entre os jovens eleitores.

Conclusão

A corrente investigação teve enquanto principal objetivo analisar o discurso político de André Ventura, figura central no atual panorama político nacional e fundador do partido Chega. A sua célere ascensão tem vindo a marcar uma rigorosa mudança no panorama partidário nacional nos debates televisivos das Eleições legislativas, correspondentes aos anos 2022 e 2024, à luz dos principais indicadores de populismo de direita radical. Através do recurso de uma abordagem qualitativa e de análise discursiva, foi possível enumerar um coerente conjunto de estratégias comunicacionais que refletem os traços centrais do populismo contemporâneo. Nomeadamente, a oposição entre “povo puro” e a “elite corrupta”, exclusão de grupos minoritários, simplificação de complexos problemas sociais e a recorrente dramatização da crise como instrumento de mobilização política.

Resultando da análise empírica é possível constatar que Ventura se remete a uma retórica intensamente polarizadora, centrada maioritariamente em temas como a segurança, imigração, justiça e corrupção. Estas temáticas encontram-se sustentadas na afirmação de uma ordem moral alternativa e na construção de determinados antagonismos identitários. A sistemática utilização de temas controversos, aliados ao seu estilo emocional e combativo, inserem o discurso de Ventura no panorama populista de direita radical, tal como definido por autores como Canovan e Mudde.

Embora este fenómeno represente uma novidade no contexto político nacional, autores como Mudde (2004) e Laclau (2005) demonstram que as estratégias de Ventura replicam padrões e comportamentos amplamente observados noutros líderes populistas europeus. Dessa forma, os resultados desta investigação, referem que o discurso analisado se enquadra plenamente nos padrões teóricos e discursivos definidos pela literatura sobre populismo de direita radical. Nesse intuito, as estratégias retóricas adotadas (dicotomia “nós vs eles”, mobilização emocional, personalização do poder, segurança nacional...) confirmam que este caso segue uma trajetória idêntica à de outras experiências europeias. Desse modo, mais do que inovar ou contrariar face ao conhecimento estabelecido, o caso do Chega e de Ventura confirmam as tendências registadas em líderes populistas de outros países, evidenciando que, apesar da singularidade no espaço político nacional, a atuação política e a retórica não correspondem a uma significativa rutura no panorama europeu do populismo contemporâneo.

Neste sentido, a investigação aqui retratada contribui para a compreensão do populismo em Portugal, em simultâneo que abre caminho a investigações futuras sobre a

evolução do discurso populista no país, a sua aceitação social e principais impactos nas demais instituições democráticas. Deste modo, a investigação demonstra a compatibilidade dos discursos proferidos por Ventura com o modelo europeu de populismo de direita radical, demonstrando a integração numa tendência política mais ampla, consolidada e vastamente documentada na literatura académica.

Neste ponto, importa ainda reconhecer as limitações inerentes à presente investigação. A análise centrou-se exclusivamente nos debates televisivos das eleições legislativas de 2022 e 2024, o que constitui apenas uma residual fração do universo comunicacional de André Ventura. Neste sentido, não foram consideradas outras dimensões relevantes, como o discurso em redes sociais, sociais ou intervenções parlamentares, que poderiam facilmente fornecer dados complementares sobre a consistência ou variação da retórica populista. Neste sentido, investigações futuras poderão ampliar o escopo empírico, explorando não apenas a diversidade de plataformas utilizadas, mas também a receção mediática e social do seu discurso, a eficácia comunicacional junto do eleitorado, assim como o impacto institucional da sua presença no sistema partidário português.

Bibliografia

Afonso. (2022). *A liderança carismática no projeto populista do Chega*. Obtido a 07/10/2024, de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/81643/1/Andre%20Santos%20Afonso.pdf>

Amador. (2010). *Arquitetura do saber - Tipos de métodos científicos*. Obtido a 23/09/2024, de http://sites.fcsh.unl.pt/docentes/cceia/images/stories/disciplinas/PhD%20Didactica%20LE/tipos_mét_cientificos.pdf

Aquino. et al. (2020). *Argumentação e Discurso: Fonteiras e Desafios*. Obtido a 20/09/2024, de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/127670/2/404527.pdf>

Azevedo. (2023). *Reflexões sobre o Conceito de Populismo*. Obtido a 17/09/2024, de <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/38938/1/Monografia%20Dilvan%20Azevedo.pdf>

Baptista. (2006). *Discurso Político*. Obtido a 02/07/2024, de <https://sebentadigital.com/wp-content/uploads/2011/10/O-DISCURSO-POL%C3%8DTICO-caracteristicas.pdf>

Baptista. (2024). *A Comunicação Social é um dos Derrotados*. Obtido a 07/10/2024, de <https://corta-fitas.blogs.sapo.pt/a-comunicacao-social-e-um-dos-8191326>

Basílio. (2021). *Populismo*. Obtido a 17/09/2024, de https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/11478/1/8497_18598.pdf

Batista. (2022). *Populismo contemporâneo português: O Chega e a Comunicação Política*. Obtido a 20/09/2024, de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/82885/1/Ana%20Raquel%20Ribeiro%20Batista.pdf>

Belfi. (2023). *O anti-globalismo na política externa brasileira: Ernesto Araújo e o Populismo de extrema-direita (2019-2021)*. Obtido a 22/07/2024, de <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/bitstream/1/20777/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Lucca%20Giannini%20Palermo%20Moreno%20Belfi%20-%202023%20-%20Completa.pdf>

Betz. (1994). *Radical Right- Wing Populism in Western Europe*. 1ªed. Londres: Macmillan Press.

Black. (2011). *Politicians and Rhetoric: The Persuasive Power of Metaphor*. Palgrave Macmillan.

Caldeira. (2023). *O discurso político como fábrica de realidades: a narrativa de Volodymyr Zelensky da guerra russo-ucraniana entre fevereiro e abril de 2022*. Obtido a 01/07/2024, de <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/44634/1/203564260.pdf>

Canovan. (1999). *Trust the People! Populism and the Two Faces of Democracy*. *Political Studies*. XLVII, 2-16.

Carvalho. (2017). *A abstenção eleitoral em Portugal nas eleições legislativas, presidenciais e europeias, dos últimos 40 anos*. Obtido a 10/10/2024, de <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/23299/1/Tese%20versao%20definitiva-%20V2.pdf>

Carvalho. (2020). “*Understanding the electoral breakthrough of extreme right parties: the end of Portuguese’s exceptionalism in the late 2010s*”, *Parliamentary Affairs*, Edi. 2022, (1-21);

Chaui. (2000). *Convite à Filosofia*. Obtido a 23/07/2024, de https://home.ufam.edu.br/andersonlfc/Economia_Etica/Convite%20%20Filosofia%20-%20Marilena%20Chaui.pdf

Chilton. (2004). *Analyzing Political Discourse: Theory and Practice*. Routledge.

Colen. (2021). *O pensamento de Raymond Aron*. Obtido a 30/12/2024, de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/77742/1/O%20Pensamento%20de%20Raymond%20Aron%20%E2%80%93%20Ensaio%20e%20Interpreta%C3%A7%C3%B5es.pdf>

Conti. (2023). “*Supremo é o povo*”: *Retórica populista na atuação do supremo tribunal federal entre 2013 e 2020.*” Obtido a 30/12/2024, de <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/251366/PDPC1695-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Cruz. (2023). *A narrativa populista do Chega na Assembleia da República*. Obtido a 28/03/2025, de https://estudogeral.uc.pt/retrieve/272889/8-4-2024_MJC_Final_PDF.pdf

Dias. (2020). “O Messias já chegou e librerá ‘as pessoas de bem’ dos corruptos: messianismo político e legitimação popular, os casos Bolsonaro e André Ventura”, *Polis*, Vol. 2, Nº 2 (49-60);

Dijk. (1998). *Ideology: A Multidisciplinary Approach*. SAGE.

Durães. (2024). *Três quartos dos jovens portugueses têm uma visão polarizada da política — e mais à direita*. Obtido a 23/01/2024, de https://www.publico.pt/2024/07/01/p3/noticia/tres-quartos-jovens-portugueses-visao-polarizada-politica-direita-2095570?utm_source=chatgpt.com

Eatwell. & Goodwin. (2018). *Populismo - A revolta contra a Democracia Libera*. Obtido a 12/02/2025, de <https://kar.kent.ac.uk/93253/>

Fairclough. (2001). *Language and Power*. Longman.

Ferreira. (2021). *Populism and Criminal Justice: Penal Populism in Contemporary Europe*. Routledge.

Figueiras. (2024). *Eleições legislativas e debates: algoritmos vs. Media*. Obtido a 07/10/2024, de <https://www.publico.pt/2024/02/05/opinioao/opinioao/eleicoes-legislativas-debates-algoritmos-vs-media-2079271>

Flood. (1997). *Pierre-André Taguieff and the Dilemmas of Antiracism*. Obtido a 18/08/2024, de <https://www.jstor.org/stable/26288071>

Freitas. (2020). *O Populismo Político e o Parlamento Europeu: Estudo sobre os desafios à maior instituição democrática supranacional*. Obtido a 23/01/2025, de https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/69235/1/Tiago%20Soares%20Freitas.pdf?utm_source=chatgpt.com

Freixo, M. J. V. (2009). – *Metodologia científica: fundamentos, métodos e técnicas*. Instituto Piaget.

Gomes. (2024). *Extrema-direita ainda não fez descarrilar integração europeia*”, mas isso pode mudar se governar em França, alerta ex-conselheiro de Delors. Obtido a 22/07/2024, de <https://expresso.pt/internacional/uniao-europeia/2024-07-05-extrema-direita-ainda-nao-fez-descarrilar-integracao-europeia-mas-isso-pode-mudar-se-governar-em-franca-alerta-ex-conselheiro-de-delors-4a55b15b>

Gonçalves. (2022). *Populismo: Lá fora e cá dentro*, de José Pedro. Obtido a 05/11/2024, de <file:///C:/Users/berna/Downloads/29326-Texto%20do%20Trabalho-124942-1-10-20230122.pdf>

Hawkins. (2009). “Is Chávez Populist? Measuring Populist Discourse in Comparative Perspective” *Comparative Political Studies*, Vol. 42, N°8, (1040-1067);

Laclau. (2005). “What’s in a Name?”, *Populism and the Mirror of Democracy*, Verso, London – New York (32-49);

Lisi. (2022). *Os grupos de interesse no sistema político português*. Obtido a 23/01/2024, de <https://ffms.pt/sites/default/files/2022-08/estudo-os-grupos-de-interesse-no-sistema-politico-portugues.pdf>

Lusa. (2022). *André Ventura diz que há três razões "fundamentais" para pedir apreciação de diploma do SNS*. Obtido a 07/10/2024, de <https://observador.pt/2022/08/05/andre-ventura-diz-que-ha-tres-razoas-fundamentais-para-pedir-apreciacao-de-diploma-do-sns/>

Magalhães. (2023). *Uma análise temática à imprensa partidária portuguesa: o caso da Folha Nacional*. Obtido a 14/09/2024, de <https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/13320/9539>

Marchi. (2020). “A Nova Direita Anti-Sistema: O Caso do Chega”. Lisboa, Grupo Almedina;

Marques. et al. (2023). *Populismo(s) e suas Linguagens*. Obtido a 01/07/2024, de https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/81320/1/Populismos%20e%20suas%20linguagens_DIGITAL.pdf

Martins. (2022). *A voz da periferia. Rompendo fronteiras ideológicas*. Obtido a 05/11/2024, de <https://rima.ufrj.br/jspui/bitstream/20.500.14407/10099/3/2022%20-%20Fabiane%20Silva%20Martins.pdf>

Matos. (2022). *O Uso do Humor e da Irreverência como Estratégia de Comunicação Política O caso da Iniciativa Liberal nas Europeias e Legislativas de 2019*. Obtido a 15/05/2025, de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/141498/2/563882.pdf>

Mendes. (2024). *Traços e Características Pessoais de Comunicação – André Ventura*. Obtido a 09/10/2024, de <https://eba.edu.pt/comunicacao-politica/tracos-e-caracteristicas-pessoais-de-comunicacao-andre-ventura/>

Moffitt. (2016). “*The global rise of populism: performance, political style, and representation*”, *Stanford University Press*. Obtido a 15/11/2024.

Monteiro. (2022). *A história do populismo em Portugal é longa. Está entranhada, não pode ser desvalorizada*. Obtido a 10/10/2024, de <https://rr.sapo.pt/noticia/politica/2022/04/07/a-historia-do-populismo-em-portugal-e-longa-esta-entranhada-nao-pode-ser-desvalorizada/279339/>

Moreira. et al. (2017). *Comunicação e Política: Tempos, Contextos e Desafios*. Obtido a 02/07/2024, de https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/45022/1/Moreira_Ana_et-al._2017-comunicacao-politica.pdf

Mudde. (2004). *The Populist Zeitgeist*. Obtido a 10/02/2025, de <https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/2CD34F8B25C4FFF4F322316833DB94B7/S0017257X00002372a.pdf/div-class-title-the-populist-zeitgeist-div.pdf>

Mudde. & Kaltwasser. (2017). *Studying populism in comparative perspective: reflections on the contemporary and future research agenda*. *Comparative Political Studies*. Obtido a 30/08/2024, de <https://doi.org/10.1177/0010414018789490>

Nascimento. (2019). *O populismo na perspetiva de Ernesto Laclau: uma alternativa para a esquerda?* Obtido a 30/12/2024, de https://periodicos.uff.br/revista_estudos_politicos/article/view/39849/22934

Nogueira. (2001). *Análise do Discurso*. Obtido a 03/07/2024, de https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4355/1/Capitulo_analise%20do%20discurso_final1.pdf

Norris. & Inglehart. (2019). *Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism*. Cambridge University Press.

Observador. (2024). *SOS Racismo apela a medidas de combate à violência xenófoba contra migrantes*. Obtido a 07/10/2024, de <https://observador.pt/2024/09/13/sos-racismo-apela-a-medidas-de-combate-a-violencia-xenofoba-contramigrantes/>

Palma. (2020). *Chega. As mil e uma polémicas de André Ventura na política*. Obtido a 12/02/2025, de [Chega. As mil e uma polémicas de André Ventura na política - Renascença](#)

Palma. et al. (2021). *André Ventura: a criação da celebridade mediática*. Obtido a 12/02/2025, de <https://medialab.iscte-iul.pt/andre-ventura-a-criacao-da-celebridade-mediatica/>

Pappas. (2019). *Populism and Liberal Democracy: A Comparative and Theoretical Analysis*. Oxford University Press.

Parrança. (2021). *O populismo de André Ventura: uma análise discursiva da campanha para as eleições presidenciais de 2021*. Obtido a 14/09/2024, de <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/24469/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20Adriana%20Isabel%20Marques%20Parran%C3%A7a.pdf>

Penela. (2020). *André Ventura "propõe" que Joacine "seja devolvida ao seu país de origem". Livre queixa-se de racismo*. Obtido a 13/02/2025, de <https://observador.pt/2020/01/28/andre-ventura-propoe-que-joacine-seja-devolvida-ao-seu-pais-de-origem-livre-queixa-se-de-racismo/>

Pereira. (2020). “Put your action where your mouth is: A relação entre atitudes populistas e participação política em Portugal”, *SciELO, Relações Internacionais*, (57-72);

Pereira. (2023). *Discurso de ódio e antidemocrático da extrema direita: os impactos para a erosão democrática e o aumento de violência contra minorias*. Obtido a 07/10/2024, de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/154747/2/648958.pdf>

Perelman. & Tyteca. (1958). *Traité de l'argumentation: La nouvelle rhétorique*. Presses Universitaires de France.

Priester. (2011). *Definitionen und Typologien des Populismus*. *Soziale Welt*, 62, 185–198. Obtido a 18/08/2024, de <https://www.nomos-elibrary.de/10.5771/0038-6073-2011-2-185/definitionen-und-typologien-des-populismus-volume-62-2011-issue-2?page=1>

Prodanov. & Freitas. (2013). *Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Académico*. Obtido a 03/09/2024, de <https://www.feevale.br/Comum/midias/0163c988-1f5d-496f-b118-a6e009a7a2f9/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>

Quivy. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva;

Reis. (2020). “*André Ventura – por Portugal pelos portugueses*”, *Revista Movimentação*, Vol. 7, Nº13, (73-90);

Rocha. (2022). *Ventura foi “a grande viragem” no discurso populista em Portugal*. Obtido a 05/11/2024, de <https://rr.sapo.pt/especial/politica/2022/01/14/ventura-foi-a-grande-viragem-no-populismo-em-portugal-isso-pode-contagiar-outros-partidos/268266/>

Rodrigues. (2022). *Os confrontos éticos e deontológicos dos jornalistas na cobertura dos partidos de direita radical populista*. Obtido a 14/09/2024, de <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/40474/1/203228251.pdf>

Rooduijn, M. (2018). *What unites the voter bases of populist parties? Comparing the electorates of 15 populist parties*. *European Political Science Review*, 10(3), 351-368.

Salgado. (2018). “*Where’s populism? Online media and the diffusion of populist discourses and styles in Portugal*”, *European Political Science*, Vol. 18, (53-65);

Sandes. et al. (2024). *Traços Populistas em Estratégias de Comunicação no Facebook: Uma Análise das Publicações de André Ventura e Eduardo Bolsonaro nas Campanhas Eleitorais de 2022*. Obtido a 09/10/2024, de <https://www.revistacomunicando.sopcom.pt/index.php/comunicando/article/view/371/326>

Santana. (2021). “*A Direita Radical Populista em Portugal*”, *Observatório Político*, Nº 102, (1-18);

Santos. (2020). “*O poder popular não precisa mais de intermediação*”: populismo como estratégia comunicativa de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018. Obtido a 21/07/2024, de <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/28639/Disserta%c3%a7%c3%a3o%20Karina%20Santos%20PPGCOM%20UFF%20-%20Final%20-%20Karina%20Dos%20Santos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

Serrano. (2020). “*Populismo em Portugal: o fator media*” *Media & Jornalismo*. Vol. 20, Nº 37, (221-239);

Silva. (2019). *O Populismo e as Redes Sociais: O Caso de André Ventura e a Utilização do Facebook durante as Eleições Europeias de 2019*. Obtido a 22/07/2024, de <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/30976/1/TESE%20FINAL%20PDF.pdf>

Silva. (2021). ‘*O populismo de Bolsonaro: uma análise das eleições presidenciais brasileiras de 2018*’. Obtido a 30/12/2024, de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/76628/1/Armando%20Barreiros%20Silva.pdf>

Silva. (2024). *O Populismo e as suas Influências nas Campanhas Eleitorais*. Obtido a 05/01/2025, de [file:///C:/Users/berna/Downloads/REVISTO_2191226_NatachaSilva_O+populismo+e+a+sua+influ%C3%Aancia+nas+campanhas+eleitorais+\(1\).pdf](file:///C:/Users/berna/Downloads/REVISTO_2191226_NatachaSilva_O+populismo+e+a+sua+influ%C3%Aancia+nas+campanhas+eleitorais+(1).pdf)

Silva. (2024). *O populismo e a sua influência nas campanhas eleitorais*. Obtido a 05/01/2025, de [file:///C:/Users/berna/Downloads/REVISTO_2191226_NatachaSilva_O+populismo+e+a+sua+influ%C3%Aancia+nas+campanhas+eleitorais+\(1\).pdf](file:///C:/Users/berna/Downloads/REVISTO_2191226_NatachaSilva_O+populismo+e+a+sua+influ%C3%Aancia+nas+campanhas+eleitorais+(1).pdf)

Silva. & Baron. (2021). *A noção de representação política em Ernesto Laclau: populismo e democracia*. Obtido a 23/07/2024, de <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/xNL7RzSHdRg3z73Sx5TPRgC/#>

Siomos. et al. (2017). *Extreme right-wing populism in Europe: revisiting a reified association*. *Critical Discourse Studies*.

Sousa. (2023). “*Ocupar*” a Democracia: um conceito antigo – uma política nova. *Movimentos sociais e Democracia no século XXI*. Obtido a 03/04/2025, de

<https://estudogeral.uc.pt/retrieve/273716/UC.%20Tese.%20Jos%C3%A9%20P%C3%A9rico%20Pereira%20de%20Sousa.%20Ocupar%20a%20democracia.%20Uma%20ideia%20antiga%20-%20uma%20pol%C3%ADtica%20nova.pdf>

Ventura. (2024). *Imigrantes mais fáceis de integrar*. Obtido a 11/02/2025, de <https://www.youtube.com/shorts/NXZusLvrwhA>

Weyland. (2001). *Clarifying a Contested Concept: Populism in the Study of Latin American Politics*. *Comparative Politics*, Vol. 34, Nº1 (1-22).

Wodak. (2015). *The Politics of Fear: What Right-Wing Populist Discourses Mean*. Obtido a 07/03/2025, de <https://sk.sagepub.com/book/mono/preview/the-politics-of-fear.pdf>

Zielonka. (2015). *Media and Politics in New Democracies*. Obtido a 12/02/2025, de https://books.google.pt/books?hl=pt-PT&lr=&id=dvmJCgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PP1&dq=Media+and+Politics+in+New+zielonka%0D%0ADemocracies:+Europe+in+a+Comparative+Perspective&ots=bIfNyKias4&sig=R9BMCDJQEbZ9L_fjV8_0Xx6l7U8&redir_esc=y#v=onepage&q=Media%20and%20Politics%20in%20New%20zielonka%20%20Democracies%3A%20Europe%20in%20a%20Comparative%20Perspective&f=false